

NELMA EUGENIA SVIZZERO

**Sexualidade e identidade feminina em “Iracema” de  
José de Alencar: da literatura romântica de  
vestibular à visão crítica dos vestibulandos**



NELMA EUGENIA SVIZZERO

# **Sexualidade e identidade feminina em “Iracema” de José de Alencar: da literatura romântica de vestibular à visão crítica dos vestibulandos**

Trabalho de Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Regina Momesso

ARARAQUARA – SP.  
2018

Svizzero, Nelma Eugenia

Sexualidade e identidade feminina em "Iracema" de José de Alencar: da literatura romântica de vestibular à visão crítica dos vestibulandos / Nelma Eugenia Svizzero – 2018  
165 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Maria Regina Momesso

1. Sexualidade. 2. Identidade Feminina. 3. Resignificação Discursiva. 4. Literatura. 5. Romance Iracema. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

NELMA EUGENIA SVIZZERO

## **Sexualidade e identidade feminina em “Iracema” de José de Alencar: da literatura romântica de vestibular à visão crítica dos vestibulandos**

Trabalho de Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Regina Momesso

Data da defesa: 18/01/2018

### **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Profa. Dra. Maria Regina Momesso**  
Universidade Estadual Paulista – UNESP.

---

**Prof. Dr. Vagner Sérgio Custódio**  
Universidade Estadual Paulista – UNESP.

---

**Profa. Dra. Valéria Cristina Gimenes Prado**  
Universidade EDUCAE Ribeirão Preto, SP.

**Local:** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer algumas pessoas que contribuíram para a realização desse sonho. Primeiramente a minha orientadora a Profa. Dra. Maria Regina Momesso, pela pessoa amiga e profissional que é.

Agradeço também aos membros da Banca, os Professores Dr. Vagner Sérgio Custódio e a Dra. Valéria Cristina Gimenes Prado.

Agradeço muitíssimo a minha família, em especial a minha tia querida a Profa. Dra. Glória Maria Palma, por todo incentivo recebido e ao meu muito amado pai, Sr. José Svizzero Filho, que me acompanhou em todos os momentos de aulas, palestras, congressos, encontros, em todas as viagens à Araraquara sem o qual não teria sido possível.

O meu muito obrigado.

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora que me acompanharam em todos os momentos e pelos livramentos que tivemos no decorrer das nossas viagens.

Deus, muito obrigada!

## Resumo

O romance indianista romântico *Iracema*, de José de Alencar, objeto de leitura para o vestibular, pode ganhar novas dimensões significativas para os leitores jovens se práticas de ressignificação discursiva forem adotadas no processo de orientação da decodificação da obra e como subsídio para a Educação Sexual formal dentro da escola. Além das informações sobre as condições de produção do romance, incluindo a estética romântica, a temática indianista, e o projeto nacionalista do autor, é assaz enriquecedora a atualização do seu conteúdo tendo em vista o horizonte de expectativa dos novos leitores da literatura canônica. Esta prática de leitura literária é de extrema importância para o jovem refletir sobre temáticas da sexualidade e especialmente sobre a identidade feminina tanto dentro da ficção da obra canônica quanto na realidade de sua vida cotidiana. Portanto os principais objetivos aqui propostos são: identificar no texto romântico a presença de discursos sobre a sexualidade e a identidade feminina, com análise da sua formatação idealista e nacionalista conforme os postulados da estética romântica e seus objetivos de origem europeia adaptados aos interesses do movimento no contexto histórico social brasileiro do século 19; para em seguida por meio dessas práticas de leitura da obra literária promover subsídios para uma educação sexual formal dentro do âmbito escolar. Para tanto serão utilizadas como referências as obras de críticos consagrados como Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Luiz Roncari entre outros. Em relação ao processo de ressignificação da temática sobre a sexualidade e identidade do feminino, além da colaboração da leitura crítica dos vestibulandos, será adotada como metodologia as orientações da análise do discurso francesa e as reflexões foucaultianas sobre a sexualidade, a discursivização, os mecanismos de controle discursivo assim como seu conceito de sujeito discursivo. As novas ciências da linguagem possibilitam, com suas novas ferramentas de análise, ampliar a discussão sobre a realidade histórica e cultural contemporânea por meio de novos formatos de leitura sem declinar das obras canônicas; bem como promover subsídios à criação de produtos para uma educação sexual formal, tais como, workshops, palestras, entre outros.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Identidade Feminina, Ressignificação Discursiva, Literatura, Romance *Iracema*.

## Abstract

José de Alencar's romantic indianist novel *Iracema*, which is the subject of reading for college entrance examinations, may gain new dimensions for young readers if discursive re-signification practices are adopted in the process of guiding the decoding of the work and as a subsidy for formal Sexual Education within the school. In addition to information on the production conditions of the novel, including romantic aesthetics, indianist issue and the author's nationalist project, it is very enriching the updating of its content in view of the horizon of expectation of the new readers of the canonical literature. This practice of literary reading is of extreme importance for young people to reflect on the themes of sexuality and especially on the feminine identity both within the fiction of the canonical work and in the reality of their daily life. Therefore, the main objectives proposed here are: to identify in the romantic text the presence of discourses on sexuality and feminine identity, analyzing their idealistic and nationalistic forms according to the postulates of romantic aesthetics and the objectives of European origin adapted to the interests of the movement in the Brazilian social historical context of the 19th century; and then through these practices of reading the literary work to promote subsidies for a formal sexual education within the school context. For this purpose, the works of critics such as Antonio Cândido, Alfredo Bosi, Luiz Roncari among others, will be used as reference. Regarding the process of re-signification on sexuality and feminine identity, besides the collaboration of the critical reading of the students, the methodology will be based on the premises of the French discourse analysis and the Foucaultian reflections on sexuality, discursivization, the mechanisms of discursive control as well as its concept of discursive subject. With new tools of analysis, the new language sciences enable us to broaden our discussion of contemporary historical and cultural reality through new modes of reading without declining canonical works, either in national or universal literature; as well as to promote subsidies for the creation of products for a formal sex education, such as workshops, lectures, among others.

**Keywords:** Sexuality, Feminine Identity, Discursive Re-signification, Literature, *Iracema* Novel.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Idade	134
<b>Gráfico 2</b>	Curso	134
<b>Gráfico 3</b>	Sexo	134



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Pergunta 01	138
<b>Figura 2</b>	Pergunta 02	139
<b>Figura 3</b>	Pergunta 03	140
<b>Figura 4</b>	Pergunta 04	141

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>DNC</b>	Departamento Nacional da Criança
<b>GESTELD</b>	Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagem e Discursos
<b>HIV</b>	Vírus da Imunodeficiência Humana
<b>LPL</b>	Língua Portuguesa e Literatura
<b>PCNs</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PIBIC</b>	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>SBP</b>	Sociedade Brasileira de Pediatria
<b>SMAM</b>	Semana Mundial de Aleitamento Materno
<b>UNICEF</b>	Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>10</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>15</b>
Objetivo Geral .....	15
Objetivos Específicos.....	15
<b>3. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>16</b>
<b>4. CAPÍTULO I IRACEMA: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, RECEPÇÃO E CIRCULAÇÃO DA OBRA.....</b>	<b>27</b>
<b>5. CAPÍTULO II SEXUALIDADE, EROTISMO E IDENTIDADE FEMININA EM IRACEMA.....</b>	<b>48</b>
<b>6. CAPÍTULO III IRACEMA: DA CONSTRUÇÃO LITERÁRIA À RESSIGNIFICAÇÃO FEMININA NA ATUALIDADE .....</b>	<b>84</b>
<b>7. CAPÍTULO IV IRACEMA: A RESSIGNIFICAÇÃO NA VOZ DO JOVEM LEITOR.....</b>	<b>127</b>
<b>8. ANÁLISE DISCURSIVA DOS RESULTADOS .....</b>	<b>136</b>
<b>9. SUGESTÕES PARA TRABALHOS COM EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DA RESSIGNIFICAÇÃO DE OBRA IRACEMA NO ÂMBITO ESCOLAR. ....</b>	<b>153</b>
<b>10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>157</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>159</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA.....</b>	<b>162</b>
<b>ANEXO A - BLOG GESTELD COM RESULTADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>165</b>

## 1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A importância dos temas transversais e multidisciplinares para a Educação Básica e Fundamental no Brasil é um dos aspectos mais discutidos quando se trata da qualidade dos conteúdos e a forma de transmiti-los, principalmente depois que as colaborações das novas ciências da linguagem passaram a fazer parte dos currículos escolares, tais como: a Linguística, a Semiótica, a Sociolinguística, a Análise do Discurso, a Sociologia, a História, entre outras, oferecendo conceitos, categorias, metodologias e tecnologias mais adequadas para a realidade da educação contemporânea, em especial para uma educação sexual formal.

A avaliação que se faz da eficácia do ensino por meio dos temas transversais e multidisciplinares, em geral, é muito positiva, mas a sua aplicabilidade é discutível, pois para que realmente aconteça um aprendizado por meio de da metodologia da transversalidade é preciso conhecer bem os conteúdos e as formas que serão transversalizadas, o que demanda tempo de estudo, preparação e depois a aplicabilidade.

Uma metodologia que é mais prática e acessível é a da aplicação da multidisciplinaridade na medida em que um tema possa ser tomado como objeto de estudo e análise por duas ou mais áreas do conhecimento, e que se cruzem esses conteúdos por meio de metodologias que sejam adequadas as várias áreas do conhecimento. Mas não é um trabalho fácil de ser realizado, pois demanda leituras, preparação de conteúdos, trocas de informações entre os executores, e um projeto exequível com posterior avaliação.

Um dos principais temas transversais dos dias de hoje é o da Educação Sexual ou da Sexualidade da criança e do jovem, que até aqui tem sido tratado de forma até polêmica: ou pelos especialistas que trabalham com esse tema ou a ele dedicam seus estudos, pois entram no debate crenças, valores, posições ideológicas, religiosas e até as que concernem aos direitos e deveres dos pais e educadores.

Entretanto a questão da sexualidade humana é mais que um tema transversal, pois sua importância pode ser comprovada pela história, cultura e costumes dos povos desde as mais remotas eras, além de penetrar em todos os dispositivos da cultura humana, incluindo aí as práticas da saúde popular, da medicina dos especialistas, da economia, das artes, enfim dos saberes humanos em geral.

Além do tema da sexualidade de importância fundamental para a educação das crianças e dos jovens, outro se apresenta aqui para que se possa propor um projeto interdisciplinar que contemple duas áreas do conhecimento. Trata-se da leitura literária de obras canônicas que vem se apresentando como um problema, isto é, a leitura interpretativa que os jovens vestibulandos têm de realizar das obras propostas para as provas de admissão é um grande desafio para os professores e alunos.

Os jovens vestibulandos precisam ser motivados para que leiam as obras indicadas e, muitas vezes, só realizam leituras dos resumos, e ouvem as explicações dos professores. Esse tipo de procedimento/ação, não os habilitam a realizar as provas dos vestibulares, que propõem questões interpretativas e dissertativas, às quais demandam a leitura integral da obra e o domínio da leitura literária só adquirida por meio de muitos exercícios com a palavra escrita.

Desta forma, a importância do tema da sexualidade, e do desafio da leitura interpretativa de obras canônicas pelos vestibulandos e a forma de abordá-los por meio de uma metodologia interdisciplinar é o fundamento deste trabalho de pesquisa. Tratar as questões referentes à sexualidade em seus desdobramentos como o erotismo e a identidade feminina a partir da literatura é a sua principal proposta.

A realização dessa proposta se efetiva na leitura interpretativa do romance *Iracema* de José de Alencar, pelo pesquisador e por alunos vestibulandos, realizando uma leitura discursiva e interpretativa em que o tema da sexualidade pode levantar questões relevantes

para os alunos, facilitando a realização da leitura literária e subsídio para refletir sobre problemáticas que envolvam a sexualidade humana.

A pesquisa é dividida em três partes: a primeira consta da construção de um texto (primeiro capítulo) em que se apresenta a condições de produção, recepção e circulação da obra “Iracema”, incluindo informações da autoria e de seu contexto histórico-social. Na segunda parte são analisados os fragmentos do romance em que se encontram referências sobre a sexualidade, o erotismo e a identidade feminina. A análise destes fragmentos tem como orientação teórica metodológica a análise do discurso de linha francesa e os estudos de Foucault sobre a ordem do discurso, o sujeito do discurso e história da sexualidade. A terceira parte consta de uma análise de questões propostas aos alunos vestibulandos, cuja finalidade é compreender como a partir da leitura integral da obra e dos trabalhos realizados sobre ela, os alunos ressignificam os conteúdos relativos à sexualidade, ao erotismo e a identidade feminina, comparando a forma como essas categorias ocorrem na obra e nos dias atuais.

Por fim, a quarta parte desse trabalho constitui-se da análise das questões aplicadas em 120 alunos do segundo ano do Ensino Médio Técnico dos cursos de Informática, Eletrônica e Mecânica pertencentes a um Colégio Técnico Estadual de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. A aplicação dessa pesquisa seguiu todos os trâmites científicos e éticos exigidos, tomando assim todos os cuidados com a preservação dos direitos à confiabilidade, à privacidade, à proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades envolvidas. Logo, a identificação dos participantes só será feita por meio do sexo e idade, sem citações de nomes ou qualquer identificação pessoal dos sujeitos. Ainda nesta parte do trabalho sugere-se a aplicabilidade dos resultados como subsídios para o trabalho com a educação sexual formal no âmbito escolar.

A realização desta pesquisa tem como justificativa a importância de se realizar estudos sobre a sexualidade humana, e a educação sexual por meio de uma metodologia interdisciplinar que contemple a literatura como corpus através da análise discursiva e interpretativa do romance *Iracema*, destacando desse texto, fragmentos discursivos referentes à sexualidade em seus desdobramentos como o erotismo e a identidade feminina. A pesquisa se realiza a partir da necessidade da produção de textos que sejam orientados em sua metodologia e conteúdo e examinados por especialistas habilitados, para que possam subsidiar educadores e professores na discussão de temas relativos à sexualidade junto aos seus alunos, tomando como ponto de partida a leitura e análise de uma obra pertencente ao cânone literário brasileiro. Como a pesquisa envolve a participação ativa dos alunos vestibulandos no processo de ressignificação da obra, entende-se que seja de fundamental importância os resultados finais desse trabalho. O objetivo é melhor compreender como os alunos realizaram a leitura do romance, como identificaram questões sobre a sexualidade na obra, e também se uma proposta de leitura com objetivos bem definidos, comprometendo o aluno e o colocando perante um tema que o interesse, favorecendo a leitura de obras consideradas mais complexas. Deve-se destacar também o valor desse trabalho no que tange a aplicação de novas metodologias de análise e interpretação textual, tomando-se como referências as orientações da análise do discurso, os estudos foucaultianos sobre a posição discursiva e a história da sexualidade. Esse referencial teórico oferece novas práticas de leitura, possibilitando até a participação dos alunos vestibulando no processo de leitura e análise de uma obra, cujo tema destacado é a sexualidade humana, no caso do romance, a sexualidade, o erotismo e a identidade feminina no discurso indianista romântico. Principalmente, por que a pesquisadora deste trabalho tem formação em psicologia e experiência profissional no atendimento a crianças e jovens que são encaminhados ao Conselho de Tutelar de uma cidade do interior paulista por escolas particulares e públicas,

bem como outros segmentos da sociedade. Portanto, uma das propostas é o trabalho conjunto entre duas áreas fundamentais para a educação, em especial a educação sexual formal, integrando os conhecimentos da prática cotidiana da psicologia, a qual lida com as problemáticas da sexualidade que ocorrem dentro e fora da escola. Soma-se a isso, a literatura canônica, que também pode oferecer a oportunidade de se trabalhar com as problemáticas da sexualidade de forma a levar os jovens leitores a uma reflexão multidisciplinar. Ao mesmo tempo esse trabalho conjunto entre a psicologia, à educação e a literatura podem promover uma educação sexual formal saudável a partir de disciplinas e conteúdos obrigatórios para os exames de vestibular, num processo de ressignificação das obras canônicas por meio da atualização temática das mesmas.



## 2. OBJETIVOS

Os objetivos desta pesquisa são:

### **Objetivo Geral**

Analisar discursivamente a obra literária *Iracema* de José de Alencar, identificando a presença de aspectos relativos à sexualidade, ao erotismo e à identidade feminina, para que sirvam de subsídio para o trabalho com a Educação Sexual dentro do Ensino Médio e Técnico.

### **Objetivos Específicos**

-Realizar pesquisa sobre as condições de produção, recepção e circulação do romance “*Iracema*” em uma escola pública de Ensino médio e Técnico do interior paulista. Acompanhar e participar da produção de leituras críticas da obra nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura, e destacar fragmentos em que apareçam questões relativas à sexualidade, ao erotismo e à identidade feminina, a partir dos postulados do romantismo indianista.

- Analisar os fragmentos destacados da obra, empregando técnicas da Análise do Discurso de linha francesa, e utilizando textos foucaultianos sobre “A Ordem do Discurso”, seus mecanismos de controle e sobre a sexualidade humana.

- Aplicar e analisar discursivamente questionário, por meio do *Google Forms*, em alunos vestibulandos do segundo ano do Ensino Médio e Técnico no intuito de verificar se os mesmos na leitura da obra conseguem ressignificar os temas propostos para a análise do romance.

- Propor subsídios para uma educação sexual formal dentro do âmbito escolar, por meio de práticas de leitura de obras canônicas.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho desta pesquisa iniciou-se com a participação e acompanhamento da pesquisadora junto ao trabalho da professora de Língua Portuguesa e Literatura de um Colégio Técnico e de Ensino Médio de uma cidade do interior paulista. Nesta disciplina trabalha-se com a leitura obrigatória de obras canônicas para o vestibular e as temáticas sobre sexualidade, sexo e identidade presentes nas mesmas, estas práticas de leitura inserem-se dentro do trabalho de pesquisa intitulado “Educação sexual: A literatura e as mídias sociais como tecnologia de si na construção de modos de existência”, que é um projeto de pesquisa amplo, no qual se agrega também esta dissertação, ambos estão vinculados ao grupo de pesquisa GESTELD<sup>1</sup> (Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos).

Em concordância com a referida professora, optamos por trabalhar com o livro de José de Alencar “Iracema” e, concomitantemente, ao acompanhamento das aulas de LPL<sup>2</sup> fizemos a leitura da obra e nos reunimos com as três orientandas de Iniciação Científica PIBIC/Jr, que também tem projeto de pesquisa envolvendo a leitura e ressignificação dessa mesma obra. Uma delas trabalha com a temática da virgindade e descoberta da sexualidade na adolescência; a outra dedica-se a questão da gravidez na adolescência e a última a transformação da mulher após o parto.

A metodologia adotada neste trabalho tem como fundamento a pesquisa bibliográfica, contemplando a produção, a recepção e a circulação da obra literária “Iracema” de José de Alencar, buscando seus conteúdos em obras da literatura e da crítica literária especialmente em textos consagrados como os dos autores Massaud Moisés, Antônio Cândido, Luiz Roncari e Machado de Assis.

---

<sup>1</sup> Ver <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3512705058041159>

<sup>2</sup> De agora em diante Língua Portuguesa e Literatura será tomado por LPL.

Para a análise dos fragmentos do romance indianista utiliza-se os principais conceitos da Análise do Discurso de linha francesa e textos foucaultianos que tratam do discurso, da ordem do discurso e da história da sexualidade humana. A orientação dos trabalhos que os alunos produziram sobre a leitura do romance *Iracema* tem como suporte os Programas Curriculares Nacionais no que concernem as propostas de abordagem sobre o estudo da literatura e sugestões de tipos de atividades que podem ser desenvolvidas com os alunos do Ensino Médio e Técnico.

Os estudos sobre sexualidade e a forma de introduzir e desenvolver seus resultados na educação básica e fundamental nas escolas brasileiras tem resultado em várias discussões, tanto do ponto de vista da aceitabilidade como disciplina, quanto aos conteúdos e metodologias a serem instrumentalizados. A produção acadêmica tem se voltado para essas questões tendo em vista oferecer propostas que possam servir a esse debate, colaborando para que temática tão importante possa ser sistematizada e aplicada à formação das crianças, adolescentes e jovens, por meio de um trabalho que respeite a cultura, pluralidade e as individualidades.

A pesquisa proposta tem a intenção de se inscrever como uma colaboração no sentido de refletir sobre uma metodologia possível de ser desenvolvida e aplicada numa experiência de atividade com alunos vestibulandos, usando a literatura como ponto de partida. A leitura e a análise temática e discursiva do romance indianista, *Iracema*, de José de Alencar é o texto básico para o desenvolvimento da pesquisa. Para tanto foi selecionada uma bibliografia básica e complementar que atenda o melhor entendimento possível da obra e seu contexto, assim como textos de autores que tratem da sexualidade humana.

No primeiro capítulo que se propõe refletir sobre as condições de produção, recepção e circulação da obra, serão utilizadas algumas obras clássicas e fundamentais da história e crítica da literatura brasileira. Para informar sobre a origem e o programa romântico no Brasil

recorre-se aos estudos do Professor Massaud Moisés (Moisés, 1992). Em relação às condições da produção do romance romântico indianista e suas implicações político-nacionalista com objetivos de consolidar a identidade brasileira a referência mais significativa é a colaboração de crítico Antônio Cândido (Cândido, 1972). Para os estudos sobre os primeiros textos informativos sobre o habitante autóctone das terras americanas, e a visão do branco colonizador, num primeiro momento o deslumbramento e depois a decepção utiliza-se os textos de professor Luiz Roncari (Roncari, 1995). Outros dois textos importantes para esta pesquisa foram o prólogo e o posfácio da primeira edição do romance, em forma de carta ao Dr. Jaguaribe, amigo de José de Alencar, nos quais o autor informa as motivações que o levaram a escrever o romance e explicita as razões de seu engajamento com a causa indígena dentro do romantismo brasileiro (Alencar, 1972). Esses conteúdos sobre a obra também foram passados aos alunos vestibulandos durante as aulas em se tratou do romantismo no Brasil enquanto os alunos faziam a leitura e trabalhos sobre o romance.

Para a construção do segundo capítulo que trata da análise dos fragmentos do romance em que aparecem elementos relativos à sexualidade em seus desdobramentos como o erotismo e a identidade feminina optou-se pela metodologia da análise do discurso de linha francesa. Sendo assim, alguns conceitos básicos foram tomados da literatura foucaultiana (Foucault, 2002) quanto à ordem do discurso, seus mecanismos de exclusão e interdição, eo lugar do sujeito discursivo. Sobre os conceitos de discurso, condições de produção do discurso, sujeito do discurso, situação de comunicação foram utilizados verbetes do *Dicionário de Análise do Discurso* (Charaudeau & Maingueneau, 2004). Portanto, é nessa parte que se apresentam as questões da sexualidade, erotismo e identidade feminina, tendo como elementos mais importantes o corpo da jovem índia e como ele é apresentado pelo discurso romântico indianista, ainda se fez uso de textos mais específicos sobre o tema como

*História da Sexualidade: a vontade de saber* (Foucault, 2017) e da obra *Casa Grande & Senzala* (Freire, 1977) e do livro *História do Amor no Brasil* (Del Priore, 2011).

O terceiro capítulo constitui-se da ressignificação a partir da construção literária, tendo como ponto de chegada o feminino na atualidade. Nessa parte continuou-se a utilizar metodológica e teoricamente a análise de discurso francesa, as ideias foucaultianas sobre o sujeito discursivo e as práticas da construção discursiva e diversos autores que contribuíram por meio das epistemes da história, da antropologia, da psicologia, da medicina, da educação. Foram também utilizados diversos textos midiáticos, tais como artigos, sites privados e oficiais, científicos na busca de material para possibilitar o processo de ressignificação das principais temáticas: virgindade, gravidez, corpo materno, parto, amamentação e morte.

Na quarta parte desse texto apresenta-se e analisa-se os resultados das leituras e das reflexões realizadas pelos alunos vestibulandos por meio da aplicação da pesquisa em forma de questionário. Para sintetizar essas informações, fruto de conteúdos adquiridos sob a forma de aulas expositivas, discussões em grupos e trabalhos individuais escritos, elaborou-se um questionário (Google Forms) composto de 13 questões, sendo quatro de múltipla escolha e nove discursivas. Esse processo oportunizou aos alunos sintetizarem suas opiniões quanto à forma como aparecem as temáticas da sexualidade na obra e como essas questões relacionadas à sexualidade, ao erotismo e à identidade feminina são ressignificadas. O processo de ressignificação envolveu a leitura literária (PCNs, 2006) diferente das outras leituras de textos diversos. Nesse sentido houve a necessidade do acompanhamento de um orientador de leitura, no caso, o professor da escola de ensino médio e técnico da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, da qual faz parte esta pesquisa, para que o jovem leitor não desistisse do romance e lesse apenas seu resumo em apostilas ou internet.

Dois temas fundamentais para a educação básica nacional e a preparação do vestibulando, que se cruzam nos currículos escolares, serão objeto de reflexão no desenvolvimento deste

trabalho: a leitura da obra *Iracema* pertencente ao cânone da literatura brasileira proposta pelo vestibular e a questão da sexualidade, da identidade feminina e do erotismo que é um dos conteúdos mais evidentes desse romance de José de Alencar. A forma como o autor encaminha aspectos da sexualidade e do erotismo nesse romance indianista, os efeitos de sentido produzidos nos jovens leitores de hoje, e as possibilidades de ressignificação do discurso romântico na pós-modernidade são os principais encaminhamentos realizados por meio da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo.

O *corpus* submetido à leitura compreensiva e interpretativa consiste, portanto no romance *Iracema* que segundo o autor e o conjunto da crítica literária vigente é considerado um poema em prosa sobre a colonização do Ceará com o aproveitamento das lendas a que o autor teve acesso sobre esse período da história do seu estado natal. Neste sentido, pode-se dizer que Alencar com seu romance indianista realiza um movimento de resgate das tradições dos indígenas brasileiros e de seus costumes, assim como fez quando produziu *O Guarani* em 1857 e *Ubirajara* em 1874. *Iracema* é de 1865 e diz o escritor, no prólogo da primeira edição, que o livro é cearense e foi imaginado a partir da natureza selvagem e de conteúdos da história oral e da própria historiografia oficial, referentes ao processo de colonização do Ceará.

O argumento histórico sobre a presença de colonos portugueses chegados às terras cearenses, os embates e confrontos com a população indígena de certas tribos, e as alianças de amizade com outras, é a base para o contexto sobre o qual o romancista alicerça a trama romanesca que entrelaça duas etnias: a indígena representada principalmente por *Iracema*, *Poti* e *Jacaúna* e o colonizador português pela personagem *Martim*. A possível convivência pacífica entre o índio e o branco dará origem ao autêntico brasileiro, *Moacir*, filho de *Iracema* e *Martim*. Vê-se, portanto, que José de Alencar se colocada como um leitor do passado, buscando por meio da pesquisa da tradição oral e escrita ressignificar a formação da

identidade brasileira romantizando conteúdos históricos entrelaçados pelas lendas de cunho oral e reformulando concepções e valores segundo o código da estética romântica.

O primeiro objetivo do trabalho, já exposto, é, pois, observar como o autor apresenta aspectos da sexualidade e do erotismo no desenvolvimento de sua narrativa, e por se tratar de um romance romântico e indianista, essa questão necessariamente passa pela temática da idealização do índio e da figura feminina. Portanto as personagens são construídas com a finalidade de representar um ideal não só em conformidade com os postulados da arte romântica, mas também com o ideal nacionalista, cujo momento histórico brasileiro e social estimulava. Após a Independência, vivia-se no Brasil uma profunda busca de novos valores que acentuassem os traços da identidade da nova nação soberana. A análise discursiva do romance consiste, pois no levantamento dos trechos nos quais se evidenciam aspectos da sensualidade, do erotismo, da apresentação da masculinidade e feminilidade dos corpos das personagens principais, assim como de uma reflexão sobre tal conteúdo à luz da estética romântica e por que esses conteúdos são idealizados.

O segundo objetivo perseguido é a verificação de como a leitura de uma obra romântica, determinada aos vestibulandos repercute e pode ser ressignificada, a partir de orientações oferecidas aos alunos tendo em vista metodologias usadas pela análise de discurso francesa, além das informações que evidentemente se deve oferecer aos leitores sobre a origem da estética romântica, o romantismo no Brasil, o perfil do autor, e as condições de produção do romance romântico indianista. O resultado das atividades de leitura dos alunos é matéria de análise e interpretação, tendo em vista observar o horizonte de expectativa dos leitores jovens em relação ao conteúdo canônico exigido pelo vestibular. Como os jovens reagem à leitura do romance, tendo em vista o tema da sexualidade, do erotismo romântico? É possível enriquecer esse tipo de leitura por meio de uma proposta que

conduza a ressignificação discursiva e temática? São esses objetivos que se pretende alcançar no desenvolvimento deste trabalho.

A metodologia adotada para atingir os objetivos propostos, que em síntese é proporcionar forma de leitura da obra diferenciada, ampliando os horizontes de expectativa dos leitores, tem como base a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica abrange as condições de produção, e recepção do romance *Iracema*, destacando aspectos da estética e do indianismo românticos, assim como a posição da autoria no contexto histórico e social do Brasil pós Independência. Na análise discursiva do texto romântico; destacam-se trechos em que se evidenciam conteúdos sobre a sexualidade, o erotismo e a identidade feminina; utiliza-se o instrumental teórico e metodológico da análise do discurso francesa. Obtém-se com esse procedimento os modos de pensar em relação às temáticas por meio das reflexões realizadas sobre os usos linguísticos, ou sobre a própria forma da construção discursiva que invariavelmente se sustenta numa determinada ideologia.

A análise discursiva dos trechos relativos à sexualidade, ao erotismo e à identidade feminina tem como suporte teórico, como já se afirmou acima, a análise do discurso francesa que permite, a partir da materialidade linguística, refletir sobre as condições do substrato que se manifestam no superstrato, ou seja, as condições da estrutura econômico-social que penetram a obra constituindo, simbolicamente, o discurso literário no qual é possível encontrar evidências da ideologia dominante vigente.

A pesquisa de campo adota a metodologia da coleta de dados resultante da leitura realizada pelos vestibulandos. Observa-se que antes e durante a realização da leitura da obra, os mesmos receberam informações sobre a estética romântica, as condições de produção da obra e a posição do autor em relação à presença do índio na formação da identidade e da cultura brasileira. Destaca-se que as principais atividades dos alunos são: a leitura integral da obra, o destaque dos trechos em que aparecem questões relativas à sexualidade, ao erotismo e



à identidade feminina, e uma reflexão sobre as possibilidades de uma atualização da leitura, ou seja, a resignificação desses conteúdos.

Por se tratar de uma pesquisa na área da sexualidade objetivando não apenas a investigação bibliográfica, mas também resultados de uma aplicabilidade didático-pedagógica se cruzam neste trabalho interesses multidisciplinares, a saber: como o discurso romântico indianista constrói a identidade feminina da índia Iracema, por meio de uma trama romanesca e como se pode propor aos vestibulandos uma leitura mais significativa dessa construção literária. Em geral, a leitura das obras canônicas selecionadas para os exames vestibulares resultam em exercício árido, sem significado para a vida subjetiva dos alunos. Leituras realizadas por mera obrigação que passam muito longe de uma experiência existencial enriquecedora que oportunize prazer e conhecimento. Além disso, acrescenta-se o trabalho da pesquisadora que trará à escola os conhecimentos dos estudos da psicologia e da prática da mesma na área da sexualidade, por meio da leitura da obra canônica, fazendo perceber que o discurso literário reflete a realidade nos aspectos dos seus saberes, crenças e valores, os quais são o suporte para construção do sujeito e de suas ações.

A sexualidade, o erotismo e a identidade feminina são temas recorrentes na literatura universal e conseqüentemente na brasileira que interessam aos jovens, mas poucas vezes as propostas de leituras de obras que tratam desses temas são objeto de pesquisa que visem oferecer aos leitores realizarem, pelo ato da leitura, uma ampliação de horizontes de expectativa. As leituras das obras canônicas devem ser preparadas e acompanhadas por um mediador, um mestre de leitura, que possa, por meio de metodologias e técnicas, assegurar aos leitores condições de realizarem suas leituras não só para enfrentarem os exames do vestibular, mas para tornarem-se melhores leitores do passado e do presente.

Além de cumprir os objetivos estabelecidos pelas leis da educação nacional, o ensino da literatura, que tem como meta principal a leitura das obras literárias, deve ser vista como

meio de educação da sensibilidade, do desenvolvimento crítico, de experimentação da liberdade e da humanização dos sujeitos leitores. E só um projeto dedicado à leitura dos textos literários, sejam quais forem os contextos em que se insiram, pode desenvolver e ampliar o universo de expectativas dos jovens leitores. Neste momento seria oportuno citar palavras de Antônio Cândido sobre como a literatura é indispensável à humanização, visto que com este trabalho deseja-se propor leituras mais significativas para alunos vestibulandos:

Entendo aqui por humanização (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Cândido, 1995, p. 249).

As novas ciências da linguagem, como no caso da análise do discurso, têm discutido as várias formas de leitura em conformidade com a grande variedade das tipologias discursivas, portanto para se ler bem uma obra canônica é necessário que se pratique com os jovens leitores o letramento literário visando formar o leitor apto para esse exercício com uma linguagem específica. Neste caso, é fundamental que o ensino da literatura vá além da mera história dos movimentos estéticos e de suas principais características, cujos conteúdos se encontram na grande maioria do material didático oferecidos aos alunos vestibulando como manuais e apostilas. Como a leitura da literatura tem se tornado cada vez mais rarefeita devido ao uso fragmentado das obras e apresentação de seus resumos é compreensível que se insista na necessidade da prática do letramento literário, isto é, ensinar a ler o texto canônico.

Faz-se necessário, portanto, levar os jovens leitores a se apropriarem do texto literário, a ter um contato efetivo com o texto, a experimentar a possibilidade de construir sentido a partir da leitura das obras canônicas pela fruição, pelo prazer estético, que é um tipo de conhecimento diferente do conhecimento científico, mas tão importante quanto este para a formação, a educação dos jovens. O exercício da leitura literária deve proporcionar ao leitor experimentar um lugar e um estado emocional diferentes daqueles que ele conhece por meio de outros tipos de leitura.

O professor autoritário impõe a leitura canônica como um produto cultural indiferenciado, ao contrário o professor permissivo foge desse tipo de leitura substituindo-a por outras mais palatáveis, julgando os jovens leitores incompetentes perante as demandas de leitura exigidas pelas obras mais complexas. Assim sendo, o leitor não amplia seu universo de expectativa: permanece dentro dos parâmetros ditados em geral pela cultura de massa à qual domina e oferecidas por quase todos os meios midiáticos mais acessíveis. As atitudes acomodadas dos dois professores citados negam o direito às obras mais elaboradas e não permitem a fruição de produtos de qualidade. Mais uma vez a voz de Antônio Cândido é muito lúcida:

Em nossa sociedade há fruição segundo as classes sociais na medida em que o homem do povo está praticamente privado da possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura de Machado de Assis ou Mário de Andrade. Para ele, ficam a literatura de massa, o folclore, a sabedoria espontânea, a canção popular, o provérbio. Estas modalidades são importantes e nobres, mas é grave considerá-las como suficientes para que a grande maioria que, devido à pobreza, à ignorância, é impedida de chegar às obras eruditas (Cândido, 1995, p.256-257).

A principal função da escola é formar leitores competentes e críticos, por isso pretende-se com este trabalho realizar, juntamente com os alunos, uma leitura literária crítica, estabelecendo uma temática para ser observada e refletida, uma metodologia que aplicada amplie a capacidade da leitura literária dos alunos vestibulandos. Muitos aspectos poderiam ser discutidos e analisados durante e após a leitura do romance *Iracema* de José de Alencar, mas como a área desta pesquisa é concernente a aspectos da sexualidade no âmbito da educação sexual, a análise da obra e os trabalhos dos alunos referentes à obra objetivam evidentemente abordagens neste sentido, incluindo-se o erotismo romântico e a identidade feminina presentes no romance.

A organização estrutural deste texto tem, portanto, como já se afirmou duas pesquisas básicas: a bibliográfica que visa à análise da obra, e a de campo realizada a partir dos trabalhos dos alunos fruto da leitura da obra. O resultado das duas pesquisas é apresentado na forma de três capítulos com os seguintes subtítulos: Capítulo I – *Iracema*: Condições de produção, de recepção e circulação da obra; Capítulo II – Sexualidade, erotismo e construção da identidade feminina; Capítulo III – *Iracema*: da construção literária à resignificação feminina na atualidade; Capítulo IV - *Iracema*: a resignificação na voz do jovem leitor. Parte-se, pois, da produção da obra literária, passando depois à análise da construção discursiva sobre a temática abordada e finalmente apresentam-se os resultados das leituras dos alunos vestibulandos realizadas em formas de atividades que lhes foram propostas.

Os três capítulos dessa dissertação, assim apresentados, respondem ao problema proposto, aos objetivos alcançados, a metodologia aplicada e a justificativa que ratifica o valor de um trabalho de pesquisa desenvolvido na área da educação sexual que dialoga com o ensino da leitura literária a partir de uma obra escolhida como leitura obrigatória para o exame vestibular.

#### 4. CAPÍTULO I

##### **IRACEMA: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, RECEPÇÃO E CIRCULAÇÃO DA OBRA.**

As reflexões sobre as condições de produção, recepção e circulação da obra romântica, *Iracema*, de José de Alencar, requer primeiramente a localização do romance no tempo e no espaço e para tanto é necessário, antes de tudo, recorrer às motivações que deram origem à estética romântica e seus desdobramentos na literatura brasileira. Trata-se, portanto, de dois grandes vetores, um de sentido mais amplo que aponta a Europa, mais precisamente a Inglaterra e Alemanha, berço das origens da revolução romântica; e outro apontando a realidade brasileira, que recebe a nova estética por meio da influência da França, propagadora, não geradora, dos ideais românticos.

As origens do romantismo europeu, conforme estudo do professor Massaud Moisés é bastante complexa em relação ao tempo e ao espaço de suas manifestações, mas ainda assim há referências possíveis de serem identificadas: “As origens do Romantismo devem ser buscadas na Inglaterra e na Alemanha, uma vez que à França coube o papel de coordenador, amplificador e divulgador do movimento” (Moisés, 1992, p.113). Deve-se destacar também que, de forma geral, percebe o espírito clássico entrando em declínio já no início do século 18, e prova disto são as manifestações contra o culto ao clássico, suas regras e temáticas e uma maior adesão ao pensamento moderno, na França, o embate se dá na própria Academia com a “Querela dos Antigos e Modernos”. A complexidade do Romantismo é justificada da seguinte forma:

Que é o Romantismo? Mais do que qualquer outro movimento estético, é impossível dizê-lo em poucas palavras, 1) porque seu contorno, extremamente

irregular e movediço, abarca não raro tendências contraditórias ou contrastantes, 2) porque corresponde a muito mais do que uma revolução literária: sendo mais uma nova maneira de enfrentar os problemas da vida e do pensamento, implica uma profunda metamorfose, uma verdadeira revolução histórico-cultural, que abrange a filosofia, as artes, as ciências, as religiões, a moral, a política, os costumes, as relações sociais e familiares, etc. (Moisés, 1992, p.116).

Ainda que seja muito difícil abarcar toda a gama de características do movimento romântico devido à sua amplitude e tendências, é possível elencar alguns traços marcantes de sua configuração. Primeiramente, em relação ao poder e a pirâmide social é que vem uma mudança fundamental, pois a aristocracia de sangue paulatinamente vai dando lugar a classe burguesa, os valores da nobreza vão sendo substituídos por outros que tem como base a posse do dinheiro. Os regimes reinantes cedem lugar às monarquias constitucionais e as repúblicas federadas, tendo como fundamento ideológico o Liberalismo manifestando-se na política, na moral, na sociedade e nas artes. Em síntese, a Burguesia vai assumindo todas as formas de poder e impondo sua visão de mundo e invertendo a ordem até então vigente. Até a figura do escritor se modifica saindo da proteção de mecenas para assumir uma profissão, cujo salário vem da produção de suas obras, sustentado por um público consumidor e pela circulação de sua mercadoria.

Outra questão fundamental das mudanças que caracterizam o Romantismo é a aversão que seus adeptos têm ao estilo clássico ou neoclássico com seu código, regras, normas, modelos e temas. Os escritores românticos prezam, sobretudo, a liberdade de criação artística, e desse ponto de vista, são rebeldes em relação aos gêneros literários, conforme palavras de Massaud Moisés (1992):

Em lugar da ordem clássica, colocam a aventura; ao cosmos, como sinônimo de equilíbrio, preferem o caos, ou a anarquia; ao universalismo clássico opõem um conceito de arte extremamente individualista: substituem a visão macrocósmica que os clássicos tinham da vida e da arte, por uma visão microcósmica, isto é, centrada no 'eu' interior de cada um. O 'eu' torna-se-lhes o universo em que vivem, ou, ao menos, o centro do Universo: o romântico autocontempla-se narcisisticamente, e faz-se espetáculo de si próprio (p. 116).

O egocentrismo romântico induz à troca do culto à razão, praticada pelos clássicos, ao culto do coração; o racionalismo é substituído pelo sentimentalismo e pela fantasia. Como o romântico aprofunda-se cada vez mais na sua subjetividade, vem daí as dúvidas, as incertezas, as contradições, enfim o sofrimento da alma, tomado como um valor a ser cultivado e revelado por meio das confissões das intimidades sentimentais. Esse processo que conduz vivenciar o tédio denominou-se "mal do século". Para suportar essa angústia existencial, a alma romântica procura duas saídas: a fuga por meio do suicídio, ou a fuga para a Natureza, a Pátria, a História e terras exóticas. O romance romântico alemão *Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe é um exemplo do sofrimento insuportável que leva à morte. Os ultrarromânticos também praticam o escapismo ao se entregarem à vida boêmia, ao álcool, às aventuras do amor. Chega a ser moda morrer na flor da idade e, muitas vezes, de tuberculose.

O escapismo romântico voltado à Natureza enquanto reflexo do eu egocêntrico possibilita encontro com uma amiga, confidente que serve de alento para uma subjetividade exausta de si mesmo. Projetar-se na Natureza, personificá-la num outro eu, como extensão do eu romântico significa identificar-se com ela, entrar em comunhão com o universal, com Deus presente em tudo o que foi criado. Esse sentimento intimista de projeção do eu no mundo, também ocorre em relação à Pátria, pois a liberdade conduz o romântico a impulsos

revolucionários; desejos de fraternidade, justiça social, enfim adepto de uma missão libertadora a ser cumprida. Os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade estão presentes em muitas obras românticas, principalmente daqueles escritores que se engajaram em torno de problemas sociais.

A fuga para o autor romântico também se substancializa no desejo de viajar, conhecer novas terras, paisagens exóticas, ruínas e monumentos de povos desaparecidos escapando, portanto da civilização ocidental enfadonha e tediosa. Buscam-se, ainda, resquícios do passado dentro e fora da Europa, ao encalço do sonho e do devaneio. O misterioso Oriente também exerce grande fascínio sob os autores românticos, sobretudo os europeus. No mais íntimo da subjetividade romântica encontra-se sempre a ansiedade de evasão, alimentada pela idealização que nega a todo o momento a realidade imediata.

Busca-se o pitoresco, a cor local, o primitivo autêntico no contacto direto com povos em outros estágios de civilização e vivendo outras formas de cultura; procura-se ver de perto o ‘bom selvagem’ de que falava Rousseau, recuperar estados de alma talvez subconsciente no encontro da vida livre, longe das cidades e das formas gastas de civilidade (Moisés, 1992, p. 119).

Outro aspecto importante do Romantismo é a revalorização do passado, sobretudo da Idade Média, tão esquecida durante a vigência do esteticismo clássico. Há, portanto um desejo de recuperar valores medievais desprezados pelo espírito greco-latino como: ingenuidade, pureza, lirismo, inocência, misticismo, espiritualismo e nobreza. O mundo místico e feudal, a religiosidade e a vida cavalheiresca exercem grande fascínio sob muitos escritores românticos, que valorizam a Idade Média cristã e cavalheiresca contrapondo-se a aos mitos pagãos do Classicismo.



Aliás, as ideias de Rousseau contribuía grandemente para a valorização duma Idade Média fruto da fantasia e do desejo de encontrar um paraíso perdido numa longínqua época de bardos, cavaleiros, cruzados, místicos, damas e fidalgos. É tão rica essa quadra histórica na imaginação do romântico, que lhe permite divisá-la de vários ângulos: a da vida heroico-cavaleiresca, o da sentimentalidade mística, o do maravilhoso ingênuo e fantástico, o do pitoresco, o das lendas populares e folclóricas, o do despertar do sentimento nacionalista (Moisés, 1992, p.120).

Como bem esclareceu Massaud Moisés, as origens do Romantismo devem ser procuradas principalmente na Inglaterra, originariamente na Escócia, e na Alemanha. Quanto à origem escocesa algumas particularidades devem ser apontadas, pois implicam questões políticas e literárias. As lutas libertárias dos escoceses contra a Inglaterra sempre foi uma constante, devendo-se observar a partir dessa questão histórica, o acentuado nacionalismo gerado e cultivado que se manifestava na defesa da língua e da cultura próprias. Por isso mesmo, a Escócia manteve-se sempre resistente em relação às influências vindas da Inglaterra ou por meio dos ingleses, gerando uma constante atitude de volta às origens e cultivo das velhas baladas, lendas e canções que alimentavam a cultura popular e corriam pela voz de seu povo. Muitos poetas organizaram antologias de recolha desse material poético em que, além do amor, aparece um forte sentimento sobre a natureza.

Nesse contexto de nacionalismo cultivado por meio da herança literária e linguística, destacam-se dois aspectos muito significativos ao espírito romântico: o amor e a Natureza, temas que, abordados de certa forma, influenciaram poetas, conquistaram leitores, foram exportados, expandindo-se pela Europa. O aspecto mais complexo desse caso é a poesia ossiânica que começou foi publicada por James Macpherson entre 1760 e 1763. Declarava o

escocês que havia encontrado e traduzia os fragmentos de poemas escritos por Ossian, um antigo bardo escocês do século III d. C. Os poemas fizeram sucesso imediato, e o tradutor continuou com a publicação dos tais fragmentos que, cada vez mais eram apreciados, traduzidos para outras línguas influenciando, assim, outros poetas. Quando se soube que o autor dos poemas era o próprio Macpherson, o ossianismo já era um produto da literatura escocesa cultivada e consumida pela alta cultura europeia.

O ossianismo tornou-se forte corrente literária, a cuja influência nenhum país europeu ficou imune. Quando se descobriu que tudo não passava de mistificação, pois o autor dos poemas era antes Macpherson que Ossian, já era irremediavelmente tarde para impedir-lhe a profunda e benéfica influência, tanto mais que o ‘tradutor’ certamente não precisaria do artifício para fazer valer seu talento e inspiração. De qualquer forma, as novidades que o ossianismo apresenta (a simplicidade vocabular e sintática, a melodia natural e espontânea da frase, geralmente curta e de recorte acessível a todos, um acentuado primitivismo no sentimento da Natureza, da guerra e do amor, et.) já haviam aberto definitivamente o caminho para a instalação do Romantismo na Inglaterra e no resto da Europa (Moisés, 1992, p. 114).

Na Alemanha, em 1770, Goethe, influenciado por Ossian, Rousseau e Young, se encontra em Estrasburgo com Helder, cuja obra *Fragmentos sobre a Literatura Alemã Moderna*, inspirada em Lessing, também pregava a volta e o resgate do passado germânico. Vieram juntar-se a eles Schiller e Klinger, grupo que cresce com a adesão de outros escritores, que em síntese combate o espírito clássico, suas regras e divisão dos gêneros propondo o retorno irracional, anárquico à Natureza, livre das influências da civilização, o culto à melancolia, da sentimentalidade, da tristeza, contra todo o racionalismo. Goethe

publica seu romance epistolário *Os Sofrimentos do Jovem Werther* em 1774, cujo conteúdo principal é a grandeza de morrer por amor, marco do início do romantismo alemão cuja influência propagou-se rapidamente por toda a Europa.

Pode-se sintetizar, portanto, que o Romantismo tem suas origens na Europa, principalmente na literatura de língua inglesa e na literatura alemã. O ossianismo gera seus primeiros frutos com a retomada das velhas lendas, das antigas canções escocesas, uma volta ao passado popular, sustentada pelo nacionalismo, valorizando principalmente a Natureza, o amor, o sentimentalismo, a subjetividade. Na Alemanha o germe do movimento se desenvolve com o movimento que recebe o rótulo *Sturnund Grag*, tirado de uma peça de Klinger de igual título. Ao grupo pertencia Goethe, um dos mais importantes autores da literatura alemã, cuja importância para a cultura ocidental foi também ser um dos expoentes do Romantismo europeu com o qual jovens estudantes brasileiros tomaram contato mais profundo na França. Assimilando as tendências românticas e difundindo-as, os autores e intelectuais franceses disseminaram os ideais românticos que chegaram à literatura brasileira por essa via.

Por volta de 1836, quando se lança em Paris a revista *Niterói*, tem início oficial o Romantismo brasileiro. Como se pode notar o espírito da época, ou da cultura da época era romântico e por isso se entende a valorização do particular como o passado nacional, a terra natal, a cultura do povo, as características regionais, a afirmação da nacionalidade. Nesse contexto intensifica-se a crítica à civilização urbano-burguesa europeia e a Natureza, o mundo natural, o passado, na Europa a Idade Média, eram valorizados e idealizados. Sabe-se que a realidade não correspondia a nada disso, mas é do espírito romântico que se trata, do sonho, da ilusão, da nostalgia de um paraíso perdido. Disso tudo resulta a valorização do Novo Mundo, de sua população indígena, de suas matas e florestas pouco exploradas.

Outro aspecto fundamental para o Romantismo no Brasil é a jovem independência proclamada em 1822, pois o período suscitava aos brasileiros, principalmente aos intelectuais, entre eles, os escritores, perguntas que deveriam ser respondidas, no sentido da constituição de uma identidade nacional. Foi somente após a independência que os homens livres brasileiros se viram perante uma pergunta crucial: qual a sua verdadeira identidade? Ainda eram europeus? Ou americanos de verdade? Em que consistia ser americano? Como deveriam considerar as outras etnias aqui presentes? Essas e outras questões culturais e sociais entram no ideário romântico brasileiro e vão formando, juntamente com as influências europeias as questões mais importantes para os escritores românticos.

A literatura do período romântico brasileiro participará ativamente dessas inquietações, que não eram apenas dos escritores, mas se disseminavam por toda a sociedade dos homens livres. Ela debaterá, procurará soluções, opinará e tentará influir numa direção ou noutra, dependendo do autor. Isso tornará a literatura e a política atividades muito próximas, pois tanto as dissensões políticas mais gerais se refletirão na representação literária como esta tenderá a influir naquela, através de suas afirmações, dúvidas e oposições. Tal influência foi possível pela nova importância da literatura na vida social (Roncari, 1995, p.280-281).

Entre inúmeras questões que perpassam o ideário romântico brasileiro, que de modo geral seguem e acolhem os exemplos europeus, a valorização da natureza americana e dos indígenas que habitam esse mundo natural e exótico, ganham relevância, pois o indígena americano já era visto pela cultura europeia como o “bom selvagem”, homem natural e puro, não contaminado e corrompido pela civilização citadina, pelos seus maus costumes. A rusticidade e até a barbárie da vida natural, até então considera um mal adquirem um valor

positivo aos olhos dos escritores românticos dados à imitação da escola europeia e impulsionados pela necessidade de mitos nacionais que sustentem o nacionalismo emergente. Entretanto, não se pode esquecer que essa volta ao passado é um artifício para se pensar no futuro, vem daí o sentimento de paraíso perdido presente em muitas obras românticas europeias e brasileiras.

A literatura já não guardava ilusões sobre o passado no Brasil, a bem poucos interessava uma volta ao domínio colonial. A possibilidade de uma vida melhor ou sem vícios se transferiu para o futuro. Mesmo quando idealizava o passado, como faziam os românticos europeus com a Idade Média e os brasileiros com a família patriarcal (por exemplo, nos romances de José de Alencar), era através de projeções fantasiosas de algo que já consideravam irremediavelmente perdido. Por isso, são representações nostálgicas, tingidas pela melancolia ou pelo sentimento de perda de quem já não acredita na possibilidade do retorno, e que servem apenas para a evasão e contraste com as precariedades do mundo moderno em que vivem (Roncari, 1995, p.281).

As reflexões do autor citado apontam aspectos importantes para a compreensão de alguns caminhos por onde trilhou o Romantismo no Brasil. Seguindo os ideais e as orientações do Romantismo europeu disseminado pela França, os autores brasileiros assimilaram, entre outras, duas vertentes importantíssimas do programa romântico: o resgate do passado, por meio da valorização do indígena, enquanto elemento de constituição da identidade brasileira, consoante ao que fizeram os autores europeus; e ao mesmo tempo a valorização do nacional que, numa dimensão mais ampla, constituiu o nacionalismo

romântico em grande escala e múltiplas facetas. O passado perdido, embora irremediável serve aos românticos, mesmo em forma de evasão do presente, como alicerce para a construção da nova identidade brasileira, sustentando o novo nacionalismo.

O nacionalismo é na verdade o grande tema que se desdobra em outros mais específicos. Levando-se em consideração o contexto histórico brasileiro pós 1822, quando a sociedade nacional em seus vários setores buscava sua afirmação como nação livre em demanda de uma identidade que lhe fosse própria. O Romantismo no Brasil é por circunstâncias programáticas e engajamento patriótico um produto autenticamente nacionalista. Por isso resgata do passado mítico pré-cabraliana, a imagem do índio como herói autóctone autêntico representante da nacionalidade brasileira, ressignificando seus usos e costumes, idealizando sua ética, sua dimensão e perfil corpóreo e sua resistência à cultura do colonizador.

A Literatura Brasileira assumiu como compromisso, em seu programa estético, participar da consolidação da independência do país, engajou-se nessa missão e se esforçou no sentido de responder às propostas do movimento e aos desafios de organizar a nova pátria, uma nação autenticamente brasileira. É bem verdade que ao termo literatura, na época, se agregavam: a retórica, os discursos, os sermões e textos elaborados para fins sociais lidos em salões e igrejas e teatros. Portanto a literatura funciona como um esteio aos desígnios da consolidação da identidade brasileira e a na ordenação da língua nacional. Como afirma Roncari, “a literatura esteve presente nos principais meios de formação da opinião: nos jornais, nos púlpitos, nas tribunas políticas, e era considerado o principal cimento para soldar as opiniões na construção da nacionalidade” (Roncari, 1995, p.284).

O projeto romântico, dentro do projeto maior de construção da identidade da nova nação brasileira, como já foi apontado, tem na temática indianista um de seus principais alicerces. Esse tema marca profundamente a literatura brasileira tanto na poesia como na

prosa. Na primeira fase da poesia romântica cabe a Gonçalves Dias a produção da épica romântica indianista com seus longos poemas sobre a presença do indígena na construção da história da brasilidade. Como representante da fusão das três etnias constitutivas da identidade brasileira, o poeta era fruto de pai português e mãe cafuza, seus poemas elevam o indianismo temático à posição de uma das mais significativas contribuições para o Romantismo no Brasil. O indianismo romântico de Gonçalves Dias volta ao passado mítico e recupera a dignidade do indígena, renegando a imagem construída pelos primeiros povoadores portugueses, entre eles os principais cronistas que apontavam a rudeza, a crueldade e a selvageria dos habitantes naturais das terras brasileiras. O indígena, o autóctone, é agora o homem viril, virtuoso, detentor de uma cultura autêntica a ser imitada, injustiçado que fora pelo colonizador cego e pretencioso.

Nessa mesma linha de pensamento e produção José de Alencar também retoma a temática indianista no seu projeto de construção da literatura brasileira. Seus romances dividem-se nas temáticas indianista, urbana, regionalista e histórica; todas confluindo para o projeto de uma literatura autenticamente nacionalista. Dessas temáticas a que mais interessam aos propósitos deste trabalho é a temática indianista que tem no romance *Iracema* seu objeto de estudo. Alencar como político e escritor tinha um projeto de produção literária engajado, era um intelectual comprometido com seu tempo e seus desafios. Deixou claro em seus escritos literários, ou não, a sua intenção e seu propósito em colaborar para a construção de um projeto nacional voltado à consolidação da identidade brasileira.

O indianismo foi uma das formas mais legítimas da literatura nacional. O momento mais alto se dá entre meados de 1840 até 1860. Gonçalves Dias e José de Alencar são seus maiores representantes na literatura brasileira. Segundo Antônio Cândido, as suas origens se encontram na busca do que seria genuinamente brasileiro:

As suas origens são óbvias: busca do específico brasileiro, já orientada neste sentido (com meia consciência do problema) pelos poemas de Durão e Basílio e as metamorfoses de Diniz, além duma crescente utilização alegórica do aborígine na comemoração plástica e poética. Nas festas do Brasil joanino ele aparecia amplamente com este significado, representando o país com uma dignidade equiparável à das figuras mitológicas. O processo se intensifica a partir da Independência, pela adoção de nomes e atribuição de títulos indígenas: pela identificação do selvagem ao brio nacional e o seu aproveitamento plástico (Cândido, 1971, p. 18).

José de Alencar produziu uma obra que abarca toda a realidade brasileira, mas o indianismo está presente nos romances *O Guarani*, *Iracema*, *Ubirajara*. Os três romances referem-se a momentos diferentes da colonização, sendo que o último *Ubirajara* publicado em 1874, é contextualmente o mais antigo, refere-se ao período pré-cabraliano, *Iracema* de 1865, alude ao tempo da ocupação das terras cearenses, e *O Guarani* de 1857, remete ao tempo da ocupação das terras fluminenses. Percebe-se, portanto que os períodos mais antigos da ocupação e povoamento são romances publicados em fases posteriores.

Nos romances indianistas, Alencar idealizou um tipo de personagem repleto de qualidades míticas e de herói conforme o programa romântico: forte, leal, espiritualista, fiel aos seus sentimentos mais nobres como o amor e a amizade. Idealizou a índia *Iracema*, que se apaixonou pelo português, *Martim*, e *Peri* que se apaixonou por *Ceci*, uma heroína branca, com o objetivo de aproximar as duas etnias, na tentativa de integração do indígena com o branco europeu.

As duas personagens apresentam um caráter lírico muito forte, e se enquadram no perfil do “bom selvagem” contrapondo-se aos personagens brancos cuja falsidade, ganância e



hipocrisia dificultam a integração e a consolidação pacífica do que levar a uma identidade brasileira forte e contrastante com a civilização europeia desgastada pelos maus costumes. O indígena idealizado tem, pois, como objetivo a exaltação do nacional por meio do seu habitante autóctone, o que seria um valor maior perante o mundo civilizado. Nos três momentos de produção dos romances indianistas, o autor persegue, não só um programa estético, mas insere-se no debate de ideias que tomou conta da realidade nacional a partir da Independência. Alencar é considerado um intelectual engajado e sua obra reflete esse compromisso.

O romance de nome Iracema, numa simbiose de lenda, de tradição oral, e fragmentos históricos, conta a história de amor surgida entre a índia da nação Tabajara, e Martim, um português implicado no povoamento de novas terras e que se perde nas matas e é encontrado por Iracema. Embora amigo dos Potiguaras, inimigos dos Tabajaras, é recebido e acolhido na tribo, mas quando se desvela o enamorando entre a índia e o branco, o conflito leva-os a fugirem juntos, ajudados por Poti. A gravidez e o nascimento do filho, Moacir, não conseguem unir o casal, pois aspectos culturais e históricos separam-nos. Iracema morre e Martim parte com o filho mestiço. Em síntese, o romance tem um objetivo muito claro, ou seja, apresentar um aspecto da identidade brasileira, através da união do branco com o índio.

A obra é parte da trilogia indianista de Alencar que foi planejada para atender as demandas de um momento histórico que se obrigava a dar respostas, mesmo em forma de ficção, a um povo, a uma nação que precisava personificar e presentificar seus mitos e sua história para se consolidar como pátria livre. Alencar fez parte de uma geração que se sentia comprometida com o futuro: era preciso estabelecer as bases simbólicas do país, que até então, era apenas colônia, ecos de uma metrópole. Iracema, como romance histórico faz parte desse projeto nacionalista. Era preciso produzir obras, fazê-las circular e formar um público leitor consciente dos propósitos da literatura romântica no Brasil.

No prólogo da primeira edição do romance *Iracema*, remetendo-se ao seu leitor especial e amigo cearense, Dr. Jaguaribe, escrito em maio de 1865, Alencar reflete sobre as condições de produção e recepção de seu romance. De forma íntima e confidencial que só acontece entre amigos, o autor imagina como deve ser recebida e lida sua obra. Idealiza a forma de recepção do texto:

Meu amigo. Este livro o vai naturalmente encontrar em seu pitoresco sítio da várzea, no doce lar a que povoa a números prole, alegria e esperança do casal. Imagino que é a hora mais ardente da sesta. O sol a pino dardeja raios de fogo sobre as areias natais; as aves emudecem; as plantas languem. A natureza sofre a influência da poderosa irradiação tropical, que produz o diamante o gênio, as duas mais brilhantes expansões do criador (...). Abra então este livrinho que lhe chega da corte imprevisto. Percorra suas páginas para desenfatiar o espírito das coisas graves que o trazem ocupado (Alencar, 1972, p.21).

Percebe-se pelas palavras de Alencar ao seu leitor e amigo que a obra é se destina ao leitor cearense, e por extensão ao leitor brasileiro ao qual deve fazer sentido o texto, visto tratar-se de conteúdo iminentemente nacional. O autor leva em consideração o contexto da leitura, o espaço em que a obra pode repercutir e ressignificar seu conteúdo. Em se tratando de uma peça literária baseada nas lendas cearenses, deve, portanto, interessar antes de tudo ao seu conterrâneo, ao leitor inserido na natureza tropical, certamente à qual o autor resgata em seu romance. Desta forma as condições de produção e recepção do texto estão inseridas no programa romântico do autor, que se encontra engajado na causa nacionalista, no resgate da identidade brasileira.

O Prólogo da primeira edição é também uma peça que evidencia o compromisso do autor com o nacionalismo, com os objetivos propostos pelo programa do movimento romântico, pois além da escritura, o autor preocupa-se com as condições da sua leitura e de sua repercussão, assim como de sua capacidade de motivar os leitores para as causas da pátria, no caso a natureza e a cultura cearenses:

O livro é cearense. Foi imaginado aí, na limpidez desse céu de cristalino azul, e depois vazado no coração das recordações vivazes de uma imaginação virgem. Escrevi-o para ser lido lá, na varanda da casa rústica ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rede, entre os murmúrios do vento que crepita na areia ou farfalha nas palmas dos coqueiros. Para lá, pois, que é o berço seu, o envio (Alencar, 1972, p.22).

Em outro texto em forma de carta ao Dr. Jaguaribe, com data de agosto de 1865, que pode ser considerada um posfácio dessa primeira edição de *Iracema*, Alencar fornece mais informações sobre as condições de produção de seu segundo romance indianista. Após várias páginas denotas explicativas sobre o vocabulário indígena presente na narrativa, a carta ao amigo, evidentemente de tom intimista, fecha a obra, revelando aspectos importantes a ser considerados quando se trata de estudos sobre o indianismo na obra do autor. Entre queixas e demonstrações de decepções com a política brasileira da época, e comentários críticos sobre os poemas indianistas de Gonçalves Dias. Alencar pontua motivos e o momento do nascimento de seu interesse pela temática indianista e porque a adotou.

Há de recordar-se você de uma noite que, entrando em minha casa, quatro anos a esta parte, achou-me rabiscando um livro. Era isso em uma quadra importante, pois

que uma nova legislatura, filha de nova lei, fazia sua primeira sessão; e o país tinha os olhos nela, de quem esperava iniciativa generosa para melhor situação. Já estava eu meio descrido das coisas, e mais dos homens; e por isso buscava na literatura diversão à tristeza que me infundia o estado da pátria entorpecida pela indiferença. Cuidava eu, porém que você, político das antigas e melhor têmpera, pouco se preocupava com as coisas literárias, não por menosprezo, sim por vocação. A conversa que tivemos então revelou meu engano; achei um cultor e amigo da literatura amena; juntos lemos alguns trechos da obra, que tinha, e ainda não perdeu, pretensões de um poema (Alencar, 1972, P.114).

O indianismo alencariano, como esclarece o próprio autor, surge, como causa, num processo de transferência do nacionalismo político para o literário; de uma crise pessoal de desilusão com a “pátria entorpecida pela indiferença” aparece a possibilidade de dedicar-se ao país de uma forma mais duradoura. Homem de tradição política, filho de senador do império, ele mesmo senador e deputado, Alencar se encontra “descrido das coisas, e mais dos homens”, mas não de sua vocação política no sentido mais amplo. Em 1855, havia escrito uma série de artigos críticos, Cartas a Confederação dos Tamoios contra o indianismo adotado por Gonçalves de Magalhães em seu poema Confederação dos Tamoios. Dois anos depois publica o romance O Guarani. O autor vinha procurando e delineando uma temática, um conteúdo autóctone que expressasse o seu nacionalismo romântico.

Leitor crítico das crônicas e dos tratados do início da colonização, dos dicionários etimológicos da língua indígena e das produções poéticas dos autores românticos seus contemporâneos, o escritor procurava, inclusive aprendendo o tupi-guarani, o caminho certo para o seu indianismo. A busca por uma justa medida de expressão cultural autêntica levou Alencar a profundas reflexões sobre como deveria escrever uma peça indianista atingisse a

maioria do público leitor. Tentou um poema, uma heroica, que tratava de assuntos e tradições dos indígenas brasileiros e de seus costumes, mas desistiu desse labor que a seu ver só interessaria aos especialistas.

A imagem ou pensamento, com tanta fadiga esmerilhados, seriam apreciados em seu justo valor pela maioria dos leitores? Não os julgariam inferiores a qualquer das imagens em voga, usadas na literatura moderna? (...) Ora, escrever um poema que devia alongar-se, para correr o risco de não ser entendido, e quando entendido não apreciado, era para desanimar o mais robusto talento, quanto mais a minha mediocridade. Que fazer? Encher o livro de grifos que o tornariam mais confuso e de notas que ninguém lê? Publicar a obra parcialmente para que os entendidos proferissem o veredicto literário? Dar leitura dela a um círculo escolhido, que emitisse juízo ilustrado? (Alencar, 1972, p. 115-116).

A carta-posfácio ao Dr. Jaguaribe dá aos leitores do romance *Iracema* muitas informações sobre a preocupação de Alencar com a produção e a circulação de sua obra; escrever um texto que contemple o leitor de seu tempo. A reflexão e cuidado com o tema e com a tipologia textual estão explícitos. O material já se encontra nas ideias do autor, mas falta a forma ideal que faça jus ao espírito nacionalista da época, atendendo as expectativas do leitor moderno, sem abandonar o material até então recolhido e trabalhado tanto do ponto de vista histórico quando do domínio do vocabulário da língua indígena. Segundo as reflexões do autor devia-se, sem abandonar o material poético, vertê-lo para outro gênero, isto é, para a prosa.

Mas não se abandona assim um livro começado, por pior que ele seja; aí nessas páginas cheias de rasuras e borrões dorme a larva do pensamento, que pode ser ninfa de asas douradas, se a inspiração fecundar o grosseiro casulo. Nas diversas pausas de suas preocupações o espírito volvia, pois ao livro, onde ainda incubados e estarão cerca de dois mil versos heroicos. (...) Em um desses voveres do espírito à obra começada, lembrou-me de fazer uma experiência em prosa. O verso pela sua dignidade e nobreza não comporta certa flexibilidade de expressão, que, entretanto não vai mal à prosa a mais elevada (Alencar, 1972, p. 116).

A missiva endereçada ao amigo-leitor relata toda a complexidade das condições pessoais de produção da obra e as preocupações do autor em relação ao público leitor, em outras palavras, com as condições de sua circulação. Alencar preocupa-se com a obra enquanto objeto de circulação, que devia atender não só a inspiração do autor, mas o universo de expectativa dos leitores que iriam adquirir a obra no mercado editorial e apreciá-la conforme o cânone moderno, ou seja, romântico. A carta diz muito sobre a concepção do romance, apresenta aspectos fundamentais e que devem ser citados por meio das palavras e da voz do próprio autor para que não se perca nada de sua riqueza. Pontuando o momento decisivo da produção do romance, o autor esclarece:

O assunto para a experiência, de antemão estava achado. Quando em 1848 revi nossa terra natal, tive a ideia de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra literária. Já em São Paulo, tinha começado uma biografia do Camarão. Sua mocidade, a heroica amizade que o ligava a Sores Moreno, a bravura e lealdade de Jacaúna, aliado dos portugueses, e suas guerras contra o célebre Mel-Redondo: aí estava o tema. Faltava-lhe o perfume que derrama sobre as paixões do homem a

alma da mulher. Sabe você agora o outro motivo que eu tinha de lhe endereçar o livro; precisava dizer todas estas coisas, contar como e porque escrevi *Iracema* (Alencar, 1972, P. 116).

Nos quatro parágrafos finais da carta, Alencar refere-se à relação entre a obra em prosa, o romance, e o poema. Trata-se de uma avaliação do material utilizado na produção de ambos os textos, e de uma justificativa sobre a forma de adaptação realizada, distinguindo a gênese e o gênero de cada uma das produções. Destaca também que o romance é uma mostra da abundância de riqueza contida no poema, texto inicial que deu origem à prosa. Deve-se acrescentar o autor iniciou sua carreira literária como poeta e escreveu os primeiros versos quando ainda era estudante. Deixou um poema épico inacabado, *Os Filhos de Tupã*, que seu filho publicou, após a sua morte. Deixou também inédito outro poema épico *Temora*, e dois poemets descritivos e epeicos, *Niterói* e *Rio de Janeiro*. O poema épico inacabado ao qual se refere nesta carta é certamente *Os Filhos de Tupã*, de onde origina o romance *Iracema*.

Esse livro é, pois, um ensaio, ou antes, mostra. Verá realizadas nele minhas ideias a respeito da literatura nacional; e achará aí poesia inteiramente brasileira, haurida na língua dos selvagens. A etimologia dos nomes das diversas localidades e certos modos de dizer, tirados da composição das palavras, são de cunho original. Compreende você que não podia eu derramar em abundância essas riquezas no livrinho agora publicado, porque elas ficariam na obra de maior vulto, a qual só teria a novidade da fábula. Entretanto, há aí de sobra para dar matéria à crítica e serve de base ao juízo dos entendidos (Alencar, 1972, p.116-117).

O romance vem como mostra do poema, o autor testa sua matéria prima ao escrever um romance que nasce dos conteúdos do poema, e se agradar aos leitores e aos entendidos, o texto primevo, de origem, poderá também ser editado, caso contrário acabará dentro de uma gaveta de papéis velhos e de relíquias autobiográficas. Apesar da consciência clara a respeito dos valores da literatura nacional e da importância que atribui ao ponto de vista dos leitores e da crítica literária, o romancista tem dúvidas quanto ao seu talento poético. Além disso, o escritor está aberto às possíveis críticas dos entendidos sobre aspectos do seu romance por isso finaliza sua carta com largueza de pensamento e espírito criterioso:

Se o público leitor gostar dessa forma literária, que me parece ter algum atrativo, então se fará um esforço para levar a cabo o começado poema embora o verso tenha perdido muito do seu primitivo encanto. Se, porém, o livro for acoimado de sedição e Iracema encontrar a usual indiferença, que vai acolhendo o bom e o mau com a mesma complacência, quando não é silêncio desdenhoso e ingrato, nesse caso o autor se desenganará de mais um gênero de literatura, como já se desenganou do teatro, e os velhos versos, como comédias, passarão para a gaveta dos papéis velhos, relíquias autobiográficas (Alencar, 1972, p.117).

Como se pode observar, o prólogo e o posfácio da primeira edição do romance apresentam informações importantíssimas sobre as questões propostas para este capítulo, apresentadas no seu título. As condições de produção, recepção e circulação das obras literárias são referências necessárias para dar início a todo tipo de análise que se queira empreender sobre elas. No caso do romance Iracema em que o indianismo é o elemento de resgate do passado mítico-histórico, é essencial tal abordagem, pois se cruza na ficção o nacionalismo político com o nacionalismo literário; é dessa confluência que se deve partir



para uma reflexão mais densa sobre a maneira como José de Alencar tratou questões relacionadas à sexualidade ao erotismo, à identidade feminina em sua obra, dentro do campo temático do indianismo romântico. O segundo capítulo desta dissertação refere-se a esse tipo de averiguação tendo como base a análise de discurso de linha francesa, e os estudos foucaultianos sobre produção discursiva e sexualidade humana.

## 5. CAPÍTULO II

### **SEXUALIDADE, EROTISMO E IDENTIDADE FEMININA EM IRACEMA.**

Neste capítulo são analisados fragmentos do romance, cuja orientação se encontra na seguinte questão: Qual a ordem discursiva e quais mecanismos de controle do discurso da sexualidade, do erotismo e do feminino estão presentes na narrativa de Iracema? Para tanto textos sobre a análise do discurso de linha francesa e de Foucault, que tratam do enquadramento temático proposto na questão acima, são utilizados para realizar a análise dos fragmentos discursivos do romance. A obra é considerada um poema em forma de prosa, com certas características épicas. As duas personagens principais Iracema e Martim são tratadas como heróis. Iracema é uma heroína típica do Romantismo, movida pelo amor, entrega, saudade até a morte. Aparecem também personagens históricos, que apesar de toda a lenda, podem ser identificados como pertencentes à História do Brasil.

Martim e Poti são exemplos desse tipo. Martim Soares Moreno chegou a mestre de campo e foi um dos excelentes cabos portugueses que libertaram o Brasil da invasão holandesa; ligou-se de amizade com Jacaúna chefe dos índios do litoral e seu irmão Poti. Em 1608, por ordem de Diogo Meneses deu início à regular colonização daquela capitania e fundou em 1611 o presídio de Nossa Senhora do Amparo. Poti recebeu no batismo o nome de Antônio Felipe Camarão e se tornou famoso na guerra contra os holandeses. Seus serviços foram pagos pela Coroa com o foro de fidalgo, a comenda de Cristo e o cargo de capitão-mor dos índios. Esses personagens históricos são introduzidos num cenário de ledas, de amor proibido, de amizades honrosas que ensejam o nascimento de Moacir, filho da miscigenação do branco e do índio. O indianismo presente no texto é ufanista, portanto idealizado e com fim nacionalista, dentro dos propósitos do cânone romântico brasileiro.

José de Alencar considera seu texto uma ampliação da lenda sobre a origem do Ceará e de sua gente, tanto assim, que no texto original por ele editado há abaixo do título *Iracema*, um subtítulo: *Lendas do Ceará*. O romance trata do povoamento das terras brasileiras, segundo a tradição oral das lendas, mas também do ponto de vista histórico, pois recupera personagens importantes para a História do estado cearense. Conteúdos lendários e da História se cruzam na narrativa e estão impregnados de poeticidade, pois não se pode esquecer que o romance tem origem num poema épico, segundo palavras do próprio autor. A linguagem é, portanto um fator fundamental para a análise dos fragmentos, uma vez que é fruto de uma tessitura impregnada de figuras de linguagem com propósitos simbólicos e míticos muito evidentes.

O primeiro capítulo é um poema em prosa, uma narrativa lírica, que delinea uma imagem, uma tela pintada pelo espírito romântico, na qual se percebe uma cena nostálgica. O guerreiro branco levando seu filho mestiço, o fruto de um caso de amor proibido. *Iracema*, a morena virgem que ousou desobedecer aos ritos de sua tribo e concebeu, antes de ter passado o segredo de *Jurema* a outra virgem, um filho testemunha de uma transgressão praticada em nome do amor. A transgressão, a superação do tabu, a aposta cegano amor, a paixão demolidora da moral tabajara, se por um lado leva à morte, por outro possibilita a miscigenação étnica; se por um lado resulta num romance romântico, por outro indica o único caminho para a consolidação da nação brasileira: a identidade nacional é fruto, num primeiro momento, de duas etnias, uma autóctone e outra colonizadora, consequência das Grandes Navegações em que se arrojou Portugal, assim o fez outros países e povos que se lançaram ao mar.

Machado de Assis em seu texto “José de Alencar: *Iracema*”, publicado na *Semana Literária* de 23 de janeiro de 1866, faz uma síntese dos principais elementos que compõem a trama romanesca da obra, e, ao mesmo tempo cita aspectos relevantes de sua leitura. O texto

critica o mau indianismo, assim como a ideia de que só era possível produzir literatura nacional dentro dessa temática. A crítica do mestre é elogiosa ao leitor e à obra. Machado deleitou-se com o romance de Alencar, entusiasmou-se com a configuração dada ao material histórico e lendário, pela perfeita simbiose dos conteúdos nacionais presentes na obra:

A fundação do Ceará, os amores de Iracema e Martim, o ódio de duas nações adversárias, eis o assunto do livro. Há um argumento histórico sacado das crônicas, mas esse é apenas a tela que serve ao poeta; o resto é obra da imaginação. Sem perder de vista os dados colhidos nas velhas crônicas, criou o autor uma ação interessante, episódios originais, e mais que tudo, a figura bela e poética de Iracema. Apesar do valor histórico de alguns personagens, com Martim e Poti (o célebre Camarão, da guerra holandesa), a maior soma de interesse concentra-se na deliciosa filha de Araken. A pena do cantor d'O Guarani é feliz nas criações femininas; as mulheres dos seus livros trazem sempre um cunho originalidade, de delicadeza, e de graça, que se nos grava na memória e no coração. Iracema é da mesma família. Em poucas palavras descreve o poeta a beleza física daquela Diana selvagem. Uma frase imaginosa e concisa, a um tempo, exprime tudo (Assis, 2006, p. 848).

Machado, excelente leitor, não se engana ao sugerir que o principal aspecto da trama romanesca repousa na presença da personagem Iracema e na configuração que o autor lhe atribui. Para tratar da temática da sexualidade do erotismo e da identidade é sobre ela que se deve voltar à observação. O universo feminino da indígena virgem espalha-se e modaliza-se em toda a trama e coloca o universo masculino na sombra ou à margem. Iracema preenche a narrativa, a ausência faz decrescer o tom do relato e o interesse dos leitores. Desta forma é

primeiramente do universo feminino de Iracema que se deve tratar, assim como esse universo se constrói em função do corpo, do amor, da maternidade e da morte.

O universo masculino do homem branco e dos índios, sempre sombreado pela presença constante de Iracema, e que no final sobrevive a ela, é marcado pelo corpo aventureiro, pelo corpo guerreiro, pelo corpo que detém o poder sobre a vida e a morte. Dentre esses corpos guerreiros, o do Pajé, Araquém é grave, honroso, guarda os segredos de Tupã que por ele se manifesta. De olhos cavos e rugas profundas, cabe-lhe meditar e interpretar os sagrados ritos de Tupã é, portanto senhor de um corpo sacralizado, e sob sua proteção ninguém perece. É ele que passa o cachimbo da hospitalidade. Os corpos masculinos são preparados para a guerra, a defesa de seu povo e de suas terras, e essa matriz serve tanto aos índios quanto para os brancos. Neste sentido, Martim, Poti, Irapuã, Caubi, Jacaúna, todos são corpos guerreiros indistintamente, apenas ao português se refiram os índios como guerreiro branco.

Estabelecendo a união entre o universo feminino e o masculino, a grande mãe Natureza é soberana e pródiga em sua exuberância, provê a suculenta caça, o peixe, o mel, a água, a farinha e os frutos. Jaci, a lua, mãe dos guerreiros e esposa do sol, brilha no céu como alvo disco, as estrelas suas filhas esperam-na em suas ausências. O anoitecer e o amanhecer são manifestações de sua Natureza sagrada. O dia nasce e expira. O dia enegrece e se faz noite. O sol transmontando declina para o ocidente. A alvorada abre o dia. Na moita fica o perfume da flor que o vento da serra desfolha de madrugada. E o bosque sagrado é de Jurema. E Tupã deu à nação Tabajara todos os seus campos e toda a sua terra.

A Natureza mitificada e idealizada pela prosa poética acolhe em suas entranhas o feminino e o masculino também idealizados. A prosa poética romântica adota por Alencar é a materialidade linguística que sustenta o discurso indianista cujo objetivo maior é estabelecer as bases da identidade brasileira, perdida num passado mítico que precisa ser resgatado e

dado a conhecer com um valor novo. O processo de ressignificação da natureza brasileira, do primitivo habitante e de sua cultura faz parte do projeto romântico. Nesse universo a ser restaurado, o romance *Iracema* é uma obra engajada num projeto político de reconstrução da brasilidade.

Nesse projeto político e literário entram expressões mais sutis da ideologia vigente como os aspectos relativos à sexualidade, ao erotismo e identidade feminina. Evidentemente que a construção dos corpos e das relações que se estabelecem entre o feminino e o masculino são elementos fundamentais para compreensão da maneira como o projeto romântico indianista formata sua discursividade sobre esses temas. A partir da construção dos corpos das personagens e das relações que estabelecem, por meio dessa corporeidade, com o desejo, o amor, a paixão, a procriação é que se propõe analisar os fragmentos discursivos retirados da obra. Machado de Assis condensa de forma discreta, a beleza física do corpo de *Iracema* e a beleza moral caracterizando muito bem a heroína romântica idealizada na expressão “a virgem dos lábios de mel”.

(...) a filha do pajé, espécie de vestal indígena, vigia os segredos da jurema, é um complexo de graças e de paixão, de beleza e de sensibilidade, de casta reserva e de amorosa dedicação. Realça lhe a beleza nativa a poderosa paixão do amor que procede da virgindade da natureza, participa da independência dos bosques, cresce na solidão, alenta-se do ar agreste da montanha. Casta, reservada, na missão sagrada que lhe impõe a religião de seu país, nem por isso *Iracema* resiste à invasão de um sentimento novo para ela, e que transforma a vestal em mulher (Assis, 2006, p. 850).

O corpo virgem de *Iracema* justifica-se pela posição que ocupa na hierarquia da estrutura da nação Tabajara, é o designativo com que é nomeada nas páginas iniciais do

romance. A virgindade é um atributo exigido pelas leis tribais, uma vez que ela guarda o segredo de jurema e o mistério do sonho, isto é, o segredo da fabricação do sumo esverdeado de uma planta alucinógena; suas mãos fabricavam para o Pajé a bebida de Tupã, oferecida aos guerreiros no ritual da lua nova. “Vem Iracema com a igaçaba cheia do verde licor. Araquém decreta os sonhos a cada guerreiro e distribui o vinho de jurema, que transporta ao céu o valente tabajara,” (Alencar, 1972. p.60-61). A cena acontece no bosque sagrado de jurema, onde nenhum guerreiro poderia entrar sem a permissão do Pajé.

Depois que Iracema ofereceu aos chefes tabajaras o licor de Tupã, saiu do bosque, pois o ritual não permitia que assistisse ao sono dos guerreiros e ouvisse falar os sonhos. O procedimento ritualístico de controle discursivo demonstra como a sociedade indígena protege os mistérios do sagrado, interditando os não iniciados o acesso aos discursos proferidos durante os transe experiência dos somente pelos chefes guerreiros. De acordo com Foucault (2002), a ordem discursiva limita o poder de circulação do discurso, impede sua propagação, estabelece rituais restritos para seu acontecimento. E na circunstância de sua ocorrência há funções específicas. A mulher que prepara o licor que possibilita a enunciação discursiva interdita os não iniciados deve ser virgem.

Entretanto, o discurso sobre a virgindade de Iracema, a ênfase simbólica sobre seu corpo virgem, é também reflexo de tabus e preconceitos sobre o corpo feminino que extrapola os rituais da nação Tabajara. O discurso romântico sobre a condição ideal do feminino valoriza a virgindade, a castidade, a pureza, a delicadeza feminina. Perda a virgindade corresponde a um rebaixamento da condição feminina, ao início de um descaminho em direção à margem da sociedade. O caso não foi diferente com Iracema, que destinada a um chefe guerreiro tabajara, deveria passar sua função a outra virgem para que pudesse ser esposa. Martim jamais teria desvirginado Iracema em sã consciência, estaria incorrendo num crime se o fizesse, embora a desejasse “a alva rede, que Iracema perfumara

com resina de benjoim, guardava-lhe um sono calmo e doce. O cristão adormeceu ouvindo suspirar, entre os murmúrios da floresta, o canto mavioso da virgem indiana” (Alencar, 1972, p.30).

A condição de virgindade de Iracema, desde o início da obra até o capítulo 27, determina o tratamento dado à filha de Araquém. Iracema é a virgem dos lábios de mel, que guarda o segredo de jurema, e assim é referenciada por sua condição inviolável, cuja origem se encontra na lenda cearense transcrita por Alencar. Entretanto outros fatores instigam o leitor atento sobre questões que envolvem essa condição de produção discursiva, e até mesmo o interdiscurso que sobre determina o autor a dizer o que diz, como o diz e por que diz o que diz, conforme proposição da Análise do Discurso. O romance é parte de um projeto de caráter romântico e nacionalista que há tempos Alencar vinha acalentando e para isso leu e estudou as crônicas sobre o povoamento do Brasil.

Tudo leva a crer que a virgindade de Iracema decorre mais do indianismo utópico, idealizado, na tentativa de uma invenção, ou reinvenção do passado do que do conhecimento da sexualidade indígena. José de Alencar em seu projeto literário indianista se opunha frontalmente contra a visão do índio degradado expressa nos textos dos primeiros colonizadores, mas por outro lado não dispunha de informações mais exatas sobre a sexualidade praticada pelas tribos ameríndias, visto que esta não fora ainda objeto de pesquisa. Aspectos relevantes do comportamento sexual das tribos indígenas brasileiras são frutos de pesquisas mais recentes no campo de saberes como a antropologia, a sociologia e estudos sobre a história da sexualidade, realizadas, principalmente no âmbito das pesquisas universitárias no século 20. A criação romântica indianista de Alencar investe contra o passado.



Os historiadores, cronistas e viajantes da primeira época, senão de todo o período colonial, devem ser lidos à luz de uma crítica severa. Releva ainda notar que, duas classes de homens forneciam informações acerca dos indígenas: a dos missionários e a dos aventureiros. Em luta uma contra a outra, ambas se achavam de acordo nesse ponto, de figurarem selvagens como feras humanas. Os missionários encareciam assim a importância da catequese, os aventureiros buscavam justificar-se da crueldade com que tratavam os índios (Alencar, 1980, p.11-12).

Esses escritos portugueses, excetuando a Carta escrita por Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, não oferecem uma imagem positiva do índio, de sua cultura, de seus usos e costumes, enfim da natureza inóspita e de seu habitante autóctone. Ao contrário, principalmente, a literatura jesuítica condena os pecados graves cometidos pelos índios como a luxúria, a poligamia, os rituais de antropofagia e a união de uma índia com um branco. Os conteúdos desses textos não serviam aos interesses do projeto romântico, de idealização do índio, mas é também com esses textos que o autor dialoga, quando projeta escrever seu poema épico inacabado e quando resolve elaborar uma obra mais amena como o romance romântico. Pero de Magalhães Gandavo em *Tratado da Terra do Brasil*, relata fatos semelhantes aos recuperados por Alencar.

“E se a moça que dormiu com o cativo fica prenha, aquella criança, que pare depois de criada, matão-na e comem-na e dizem que aquella menina ou menino era seu contrário verdadeiro, e por isso estimão muito comer-lhe a carne e vingar-se delle. E porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes quando se sente prenhe mata-a dentro da briga e faz com que morra. E acontece algumas

vezes afeiçoar-se tanto a esse cativo e tomar-lhe tanto amor que foge com ele para sua terra para o livrar da morte (Gândavo, apud, Roncari, 1995, p.53).

O corpo virgem de Iracema idealizado desde o primeiro capítulo do romance “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira” (Alencar, 1972, p. 25), depois de quebrar a flecha da paz com o guerreiro branco que a surpreendera após o banho, em meio as matas das terras Tabajaras, o conduz, como hóspede à cabana de seu pai, o pajé Araquém. Desde esse episódio, o amor pelo conquistador branco evolui numa vertiginosa ascensão até chegar o dia em que, a tímida e casta virgem decide tornar-se mulher de Martim. Alencar parece mesmo dialogar com o texto de Gandavo. Pois, as duas personagens sentem-se atraídas e seus corpos estão agora sob os impulsos do desejo que o guerreiro branco não ousa manifestar, mas Iracema intui e decide testar tomando uma atitude só possível a ela, conhecedora do segredo de jurema. Leva o guerreiro ao bosque sagrado dá-lhe de beber o líquido mágico que o leva de volta à terra natal e aos amores infantis.

Martim sentiu perpassar nos olhos o sono da morte; porém a luz inundou-lhe os seios d’alma; uma força exuberou em seu coração. Reviveu os dias passados melhor do que os tinha vivido; fruiu a realidade de suas mais belas esperanças. Ei-lo de volta à terra natal, abraça a velha mãe, revê mais lindo e terno o anjo puro dos amores infantis. Mas por que, mal de volta ao berço da pátria, o jovem guerreiro de novo deixa o teto paterno e demanda o sertão? Já atravessa a floresta; já chega aos campos do Ipu. Busca na selva a filha do Pajé. Segue o rasto ligeiro da virgem arisca, soltando à brisa com o crebro suspiro o doce nome: Iracema! Iracema. Já a alcança e cinge-lhe o braço pelo talhe esbelto. Cedendo à meiga pressão, a virgem

reclinou-se ao peito do guerreiro, e ficou ali trêmula e palpitante como a tímida perdiz, quando o terno companheiro lhe arrufa o bico a macia plumagem. O lábio do guerreiro suspirou mais uma vez o doce nome e soluçou. Como se chama outro lábio amante. Iracema sentiu que sua alma se escapava para beber-se no ósculo ardente (Alencar, 1972, p.34-35).

Iracema sabe agora que também é amada pelo guerreiro branco, e seus corpos passam para a fase do desejo mútuo e explícito, o que provoca uma revolução na nação dos Tabajaras, pois se torna do conhecimento dos guerreiros da tribo que Iracema introduziu o guerreiro branco no recinto sagrado de jurema., e a vingança de Irapuã, futuro esposo de Iracema, envenena a aldeia. O triângulo amoroso, modelo seguido invariavelmente pelos românticos está construído segundo o cânone da estética. Os corpos desejosos se atraem e se protegem para o momento de consolidarem sua união. Apesar do clima bélico contra Martim, o Pajé o protege por tratar-se de um dever de hospitalidade, o que enseja a possibilidade da realização do desejo do par amoroso. E no capítulo 15, esses corpos se entregam burlando as regras e os ritos tribais, desobedecendo a tabus e até mesmo às regras do matrimônio cristão de forma a não ser mais possível viver no âmbito daquele povo e daquela cultura. Martim pede a Iracema experimentar pela última vez o licor mágico e a virgem o atendeu, queria viver em sonho a posse do corpo amado, Iracema atende ao pedido.

Agora podia viver com Iracema e colher em seus lábios o beijo, que ali viçava entre sorrisos como o fruto na corola da flor. Podia amá-la e sugar desse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem. O gozo era vida, pois o sentia mais forte e intenso; o mal era sonho e ilusão, que da virgem não possuía senão a imagem. Iracema afastara-se opressa e suspirosa (Alencar, 1972, p. 58).

O desejo do par amoroso é o mesmo, quer consumir um amor impossível, e para evitar as trágicas consequências do ato sexual, apelam ambas as personagens ao ritual do licor mágico, alucinógeno que transforma o desejo em realidade, mas estaria apenas atendendo aos impulsos eróticos do guerreiro branco, uma vez que foi ele quem bebeu a poção milagrosa. Entretanto, Iracema estava decidida a participar efetivamente do sonho do herói. O mal, o veneno com que Martim não queria macular a jovem virgem, optando pelo sonho ilusório, não é assim considerado por Iracema, que ao ouvir seu nome pronunciado pelos lábios do amado que de braços abertos a reclama, abriga-se neles como a juriti se aconchega ao doce ninho.

Abriram-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente. A juriti, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro; bate as asas e voa a conchegar-se ao tépido ninho. Assim a virgem do sertão aninhou-se nos braços do guerreiro (Alencar, 1972, p. 58).

O discurso erótico romântico, que é cheio de lirismo poético não ousa desvelar o momento íntimo dos amantes, é tecido com recursos de linguagem em que se evidencia a comparação, a metáfora, a sugestão, a sinestesia, criando um clima de comunhão com a natureza virgem da floresta, onde vive a nação Tabajara. Iracema é comparada a uma ave, a rede em que encontra o casal ao ninho da juriti. Para descrever a manhã seguinte, o autor continua acentuando os recursos poéticos, a virgem é comparada a uma borboleta que dormiu no seio de um cacto, uma esposa envergonhada em cujo rosto se nota a mesma cor do amanhecer, e um sorriso onde cintila o primeiro raio de sol. Iracema está feliz e unida ao

coração de Martim ao acordar não percebe a realidade do ato praticado, pensa que tudo não passou de um sonho e diz “Os beijos de Iracema são doces no sonho; o guerreiro branco encheu deles sua alma. Na vida, os lábios da virgem de Tupã amargam e doem como o espinho de jurema” (Alencar, 1972, p.59).

Iracema só conta que dormira com o guerreiro branco no episódio da fuga ao saírem dos campos tabajaras, juntamente com Poti, amigo de Martim que viera ajudá-lo a livrar-se da tribo da jovem esposa. A partir desse momento, a índia é chamada de esposa. “Iracema te acompanhará, guerreiro branco, porque já é sua esposa.” (Alencar, 1972, p. 63). E como esposa é que dorme a primeira noite com seu esposo fora dos domínios de seu povo. “A floresta destilava suave fragrância e exalava arpejos harmoniosos; os suspiros se difundiam nos murmúrios do deserto. Foi à festa do amor e o canto do himeneu” (Alencar, 1972, p. 64). A união só se consuma no momento em que Martim assumindo seu desejo chama Iracema para a sua rede. Durante essa noite, os tabajaras que vinham ao encalço dos inimigos, caminham e ao amanhecer os encontram e trava-se a sangrenta batalha entre os guerreiros pitiguaras e os tabajaras. Iracema fica ao lado do esposo e o salva de morrer na luta contra Irapuã, o guerreiro a que estava prometida após cumprir seu tempo de dedicação à jurema.

A rede tecida por Iracema e ofertada a Martim ainda na aldeia tabajara como símbolo de hospitalidade é o leito nupcial em que os corpos desejos se encontram à noite nas andanças pelas terras dos pitiguaras amigos do guerreiro branco também chamado de guerreiro cristão. A jovem esposa segue seu esposo e o amor vai se consolidando como diz Iracema a Martim “O coração da esposa está sempre alegre junto de seu guerreiro e senhor” (Alencar, 1972, p. 74) A relação que se estabelece entre o casal, embora descrita em linguagem romântica, revela uma grande superioridade do universo masculino em relação ao feminino. A decisão é sempre dos guerreiros índios ou do cristão, Iracema é submissa, arisca, tímida, e sempre espera, escuta observa de longe, aguarda ser chamada.

O erotismo lírico-romântico, já apontado nos discursos sobre o corpo belo de Iracema e o amor que a uniu ao guerreiro cristão, é um dos principais recursos usado pelo autor para construir a imagem feminina e sua identidade. Após separar-se de sua tribo e seguir seu esposo, a jovem esposa sentia-se cada vez mais atraída e apaixonada pelo companheiro. “A alegria morava em sua alma. A filha dos sertões era feliz como a andorinha que abandona o ninho dos pais e peregrina para fabricar novo ninho dos pais onde começa a estação das flores” (Alencar, 1972, p. 78).

A relação amorosa vivida pelo jovem casal é descrita de forma idealizada e comparada frequentemente com a das aves, ressaltando-se a presença da natureza rica e luxuriante com flores pássaros, aromas, frutos e águas límpidas e serenas. Iracema tem assim sua identidade feminina comparada com a pureza da terra selvagem, não maculada ainda pela ação do colonizador. E a jovem esposa “Como o colibri entre as flores da acácia, ela discorria as amenas campinas. A luz da manhã já a encontrava suspensa ao ombro do esposo e sorrindo como a enredilha, que entrelaça o tronco robusto” (Alencar, 1972, p. 78).

O banho é outro ritual erótico explorado pelo autor para enfatizar a formosura da mais bela filha da raça de Tupã. No início do romance o guerreiro branco, perdido nos campos tabajaras, surpreende a virgem índia após o banho, “Iracema saiu do banho; o aljôfar d’água ainda a roreja, como a doce mangaba que corou em manhã de chuva” (Alencar, 1972, p.25). Em outro momento, ao amanhecer quando já dormira com Martim sem que ele soubesse do ocorrido, a jovem índia também se banha num ritual simbólico “As águas do rio banharam o corpo casto da recente esposa. Tupã já não tinha sua virgem na terra dos tabajaras” (Alencar, 1972, p.59).

Tempos depois, longe de sua terra, Iracema encanta os pitiguaras com a beleza do seu corpo durante seus banhos. Alencar insiste nos rituais do banho destacando sempre a beleza e a pureza da selvagem.

Perto havia uma formosa lagoa no meio de verde campina. Para lá volvia a selvagem o ligeiro passo. Era a hora do banho da manhã; atirava-se à água e nadava com as garças brancas e as vermelhas jaçanãs. Os guerreiros potiguaras, que apareciam por aquelas paragens, chamavam essa lagoa Porangaba, ou lagoa da beleza, porque nela se banhava Iracema, a mais bela filha da raça de Tupã. E desde esse tempo as mães vinham de longe mergulhar suas filhas nas águas da Porangaba que tinha a virtude de dar formosura às virgens e fazê-las amadas pelos guerreiros (Alencar, 1972, p.78).

Quatro luas após terem deixado a tribo dos tabajaras, o corpo de Iracema apresenta grávido e feliz. A esposa espera pelo esposo às margens do lago Pacatuba para lhe revelar a boa nova. Tem o corpo adornado com o símbolo da fecundidade conforme o costume de sua tribo. “Por cima da carioba trazia uma cintura de flores de maniva que era o símbolo da fecundidade. Colar das mesmas cingia-lhe o colo e ornava os rijos seios palpitantes” (Alencar, 1972, p.79). Depois tomou as mãos do esposo e a colocou sobre o ventre e revelou-lhe “-Teu sangue já vive no seio de Iracema. Ela será mãe de teu filho!” (Alencar, 1972, p.79). A cena é semelhante a de outras culturas quando o esposo é infirmado que será pai: Martim ajoelhou-se, abraçou, e beijou o seio fecundo da esposa.

O corpo grávido de Iracema alegra Martim e seu amigo Poti como alegraria um casal e seus amigos na cultura judaico-cristã. E os mesmos valores sagrados invocados nesses momentos são os proferidos pelo amigo Poti que se sente impelido a dizer palavras de conagração aos futuros pais. A cena montada pelo autor para destacar a importância do corpo feminino grávido é fundamental para compreender um dos principais objetivos da obra, isto é, valorizar a união do branco com o índio na formação da nacionalidade brasileira. Por

isso cabe a Poti saudar os esposos entrelaçando em sua fala valores referentes às duas culturas numa linguagem cheia de simbolismos.

A felicidade do amancebo é a esposa e o amigo; a primeira dá alegria, o segundo dá força; o guerreiro sem esposa é como a árvore sem folhas nem flores: nunca verá o fruto; o guerreiro sem amigo é como a árvore solitária que o vento açoita no meio do campo; o fruto dela nunca amadurece. A felicidade do varão é a prole, que nasce dele e faz seu orgulho; cada guerreiro que sai de suas veias é mais um galho que leva seu nome às nuvens, como a grimpa do cedro. Amado de Tupã é o guerreiro que tem esposa, um amigo e muitos filhos; ele nada mais deseja senão a morte gloriosa (Alencar, 1972, p. 79).

Percebe-se pelo vocabulário usado que o discurso de Poti refere-se somente ao sexo masculino, são os varões os frutos desejados para perpetuar a raça e a força, o que se traduz em tradição e poder. À posição feminina está bem delineada, pois lhe cabe gerar filhos, anunciar a chegada deles numa posição discursiva em que nada tem a dizer. O discurso, o poder da ideologia que perpassa o discurso de valor masculino. Poti fala e Martim é seu interlocutor que retomando suas palavras as confirmam segundo os preceitos dos objetivos do discurso romântico indianista e nacionalista que o autor tem em mente.

- O coração do esposo e do amigo falou por tua boca. O guerreiro branco é feliz, chefe dos pitiguaras, senhores das praias do mar; a felicidade nasceu para ele na terra das palmeiras, onde rescende a baunilha, e foi gerada no sangue de tua raça, que tem no rosto a cor do sol. O guerreiro branco não quer mais outra pátria senão a pátria de seu filho e de seu coração (Alencar, 1972, p.79).



A exclusão do discurso feminino é uma constante na história da cultura ocidental e remonta outras civilizações, e os livros sagrados das principais religiões. Na cultura judaico-cristã é uma exceção a voz feminina aparecer. Na cultura indígena parece não ser diferente, principalmente porque quem a traduz, por meio das antigas crônicas, relatos, lendas e mitos para os textos na língua dos colonizadores, também são os homens. Recentemente, mulheres indígenas, no rastro do feminismo branco têm falado e escrito. A literatura romântica do século 19 é escrita por vozes masculinas com raras exceções e como não poderia ser diferente traz a marca da ideologia da época. Foucault deixou em suas reflexões sobre a ordem do discurso, com excepcional clareza, a forma como as instituições engendram em suas entranhas a ordenação dos discursos.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa. O tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado do sujeito que fala: aí temos o jogo de três tipos de interdição que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar (Foucault, 2002, p.9).

A situação em que Alencar situa suas personagens e conseqüentemente o lugar discursivo que ocupam, contando ainda com os objetivos da autoria comprometida com a proposta ideológica do romantismo brasileiro, favorecem a posição discursiva masculina. Trata-se do período da colonização em que o homem branco adentrava os sertões para a consolidação da conquista da terra e das amizades com chefes indígenas para a aculturação e

domesticação dos índios. O espaço e o tempo são de lutas, enfrentamentos, traições e algumas vezes alianças, e o agente é essencialmente como diz o texto dos guerreiros indígenas e dos guerreiros brancos. As mulheres índias sofreram passivas e silenciosas, como Iracema em conformidade com as categorias foucaultianas. Iracema pouco fala no romance, age pelas sombras, dissimulando suas intenções, mas fazendo uso de seus poderes femininos, beleza e magia são suas armas como as suas ancestrais Morgana, Isolda e tantas outras personagens de resistência ao poder masculino.

Assim como o corpo de Iracema modificava-se com a gravidez, Martim também passou por um ritual de transformação já que seria pai de um filho de Tupã. “O estrangeiro, tendo adotado a pátria da esposa e do amigo, devia tornar-se um guerreiro vermelho, um filho de Tupã” (Alencar, 1972, p. 81). Iracema e Poti preparam a cerimônia e executaram os rituais pintando o corpo do guerreiro e armando-o com a flecha e o tacape, as armas nobres, o cocar e a araçãoia, ornatos dos chefes ilustres. Os guerreiros ingeriram as bebidas e dançaram as danças alegres. Iracema deu-lhe o nome de Coatiabo, que quer dizer criatura ou no caso guerreiro pintado. Os esposos e Poti viveram felizes até que a tribo dos potiguaras e a dos tabajaras entraram em luta, e os dois guerreiros tiveram de partir. Martim decidiu sozinho não levar Iracema e nem lhe comunicar o motivo de sua partida. Assim a esposa grávida fica sozinha esperando a volta dos guerreiros.

O guerreiro volta e nova temporada se inicia na vida do casal no começo doce como o favo de mel, depois áspera e triste, pois como adivinhava Iracema, Martim agora sofria saudades de sua terra natal. Assim o corpo grávido da esposa começa a sentir-se rejeitado pelo esposo.

- Teu lábio secou para a esposa; assim a cana, quando ardem os grandes sóis, perde o mel, e as folhas murchas não podem mais cantar quando a brisa passa.

Agora só falas ao vento da praia para que ele leve tua voz a cabana de teus pais (Alencar, 1972, p.90).

A tristeza da esposa e a do esposo e mais uma nova guerra, agora contra os guerreiros brancos, afasta-os novamente, e o filho de Iracema nasce durante a ausência do pai, envolvido nas lutas pela ocupação das terras indígenas.

Iracema, sentindo que se lhe rompia o seio, buscou a margem do rio onde crescia o coqueiro. Estreitou-se com a haste da palmeira. A dor lacerou suas entranhas; porém logo o choro infantil inundou sua alma de júbilo. A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e com ele arrojou-se às águas límpidas do rio. Depois o suspendeu à teta mimosa; seus olhos o envolviam de tristeza e amor. Tu és Moacir, o nascido de meu sofrimento (Alencar, 1972, p.94).

O corpo materno de Iracema é silencioso, triste e fraco, embora se anime ao receber a visita de seu irmão Caubi, quando este parte sua desolação aumenta e nestas condições tem dificuldade em amamentar o filho. “A jovem mãe suspende o filho à teta, mas a boca infantil não emudeceu. O leite escasso não apoiava o peito. O sangue da infeliz diluía-se todo nas lágrimas que lhe não estancavam” (Alencar, 1972, p. 98). Iracema prepara um mingau de carimã para alimentar o filho. Mas, vai à busca de outro recurso para que possa alimentar seu filho com seu próprio leite, pensando que a criança não tenha forças para sugar seus seios.

Quando o sol dourou a crista dos montes, partiu para a mata, levando ao colo a criança adormecida. Na espessura do bosque estava o leite da irara ausente; os tenros cachorrinhos grunhem enrolando-se uns sobre os outros. A formosa tabajara

aproxima-se de manso. Prepara para o filho um berço da macia rama do maracujá e senta-se perto. Põe no regaço um a um dos filhos da irara e lhes abandona os seios mimosos, cuja teta rubra com a pitanga ungiu do mel de abelha. Os cachorrinhos famintos sugam os peitos avaros de leite. Iracema curte dor, como nunca sentiu, parece que lhe exaurem a vida, mas os seios vão-se entumecendo; apojam afinal, e o leite, ainda rubro do sangue de que se formou, esguicha. A feliz mãe arroja de si os cachorrinhos e cheia de júbilo mata a fome ao filho. Ele é agora duas vezes filho de sua dor, nascido dela e também nutrido (Alencar, 1972, p. 98).

O longo trecho citado é essencial para que se percebam as questões mais importantes do corpo materno de Iracema, a tristeza que a impedia de alimentar-se, tem como consequência a fraqueza e exaustão, o que dificulta o aleitamento materno. A jovem mãe faz uso de um costume de sua tribo para resolver o problema, mas como ela mesma já havia profetizado, sua morte era algo inevitável. Do ponto de vista da construção da trama, a morte de Iracema é uma solução razoável, visto que se o herói abandona mãe e filho nas matas e volta à sua terra, o que se tem em vista é antes de tudo um vilão, ou uma personagem realista. Se o herói resolve levar a esposa índia para sua terra natal, o fato extrapola os ideais românticos e entra no domínio do fantasioso. Uma vez que o objetivo maior da obra era possibilitar a união entre duas raças para a formação de uma etnia que correspondesse a identidade brasileira, o mais importante era garantir a vida de Moacir junto ao pai. Porque este teria condições de integrá-lo à sociedade e dessa integração surgiriam os verdadeiramente brasileiros.

O corpo materno de Iracema dentro das condições discursivas que se lhe impõe o programa romântico, idealizando o sofrimento feminino como um valor legado pela cultura judaico-cristã. Apropria-se de outras formações discursivas em que o ser mãe leva

necessariamente ao sofrimento físico e emocional. O corpo de Iracema, enquanto corpo virgem, desejoso, desvirginado, tinha como valor maior o prazer, o gozo amoroso, após ter engravidado tem início alguns sofrimentos que vão da gradação do esfriamento da paixão, do abandono devido às lutas, da solidão durante a gestação, culminando com as dores solitárias do parto e da frustrada amamentação. Iracema, dentro dos propósitos românticos e uma heroína mártir, paga com a vida a união de duas raças para a consolidação de uma nova etnia. Iracema como Lucíola, outra personagem romântica que paga seus pecados por ter se prostituído com a vida, são símbolos do idealismo romântico, para o qual a pureza feminina era a base da formação familiar e da nova sociedade burguesa que deveria ser construída, tendo como fundamento o nacionalismo brasileiro.

Quando Martim voltou das lutas, depois de passadas oito luas, foi chegando a sua cabana com passos lentos e pesados temendo o que poderia ter acontecido à esposa e ao chamá-la pelo nome “A triste esposa e mãe soabriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande pôde erguer o filho nos braços e apresenta-lo ao pai, que o olhava extático em seu amor” (Alencar, 1972, p. 100). Depois de colocar o filho nos braços do pai, Iracema não se levanta mais da rede, mas ainda pode dizer ao guerreiro branco seu último desejo “Enterra o corpo de sua esposa ao pé do coqueiro que tu amavas. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é a tua voz que fala entre seus cabelos” (Alencar, 1972, P. 100). O corpo morto de Iracema foi enterrado, embebido em resinas odoríferas ao pé do coqueiro à margem do rio. Esse corpo morto, na lembrança dos pitiguaras, é sempre evocado quando passam pelo lugar e ouvem a jandaia cantar. Por isso se afastam dali com muita tristeza, pois o canto da ave que sempre acompanhara Iracema desde o tempo em que vivia na cabana de Araquém. O canto da pequena ave em tupi-guarani deu o vocábulo Ceará. Diz a tradição que Ceará significa canto da jandaia. Portanto, o corpo morto da jovem mãe tabajara transformase em lenda, nomeando o rio Ceará.

Os mais importantes temas que podem ser ressaltados no romance *Iracema* de José de Alencar são os relacionados à sexualidade que compreende o erotismo e a identidade feminina. Do início ao fim do romance o corpo de Iracema é objeto da narração, da descrição, da própria evolução da trama. Seu corpo virgem, seu corpo desejoso, seu corpo objeto de sedução, nas terras de sua tribo é responsável por uma parte do enredo. Seu corpo de esposa, seu corpo grávido, seu corpo materno e seu corpo morto respondem por outra parte da história. É a partir da condição do corpo feminino indígena que o autor quer construir seu discurso sobre a identidade brasileira. O narrador-autor do romance é sobre determinado discursivamente pelas condições e valores que circulam no seu grupo social e pelos dispositivos de comunicação do lugar em que se encontra. Por isso o corpo de Iracema é concebido conforme crenças e tabus da sociedade brasileira branca do século 19 e concebido também conforme os dispositivos do discurso indianista nacionalista romântico.

O corpo de Iracema é delineado seguindo as regras da moral e dos valores da sociedade branca, vem daí todo o erotismo poético, discreto, bem comportado, cheio de sugestões e de figuras de linguagem que afastam qualquer construção discursiva menos elevada. O corpo da índia recebe o mesmo tratamento romântico idealizado que receberam as outras heroínas dos demais romances de Alencar. Vem daí algumas críticas recebidas no sentido de que o autor estava fugindo da realidade e esculpindo uma personagem inverossímil. Tem propósito a crítica, mas deve-se ter em mente que se trata de um autor romântico comprometido com o ideal e não com o real e, além disso, engajado numa luta de reconstrução da imagem demolidora e distorcida pelos preconceitos que os colonizadores portugueses deixaram sobre os verdadeiros habitantes das terras americanas. Se por um lado houve idealização romântica, por outro houve também muitas incompreensões e erros praticados pelos primeiros colonizadores. Por isso a leitura do romance *da virgem dos lábios de mel* é um momento adequado para se repensar não só sobre o idealismo romântico, mas

também como se deu o processo colonizador no Brasil e ressignificar os conteúdos temáticos do romance de Alencar, principalmente a questão da sexualidade indígena.

A sexualidade, no romantismo vem como expressão desse mundo sonhado e idealizado, e o código ético desse estilo exige uma linguagem à altura de seus propósitos. Por isso o que se pode denominar de sexual surge por meio de um discurso erótico velado, rarefeito pelo tecido escorregadio da linguagem lírica. O erotismo romântico prevê e admite a posse do corpo desejado, mas não transforma esse momento em discurso explícito, apenas sugere. Nos romances românticos de Alencar, em que se apresentam tantos perfis femininos, mesmos em se tratando de uma prostituta, como na obra *Lucíola*, o erotismo é uma categoria de sublimação, não de degradação.

Tratando-se da construção da personagem feminina, Iracema, a jovem virgem, a filha casta e pura da nação tabajara, que guardava o segredo de jurema, iniciada nas artes mágicas de sua tribo, é levada pela trama romântica a apaixonar-se e desejar ardentemente o guerreiro branco. E no sentido de extrapolar os códigos da cultura e os costumes da sociedade, no caso tribal, em nome do desejo, a personagem é um símbolo da quebra de tabu, no sentido literal da expressão. É a filha rebelde do velho Araquém, que abandona seu lar, seus irmãos, seu futuro esposo, enfim seu povo e costumes para acompanhar o guerreiro branco, traindo as leis sagradas de Tupã.

O perfil feminino da personagem é semelhante ao da alma romântica que se deixa morrer por amor; uma das mais fortes características do ultrarromantismo, que se encontra facilmente em outras obras do gênero. A atitude da personagem que foge da sua realidade, sonhando com algo idealizado ou sonhado, é própria do escapismo romântico configurado pelo devaneio, pelo desejo de evadir-se da realidade, pelo ensejo de viajar por lugares exóticos e desconhecidos, por lutar pelos desejos até morrer por eles; preferindo a morte à negação dos impulsos emocionais e sentimentais.

A personagem romântica é centrada em seu “eu” e ele é só subjetividade e desejo, com essa configuração, torna-se um fator de desequilíbrio, de desconstrução da ordem vigente, e da negação dos valores estabelecidos pelo grupo social ao qual pertence. Em geral, assim como Iracema, toda heroína romântica é rebelde e desafiadora, muito embora a sua aparência física não conforme com sua força e resistência. À fragilidade da situação da jovem índia em relação ao universo masculino, o conjunto dos guerreiros de sua tribo, que a vigiavam e protegiam, não corresponde à força do desejo, do ímpeto, da determinação. Sua atitude ousada provoca uma guerra entre os tabajaras e os pitiguaras. E durante o conflito, a esposa tabajara ficou ao lado do esposo cristão. Ao mesmo tempo em que o protegia, sofria a angústia de ver sua gente morrer, sendo ela o motivo principal: a causa da traição cometida pelo hóspede à hospitalidade tabajara.

À resistência e à determinação egocêntrica da personagem, corresponde à força da argumentação romântica apresentando-se sob a forma de um tipo de discurso que insiste nas essências; é monológico, repete sempre um conjunto de virtudes e de valores inquestionáveis, para ele não existe a dialética. Em nenhum momento Iracema desistiu de seu desejo, de seus impulsos, caminhou movida pelo desejo, caminhou para a morte sem cogitar nunca em mudar a direção de seu destino, que no caso foi trágico. Nos últimos capítulos da obra a jovem mãe é uma alma que sofre, mergulhada em suas dores físicas (parto e aleitamento) e na solidão de um destino sem esperança. O rompimento com seu povo e a ausência do guerreiro branco tortura seu espírito. Este é um aspecto autenticamente romântico.

Daí que o romântico mergulhe cada vez mais na própria alma, a examinar lhe masoquistamente os desvãos, com o intento vaidoso de revelá-la e confessá-la. E embora confesse tempestades íntimas ou fraquezas sentimentais, experimenta um prazer agridoce em fazê-lo, certo da superior dignidade do sofrimento. À confissão



de intimidades sentimentais corresponde a descoberta de sensações ligadas à fragilidade e ao mistério dos destinos humanos, submetidos aos azares e à perpétua mudança de tudo (Moisés, 1972, p.117).

A virgem guerreira tabajara, forte e ousada em sua curta trajetória amorosa, tornou-se uma mãe frágil, cujo destino doloroso faz dela outro símbolo, a da maternidade abnegada que pela dimensão de sua entrega possibilita a união de duas etnias, e o fundamento da identidade brasileira, exemplo de beleza nativa e de sentimento maternal. É um dos mitos mais importantes da origem do Ceará. Ao transformar-se em matéria literária, colaborou para o fortalecimento do sentimento nacionalista e desvalorização da cultura indígena. Mas essa forma de construção da identidade feminina romântica tem gerado muitas discussões polêmicas, principalmente entre no âmbito dos estudos da história, da antropologia, da sociologia e mais recentemente da política e dos trabalhos sobre a identidade feminina e o resgate da trajetória da mulher no Brasil.

Iracema é também símbolo do amor romântico, mas também do amor-paixão, de uma profunda união mística com o guerreiro branco, cujo corpo morto e sepultado ainda se manifesta, de forma mítica, na memória de um povo, na história de uma nação. Quanto ao amor romântico e o amor paixão a historiadora Mary Del Priore, tece algumas considerações importantes e que colaboram com esta análise. Pois, a apropriação da lenda, transformada em matéria literária, a passagem do mito oral, à literatura evidência algo mais em matéria lírico-amorosa.

Vimos que há séculos o chamado amor romântico, nascido com os trovadores medievais, fundou a ideia de uma união mística entre os amantes. A idealização temporária, típica do amor-paixão, juntou-se ao apego mais duradouro do objeto de

amor. O amor romântico, que começa a exercer sua influência a partir de meados do século XIX, inspirou-se em ideais desse tipo e incorporou elementos do amor-paixão. Não foi à toa, lembram especialista, que o nascimento do amor romântico coincide com a aparição do romance: ambos têm em comum nova forma narrativa. Aquela em que duas pessoas são a alma da história, sem referência necessária a processos sociais que existam em torno delas. Na base do amor romântico, associa-se pela primeira vez, amor e liberdade como coisas desejáveis (Del Priore, 2011, p. 320).

A partir da identidade feminina configurada nos moldes da personagem romântica Iracema é possível refletir sobre o feminino na atualidade e o seu papel social. Até mesmo sobre as condições e o papel da mulher índia, no tempo em que Alencar situa seu enredo; é salutar que se levante algumas questões sobre o papel da mulher indígena no processo de formação e consolidação do povoamento e conseqüente da formação da identidade feminina brasileira. Gilberto Freyre considera em sua obra *Casa-Grande & Senzala* que a escassez da mulher branca, no início da colonização e ocupação das terras brasileira, favorecia a ligação do branco com as índias.

A transigência com o elemento nativo se impunha à política colonial portuguesa: as circunstâncias facilitaram-na. A luxúria dos indivíduos, soltos sem família, no meio da índia nua, vinha servir a poderosas razões de Estado no sentido de rápido povoamento mestiço da nova terra. E o certo é que sobre a mulher gentia fundou-se e desenvolveu-se através dos séculos XVI e XVII o grosso da sociedade colonial, num largo e profundo mestiçamento, que a interferência dos

padres da Companhia salvou de resolver todo em libertinagem para em grande parte regularizar-se em casamento cristão (Freyre, 1977, p. 157).

Conforme a citação a mulher índia desempenhou um papel fundamental no processo de povoamento nos moldes da cultura europeia nos dois primeiros séculos da colonização portuguesa. E neste sentido a personagem Iracema representa, à luz do pensamento romântico, esse tipo feminino, cujo perfil Alencar, os historiadores registram e os sociólogos e antropólogos discutem. E algumas correntes dos estudos do feminino acusam. A mestiçagem é um fato que gera acirradas discussões, o ângulo da valoração varia muito, entretanto não se nega que o papel da mulher índia foi importante neste processo.

À mulher gentia temos que considera-la não só a base física da família brasileira, aquela em que se apoiou, robustecendo-se e multiplicando-se, a energia de reduzido número de povoadores europeus, mais valioso elemento de cultura, pelo menos material, na formação brasileira. Por seu intermédio enriqueceu-se a vida no Brasil, como veremos adiante, de uma série de alimentos ainda hoje em uso, de drogas e remédios caseiros, de tradições ligadas ao desenvolvimento da criança, de um conjunto de utensílios de cozinha, de processos de higiene tropical- inclusive o banho frequente ou pelo menos diário, que tanto deve ter escandalizado o europeu do século XVI. Ela nos deu arede em que se embalaria o sono ou a volúpia do brasileiro; o óleo de coco para os cabelos das mulheres; um grupo de animais domésticos amansados pelas suas mãos. Da cunhã é que nos veio o melhor da cultura

indígena. O asseio pessoal. A higiene do corpo. O milho. O caju. O mingau.  
(Freyre, 1977, p.158-159).

Questões referentes à identidade e à sexualidade da mulher indígena transformaram-se em grandes temas dos estudos do feminino, mas é necessário destacar que as visões que se têm sobre a matéria apresentam conflitos ideológicos quase intransponíveis para se chegar a um consenso. Dependendo da base teórica e metodológica do sujeito do discurso, aspectos considerados positivos transformam-se em negativos. Além disso, devem-se computar os diferentes momentos em que esses discursos foram produzidos e a suas intencionalidades. A matéria produzida pelos primeiros cronistas, principalmente a literatura jesuítica criticava severamente o pecado da luxúria, da poligamia e da antropofagia praticada pelos índios. E destacam como as índias se entregavam com facilidade ao colonizador branco.

O ambiente em que começou a vida brasileira foi quase de intoxicação sexual. O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé na carne. Muitos clérigos, dos outros se deixaram contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se aos europeus por um pente ou um caco de espelho (Freyre, 1977, p.157-158).

A citação de Gilberto Freyre confirma as posições dos cronistas dos primeiros momentos da colonização, apresentando um aspecto do feminino indígena como perigoso e devasso, ideal para o cometimento do pecado da luxúria. Conforme informação do padre Anchieta “Las mujeres andan desnudas y no saben negar a ninguno, mas ellas mismas

acometen y inportunan los hombres hollando com ellos em las redes, porque tienen por honra dormir com los Xianos” (Anchieta apud Freyre, 1977, p.158). Embora o sociólogo aproprie-se do texto jesuítico como uma informação historiográfica, assim como, outros estudiosos se serviram das crônicas antigas, o momento da escritura de Freyre é outro. Portanto essas informações são tomadas como ponto de partida para novas reflexões, e isso o texto do autor deixa claro. Mesmo que nos primeiros momentos do processo de povoamento, as índias tenham se entregado aos brancos, isso não invalida a colaboração que deram à cultura brasileira à identidade feminina brasileira.

Outro aspecto que deve ser observado no perfil romântico construído por Alencar para sua personagem feminina diz respeito ao uso do símile. Iracema é constantemente comparada a certos animais, além de ter como companheira e amiga uma ará ou jandaia, isto é, uma espécie de periquito, que a acompanhava sempre e com a qual estabelece uma relação de afeto harmoniosa e cheia de cumplicidade. Essa proximidade da jovem índia com a natureza animal é bem vista pelo discurso romântico e até considerado um exotismo saudável.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras, remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão (Alencar, 1972, p.25).

A proximidade com o mundo animal e a domesticação de alguns é a realidade natural da vida dos indígenas, e um fator importante de verossimilhança, que o autor não podia desconsiderar ao construir o espaço em que insere sua trama, portanto em muitas

passagens da obra, a ave amiga de Iracema aparece como devotada companheira. “Uma vez que a formosa filha de Araquém se lamentava à beira da lagoa de Macejana, uma voz estridente gritou seu nome do alto da carnaúba: - Iracema! - Iracema!” (Alencar, 1972, p.86). Esse trecho refere-se a um dos momentos mais afetuosos entre a personagem e sua Jandaia, pois ambas estavam separadas desde a fuga dos campos tabajaras, mas a ave vai a procura de sua amiga até encontrá-la num momento de profundo sofrimento.

Em relação ao símile, deve se destacar que o autor não ignora a forma como os índios foram bestializados pelo branco colonizador, mas transformará esse aspecto do processo de dominação em um discurso novo, romantizado. A bestialização do ameríndio foi resultado de uma grande incompreensão do colonizador em relação à cultura dos povos indígenas, às vezes fruto também do medo do desconhecido e influência do bestiário medieval muito presente ainda nos preconceitos da religião católica, sobre a qual se consolidou o processo de domesticação do índio em toda a América. No nível ideológico, a bestialização faz parte dos mecanismos de poder, em que o rebaixamento é um instrumento determinante para justificar o discurso do dominador. Demonizar, rebaixar o inimigo, bestializá-lo e um procedimento discursivo, que justifica a luta e a eliminação.

Essa verdadeira zoomorfização do ameríndio tornou-se inclusive referida no nível de várias conotações lexicais usadas pelos cronistas, com ocorrência a termos emprestados da zoologia ou o trato comum com os animais. Desse modo, lexicalizados e tratados como animais, os nativos deveriam ser severamente domesticados. De humano restar-lhes-ia apenas o reconhecimento, que os cronistas quiseram acreditar, de possuir alma e corpo criados por Deus, com certa habilidade para o entendimento e para tomar a língua do cristão, mas isso à custa de muita doutrina e principalmente pela assistência da graça divina nos casos mais renitentes.

Muitas vezes a bestialização do nativo ocorria simplesmente por ser ele portador de sistemas de comportamentos diferentes dos do europeu, como no caso de Colombo, que, quando não encontrava simetria entre os modos indígenas e os dele, concluía pela imbecilidade ou pela bestialidade do que observava (Fonseca, 2011, p.250).

A simbiose existente entre a jovem indígena e o mundo natural em que habita, no discurso romântico idealizado, manifesta-se por meio da linguagem lírico-poética, animais e plantas são valorizados quando se trata de descrever o corpo feminino da personagem. Inúmeros trechos descritivos, ao longo da narrativa, são construídos por meio de comparações e metáforas, aproximando a relação do corpo de Iracema com o que há de belo e agradável na natureza da selva. Os odores, os sons, as cores, o paladar dos frutos são elementos sensoriais que entram na construção discursiva para valorizar poeticamente a vida e o corpo feminino. A crueza e a degradação, que caracterizam o zoomorfismo praticado pelos primeiros colonizadores, são transformadas em lirismo e valorização.

Alencar em seu projeto indianista transforma a aproximação homem natureza em uma união lírico-romântico, o que não deixa de ser uma das formas mais encontradas no romance de Alencar, e tanto é verdadeira a preocupação do autor com a valorização da ambientação de sua obra que a complementa, já na primeira edição com um glossário ao qual intitula de Notas, com um vocabulário da língua indígena, usado na sua narrativa. Trata-se de um conjunto de palavras do tupi-guarani, fruto de pesquisas e estudos realizados pelo autor. A natureza tão idealizada pelos românticos como projeção de sentimentos e emoções; como expansão de sua subjetividade é utilizada como elemento de comparação no processo de construção configuração feminino. “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que o talhe da palmeira” (Alencar, 1972, p.25). Nota-se, portanto, que ao apresentar a sua personagem, nas primeiras linhas do

segundo capítulo, o autor a contempla com uma descrição inspirada no sabor e nas imagens recolhidos da natureza.

Nas várias referências ao corpo de Iracema e as suas atitudes, o narrador compara a jovem índia a pássaros da mata tropical “Cedendo à meiga pressão, a virgem reclinou-se no peito do guerreiro, e ficou ali trêmula e palpitante como a tímida perdiz, quando o terno companheiro lhe arrufa com o bico a penugem” (Alencar, 1972, p. 34). Outras vezes é a própria personagem que se compara aos elementos da natureza “- A juriti, quando a árvore seca, foge do ninho em que nasceu. Nunca mais a alegria voltará ao seio de Iracema; ela vai ficar como o tronco que enlaça o rijo galho do angico” (Alencar, 1972, p.38). Em geral a delicadeza da jovem é comparada à leveza e a maciez das plumas das aves, principalmente quando seu corpo toca e provoca sensações em Martim. “Martim estreitou a virgem ao seio; mas logo a repeliu. O toque de seu corpo, doce como a açucena da mata e macio como o ninho do beija-flor magoou seu coração” (Alencar, 1972, p.56). A atração mútua também e os momentos tensos de sensualidade também são evocados pelos símiles com a natureza.

Iracema recosta-se langue ao punho da rede; seus olhos negros e fúlgidos, ternos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro e lhe entram n’alma. O cristão sorri; a virgem palpita; como o saí fascinado pela serpente, vai declinando o lascivo talhe, que se debruça sobre o peito do guerreiro (Alencar, 1972, p.57).

A inquietude e a discrição da jovem esposa são também descrita por meio de comparação com as aves “A rola, que marisca na areia, se o companheiro se afasta, adeja inquieta de ramo em ramo e arrula para que lhe responda o ausente amigo. Assim a filha das florestas modulava o singelo canto mavioso” (Alencar, 1972, p.69). As comparações também se estendem ao guerreiro branco. “O colibri sacia-se de mel e perfume; depois adormece em



seu branco ninho de algodão até que volte no outro ano a lua das flores. Como o colibri, a alma do guerreiro satura-se da felicidade e quer repouso” (Alencar, 1972, p. 83). Pressentindo que não teria forças para alimentar e criar seu filho, Iracema profetisa seu futuro comparando sua vida com a das abelhas.

A jati fabrica o mel no tronco cheiroso do sassafrás; toda a lua das flores; voa de ramo em ramo, colhendo o suco para encher os favos; mas ela não prova sua doçura, porque a irara devora em uma noite toda a colmeia. Tua mãe também, meu filho, não beberá em teus lábios o mel de teu sorriso (Alencar, 1972, p. 94).

A construção da personagem, por meio de comparações com a natureza, é um processo recorrente, do início ao final do romance, aparece essa temática e recurso estilístico usado e o *simele*, que possibilita a comunhão constante com a Mãe Natureza, da qual Iracema acaba sendo um símbolo. Mas por outro lado, a natureza também se confunde com Iracema, num processo de antropomorfização, quando a natureza também se humaniza, como é o caso da amiga jandaia e dos filhotes da irara. Por isso o *símile* funciona nos dois sentidos: uma simbiose perfeita entre a personagem e seu *locus*. Numa dimensão mais abrangente Iracema torna-se símbolo da própria América, palavra da qual é anagrama. Em muitas gravuras da época a figura de uma índia é o ícone com o qual se representa a América. Por isso a obra de Alencar é considerada etnopoética, pois redefine a poesia por meio das especificidades de uma cultura, enfatizando as tradições mítico-lendárias de tribos indígenas, no sentido da ancestralidade brasileira.

Primeiramente, no nível estilístico, o romance se desenvolve e ganha tonalidade expressiva a partir da força motriz do *simele* que é, sem dúvida, o maior

recurso imagístico desse poema de Alencar. Através do símile é que o narrador cria todo o jogo de ressonâncias (estéticas e programáticas) na relação homem-natureza, revelando toda expressividade dos elementos naturais pintados ao longo do texto. Também é o símile que possibilita esse ininterrupto fluxo de valores e sentimentos que marcam o destino de Iracema, no seu relacionamento com Martin Soares Moreno — cada estado de ânimo da Virgem dos lábios de mel encontra um elemento natural para representá-lo. (...) O símile é assim, a ponte estilística que liga os seres humanos e os elementos da Natureza selvagem, reduzindo a distância entre eles, que passam a girar numa mesma órbita de força e beleza, de proteção e poder (Pereira, 1996).

Como se pode perceber pelo conjunto dos fragmentos, o discurso que constitui as descrições sobre a identidade feminina representada por Iracema é tecido a partir de uma visão positiva do zoomorfismo, oposto em todos os sentidos daquele empregado pelos primeiros povoadores. A possível matriz cultural que leva o romancista a retomar esse tipo de construção discursiva tem por base a própria história da colonização. O nativo foi em princípio bestializado pelo branco colonizador, entretanto, na formação discursiva dos românticos indianistas essa forma de comparação não atendia aos quesitos do programa da literatura romântica no Brasil. Ao contrário, a natureza, os nativos e sua cultura devem ser valorizados para que os fundamentos da identidade brasileira se apresentem como algo positivo ao futuro da Nação.

Sendo assim, José de Alencar, o maior romancista romântico da literatura brasileira, reconstrói, a partir do trágico processo de povoamento, dos escombros da colonização portuguesa, os perfis indígenas fundadores da pátria: Peri, Iracema e Ubirajara. Não se critica mais, nas análises dos estudos críticos do romantismo brasileiro, a categoria da idealização, o

fato está consumado: os românticos eram idealistas e usaram desse expediente para construir suas obras. As reflexões de hoje são as circunstâncias ideológicas dessa forma de representação. As duas personagens são idealizadas, quer corresponda ou não ao gosto dos leitores da atualidade. Entretanto é possível, a partir dessa forma de representar o masculino e o feminino ressignificar a identidade dos dois gêneros, após a leitura crítica dos romances *Guarani, Iracema, Ubirajara*.

No sentido de esboçar uma identidade feminina, a partir da leitura do romance *Iracema*, cabe dizer que se trata de um significativo trabalho na área da interdisciplinaridade, deverá estabelecer relações no diz respeito à leitura literária, e aos e as posições discursivas sobre a sexualidade, o erotismo e a identidade feminina de competência dos estudos sobre a sexualidade e da posição discursiva dos alunos. Esses estudos estão na ordem do dia, principalmente, após o início das pesquisas sobre gênero. A sexualidade em seus desdobramentos como o erotismo e a identidade feminina, já foi objeto de uma razoável reflexão do feminino em *Iracema*, nos capítulos anteriores, em cuja construção discursiva, se encontra os principais pressupostos da ideologia romântica do século 19. Mas, em se tratando da sexualidade humana, conforme reflexões foucaultianas, é preciso levar em consideração as variantes decorrentes do contexto discursivo, ou das condições de produção do discurso para inserir neste capítulo a colaboração dos resultados da análise dos vestibulandos, que se fará em forma de um questionário. A visão dos jovens estudantes sobre as questões relativas à sexualidade, a partir da leitura realizada, é um material inédito, produzido a partir de formações discursivas muito diferentes do contexto de produção romântica, portanto é necessário realizar algumas reflexões tendo como base textos de autores mais atuais.

Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações do sexo: a ideia, por exemplo, de

muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à legitimidade matrimonial não explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, às diferentes idades e às classes sociais (Foucault, 2017, p.112-113).

A sexualidade enquanto elemento de construção discursiva no romance romântico como já se analisou, manifesta-se por meio do erotismo romântico, e dos elementos de construção da personagem feminina romântica. O conjunto dos pressupostos desse estilo literário, desenvolvido, no primeiro capítulo aponta as suas bases e características. Por isso a sexualidade no romance aparece da forma como foi descrita e a citação de Foucault corrobora a análise realizada, pois as diferenças de abordagem variam conforme a sociedade em que o discurso é construído. Por isso é válido ressaltar que a sexualidade no romance romântico é decorrente da concepção de amor romântico, caracterização que se encontra no discurso de Alencar em suas obras românticas e conseqüentemente em *Iracema*. Acontece, entretanto que esse amor romântico é fruto da ideologia burguesa, de seus valores e crenças, de uma ética moral arraigada aos valores cristãos.

Não se deve esquecer, entretanto que romantismo é um dos primeiros produtos da cultura burguesa e que os escritores românticos, em geral, pertenciam a ela. Embora rebeldes em relação à sua própria classe, ainda assim, os sujeitos do discurso romântico eram depositários de categorias e valores da ideologia burguesa que vai se consolidando no processo de substituição à aristocracia monárquica a partir da Revolução Industrial que marcou o fim do século 18 e se intensificou no século 19. A concepção de sexualidade, de erotismo e do perfil feminino sofre, portanto, significativas transformações no período que se convencionou denominar de era burguesa.

A união que associa amor, sexualidade e casamento é uma invenção da era burguesa. O amor-sexual, amor-paixão, como fundamento do casamento, surgiu na modernidade e, com ela, trouxe um elemento revolucionário, pois enunciava uma nova ordem das coisas. Nesse cenário, o amor vai percorrer uma longa trajetória até chegar à condição de força “irresistível”, sempre pronta a desembocar no casamento, como capturaram as telas de Hollywood. Passando pelo impulso dramático shakespeariano, no século XVI, essa trajetória tem seu ponto de chegada ao século XVIII, no bojo da revolução burguesa e nas ideias de liberdade individual. Em torno do novo ideal de conjugalidade instaurado, criaram-se muitas expectativas e idealizações, entre elas a ideia de casamento como lugar de felicidade onde o amor e a sexualidade são fundamentais (Araújo, 2002).

As principais categorias do feminino encontradas e analisadas até aqui servem, agora, para orientar as reflexões sobre as possíveis ressignificações da sexualidade, do erotismo e da identidade feminina nas questões sobre a virgindade, o corpo desejoso, a gravidez, a maternidade e o corpo morto de Iracema.

## 6. CAPÍTULO III

### IRACEMA: DA CONSTRUÇÃO LITERÁRIA À RESSIGNIFICAÇÃO FEMININA NA ATUALIDADE

A narrativa do romance *Iracema* acompanha a evolução cronológica e linear dos acontecimentos ocorridos na vida das personagens principais, os heróis românticos Iracema e Martim, desde o momento em que se conheceram até a morte da jovem índia, passando pelo enamoramento, paixão, consumação do desejo erótico, gravidez, maternidade e morte. O corpo jovem feminino enfatizado na obra de tradição etnopoética, que paradoxalmente não releva os violentos conflitos do processo de colonização, mas se lança na imaginação idealista romântica, é o fio condutor da trama. Os momentos mais significativos experienciados pelo corpo da mulher índia podem ser retratados em um conjunto icônico, algumas imagens ou telas que por si mesmas, sem necessidade de palavras, contam a história milenar do corpo feminino.

O processo de ressignificação da história do corpo de Iracema é possível de ser realizado tomando como categorias básicas aquelas já citadas no segundo capítulo e que determinam os momentos fundamentais pelos quais tem passado e continuam passando o corpo feminino ao longo do tempo. A beleza, a virgindade, o erotismo, a geração de uma nova vida, as questões que envolvem o parto e seus riscos, enfim a narrativa que vai de Eros a Tanatos, do amor à morte é recorrente, apesar das ocorrências de variáveis na trajetória dos percursos. A fábula como síntese da narrativa apresenta uma história muito simples estruturalmente: uma linda jovem se apaixona indevidamente, rompe com seus padrões culturais, ama, engravida, assume a maternidade, mas infelizmente morre sem poder criar seu filho. O preenchimento da trama com os elementos estruturais da narrativa singularizam e colorem a história com categorias variáveis como: tempo, espaço, conflito, ponto de vista,

ambiência, estilo, estética... A personagem Iracema foi idealizada conforme os valores do romantismo brasileiro, mas ainda assim pode-se realizar uma análise dialógica entre as condições de sua corporeidade com outras.

A jovem índia é bela, e essa beleza consiste num conjunto de atributos válidos para os padrões contemporâneos: “lábios de mel”, “cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira”, “era doce seu sorriso”, “seu hálito perfumado”, “pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia”. E é flagrada ao sair do banho, envolta pela natureza fresca das árvores e arbustos que lhe cobrem os cabelos e corpo de flores e perfumes. Após o banho, um rumor vem quebrar a harmonia da intimidade feminina. É o guerreiro branco que a “contempla”. A cena é composta para realçar a beleza e leveza do jovem corpo feminino virgem, entretanto a adjetivação romântica e recatada apenas dissimula o erotismo latente. Lábios, cabelos negros e úmidos, hálito, porte, pés, frescor do banho, enfim é o corpo sensual da jovem que é surpreendido, desvelado. Sentindo-se ameaçada pelo olhar do desconhecido, a jovem tabajara defende-se atingindo o aventureiro com sua flecha. O recato e a preservação da intimidade feminina são aqui destacados como ponto de honra da heroína romântica.

Mas nem sempre a jovem índia se retrai perante o olhar do outro, pois mais tarde, já esposa de Martim, seus banhos, na lagoa Porangaba onde nadava com as garças brancas e as vermelhas jaçanãs, era objeto de apreciação dos Pitiguaras, que lhe deram esse nome por significar lagoa da beleza. E foi por isso que mães dessa nação traziam suas filhas para banharem-se ali, pois acreditavam que assim elas seriam também belas e amadas pelos guerreiros da tribo. A beleza de Iracema, conforme os padrões romântico-indianistas constituem-se de uma sensualidade natural e simples, em harmonia e comunhão com a mata, suas árvores, seus frutos, flores e odores. A pureza das águas, o frescor dos ventos, a

emanação de todos os perfumes são elementos sensoriais intimamente relacionados ao corpo belo e jovem da personagem.

No mundo contemporâneo esses recursos discursivos usados para compor o texto romântico ainda aparecem com frequência em vários formatos e situações do cotidiano. A idealização da beleza feminina relacionada à natureza pura e saudável é ainda objeto de muita retórica e eloquência, enfatizando a sensualidade dos corpos sensíveis, delicados e agradáveis da mulher atual. Basta considerar o universo midiático dos comerciais de produtos cosméticos, da moda, da alimentação entre outros que facilmente se percebe a continuidade de valores e crenças tão caros ao discurso idealista romântico. Os cabelos sempre sedosos, a pele refrescante, os corpos esguios e leves como o “talhe da palmeira”, os perfumes mais sutis, os lábios desejosos como se fossem de mel. E quando se trata de induzir consumidores de forma mais convincente, apresentam-se as novas heroínas da pós-modernidade, figuras consagradas que não deixam exemplarmente de serem apontadas como modelos a se seguir, como aconteceu com Iracema em seus banhos na lagoa Porangaba. Portanto, segundo afirmava o professor Antônio Cândido<sup>3</sup>, ainda se cultivam muitos mitos e valores românticos sem que o percebam.

Outro aspecto importante para a resignificação do corpo naturalmente belo de Iracema deve ser destacado a partir dos esforços do projeto romântico brasileiro de valorização do índio e de sua cultura, tendo em vista a influência do pensamento de Rousseau o mito do bom selvagem. O desgaste da cultura citadina europeia em confronto com as novidades chegadas ao Velho Mundo por meio dos exploradores e viajantes impulsionou uma onda de fascínio pelas novas terras e por seus habitantes autóctones. O romantismo apropriou-se desse discurso e o colocou em prática. Por isso *Iracema* é uma resposta e um

---

<sup>3</sup>Ver palestra do Prof. Dr. Antônio Cândido proferida em 07/11/1988 na Unicamp intitulada “Brasil Século XXI - Cultura, Produção, Representação simbólica da Sociedade” recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=ZOM9A7Bzabc>.



produto perfeito às demandas dessa prática discursiva que imaginava as terras americanas como um lugar paradisíaco como descreve o narrador do romance. Alencar sintonizado com seu momento elabora um projeto de resgate da imagem do índio mal realizada pelos primeiros colonizadores e o retira das margens da História a que estava submetido, pois se tentava no Brasil esquecer a mestiçagem indígena como se fosse um trauma étnico. Trata-se também de um empreendimento ressignificativo, de uma forma altamente positiva para elevar a autoestima dos brasileiros mestiços, uma população miscigenada carente de valores nacionalistas simbólicos e pouco afeita a considerar positivamente sua cultura e seu país naquele momento.

A partir dessas considerações, ainda no âmbito discursivo, é possível estabelecer mais um ponto de intersecção entre a valorização da cultura e da corporeidade indígena, representada por Iracema fruto da proposta romântica, com manifestações semelhantes que vem ocorrendo na sociedade brasileira, nas últimas décadas. Trata-se de um movimento que passa por vários setores da cultura e da vida cotidiana no sentido de uma consciente reaproximação com a natureza, de buscar um modo de vida mais saudável, mais ecológico, isto é, da aceitação do que é mais natural. Nesse debate entra com muito destaque o conceito de beleza natural feminina ensejando a produção de livros, sites, palestras, cursos e o aparecimento de uma indústria de produtos naturais. A água, os banhos de cachoeira, as ervas, as pedras, a lama, a terra, as caminhadas ao ar livre, os exercícios, as velhas poções mágicas entram como recursos, até mesmo a eliminação da maquiagem vem sendo proposta em função de uma vida e de um corpo mais natural e saudável. Exemplo singular é a obra *O Livro de Receitas da Beleza Natural*, de Susan Curtis, do qual se cita a síntese abaixo.

Esse livro reúne mais de 100 receitas de cosméticos para o rosto, o corpo, as mãos, os pés e os cabelos, elaborado pela equipe da Neal's Yard Remédios,

conceituada empresa britânica de produtos e cosméticos naturais. Partindo do princípio de que a beleza deve ser cultivada de dentro para fora, destaca a importância da boa alimentação, do sono regular e dos cuidados com o corpo. Classifica os tipos de pele e de cabelo, indicando os cuidados para cada um como massagens e tratamentos, além de incluir dicas de maquiagem. Destrincha as propriedades de 80 ingredientes, entre flores, sementes, ervas, frutas, oleaginosas, ceras, manteigas nutritivas e bases naturais, que serão usadas nas fórmulas dos cosméticos, e assim como prepararem em casa cremes, tônicos, óleos, máscaras, sabonetes, desodorantes, xampus, condicionadores. Vale a pena experimentar o esfoliante de mel e aveia, com ação sua vizante e umectante, a máscara revitalizante de tomate, com propriedades adstringentes e o bálsamo capilar de alecrim e coco, que fortalece e protege o cabelo (Curtis, 2016).

A obra citada é apenas um exemplo entre muitas outras que são publicadas sob os efeitos da “onda verde” e seus reflexos que vem ganhando adeptos e impulsionando a indústria da beleza natural. Não se pode deixar de referenciar também a Empresa Natura<sup>4</sup>, que com seus produtos e suas marcas entram nesse mercado, reiterando progressivamente sua identidade vinculada à natureza e a beleza feminina brasileira. O ideal de avanços e conquistas na linha de um nacionalismo explícito, do qual retira com muita força elementos para a construção do seu discurso publicitário, deve ser destacado. O logo da empresa é uma flor, e em todos os textos do site aos catálogos, em tudo, se observa a presença de ícones referentes à natureza tropical. Como um dos objetivos de análise da obra romântica é ressignificá-la, a leitura atenta e as reflexões dialógicas com a contemporaneidade permitem

---

<sup>4</sup> Ver site <http://www.natura.com.br/a-natura>

estabelecer linhas de intersecção entre o universo mítico e lendário, cenário da trama, com outras variantes da cultura brasileira como o do universo da beleza feminina representado por uma empresa como a Natura, cujos produtos apontam para a mesma direção da obra: o feminino brasileiro, as potencialidades das florestas nativas, frutos, flores e sabores e perfumes do mesmo solo de que nasceu Iracema “Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frentes da carnaúba” (Alencar, 1972, p.23). A cor verde predomina na marca Natura, envolvendo todos os seus produtos “naturais e saudáveis” a imagem feminina e mãe natureza estão sempre presentes.

A virgindade é mais um atributo de Iracema merecedor de atenção ao se tratar da atualização da leitura do romance, não só pela sua função mítico-poética como elemento de construção da narrativa, mas pela carga significativa que carrega ao se tratar do universo da feminilidade. Na obra, a virgindade da jovem índia se insere como atributo na esfera do sagrado, dos rituais e crenças dos tabajaras. Sua natureza mítica é regida por leis invioláveis e dela depende a vida coletiva da tribo “Estrangeiro, Iracema não pode ser sua serva. É ela que guarda o segredo de Jurema e o mistério do sonho. Sua mão fabrica para o Pajé a bebida de Tupã” (Alencar, 1972, p. 29). A cena desta fala da personagem estabelece para Martim o limite de sua relação com Iracema e ambos passam a sofrer pelo mesmo motivo, pois já se desejam, mas estão impedidos pela lei sagrada de Tupã. Como já se afirmou anteriormente, o valor da virgindade de Iracema extrapola a crença tribal e resvala nos valores morais da sociedade patriarcal brasileira de século 19. Por isso é também reflexo da ideologia da classe burguesa à qual pertence o escritor. Entretanto a virgindade como atributo feminino transcende o tempo histórico da trama e da obra e se coloca como temática polêmica até mesmo nos dias atuais.

Se a jovem brasileira já passou e ainda passa pelo constrangimento e discriminação por ser ainda virgem, até bem pouco tempo, década de 1980, o assunto era grave e sigiloso.

Marta Suplicy foi uma pioneira no Brasil nos estudos da sexualidade e em sua obra *Conversando sobre Sexo*, aborda a questão da virgindade sob dois aspectos: o fisiológico e o psicológico. Em relação ao fisiológico afirma que se desconhece a função do hímen, resta, portanto a função psicológica que também é cultural. Havia naquele momento, constatada por meio de cartas enviadas à autora, uma grande preocupação feminina com a perda da virgindade, com prestar contas do seu próprio corpo ao outro. Sendo assim, a virgindade é uma forma de controle do feminino pelo masculino, serve de prova de virtude ou de honestidade futura da mulher.

Essa manipulação, pelos homens, da importância do hímen (na realidade não existe outra importância a não ser de caráter psicológico) foi aceita e ainda é, em muitos lugares, pela, mulher. Por quê? Um dos aspectos que me ocorre, e devem existir outros, é que a mulher ganhou (!), com a invenção da preciosidade do hímen, um objeto de barganha. Isto é, ela passou a ter algo para negociar. Em sociedades onde a mulher não tem outro recurso econômico, a posse do hímen (inato) a fazia possuidora de um bem imediato. Em sociedades onde a mulher usufrui de igualdade econômica com os homens, a necessidade de se tratar ou de se valorizar como objeto a ser negociado – quanto mais novo, sem uso, bonito e utilizável tem maior valor – diminui. As mulheres passam a ter a possibilidade de um contato com o outro sexo de igual para igual e a possibilidade de ter uma relação mais verdadeira e afetiva (Suplicy, 1983, p. 58).

Simone de Beauvoir foi também uma importante escritora feminista, que com suas obras colaborou efetivamente para a discussão e a compreensão sobre a forma como a sociedade ocidental, ao longo de sua história, elaborou a construção do feminino ou da

feminilidade, que é a palavra usada por ela. Beauvoir foi a intelectual que mais se empenhou em desvendar a construção desse mito. Em sua obra *O Segundo Sexo*, Volume I, depois de analisar com profundidade as condições dessa construção, abordando-a pelos dados da biologia, do ponto de vista psicanalítico, do ponto de vista do materialismo histórico e da História, penetra no campo dos mitos. É nesta parte das construções dos mitos da feminilidade que se encontra uma cuidadosa reflexão do o mito da virgindade, obra ensaística da mais nítida lucidez e perfeição literária. O texto é longo, denso e fascinante. Depois de demonstrar que a virgindade como valor e mérito é também um dos frutos da sociedade patriarcal, a autora apresenta argumentos que justificam seu ponto de vista.

Motivos racionais desempenham certamente um papel no dever de virtude imposta à jovem; tal como a castidade da esposa, a inocência da noiva é necessária para que o pai não corra o risco de legar seus bens a um filho estranho. É, porém de maneira mais imediata que a virgindade da mulher é exigida quando o homem encara a esposa como propriedade pessoal. Primeiramente, a ideia de posse é sempre impossível de se realizar positivamente; em verdade, nunca se tem nada nem ninguém; tenta-se por isso realizá-la de modo negativo; a maneira mais segura de afirmar uma posse de um bem é impedir que os outros o usem. E, depois, nada mais desejável ao homem do que o que nunca pertenceu a nenhum outro ser humano; a conquista se apresenta, então, como um acontecimento único e absoluto. As terras virgens sempre fascinaram os exploradores; alpinistas morrem todos os anos por terem tentado violar o pico ainda virgem ou simplesmente por terem querido abrir novo caminho em seus flancos; curiosos arriscam a vida para descer ao fundo de grutas nunca exploradas (Beauvoir, 1970, p. 196).

Na sequência desse processo de argumentação, a autora caminha para demonstrar, por meio de comparações e metáforas habilmente construídas, o motivo pelo qual os impulsos e desejos masculinos se satisfazem com o mito da virgindade. Beauvoir constrói seu discurso para apresentar uma possível explicação da forma como sente, pensa e se justifica o homem para quem a virgindade é uma realidade necessária e vital.

Um objeto domesticado pelo homem torna-se um instrumento; isolado de suas raízes naturais, perde suas mais profundas virtudes: há mais promessas na água livre das torrentes do que na água das fontes públicas. Um corpo virgem tem o frescor das nascentes secretas, o aveludado matinal de uma corola fechada, o tom da pérola que o sol não acariciou ainda. Gruta, templo, santuário, jardim secreto, como a criança o homem é fascinado pelos recantos umbrosos e fechados que nenhuma consciência nunca animou, que esperam se lhes empreste uma alma: o que só ele tocou parece-lhe, em verdade, criação sua. Demais um dos fins que visa todo desejo é a consumação do objeto desejado, o que implica sua destruição. Destruindo o hímen, o homem possui o corpo feminino mais intimamente do que mediante uma penetração que o deixe intato; com essa operação irreversível o homem faz dele um objeto e equivocadamente passivo, afirma seu domínio sobre o mesmo. Esse sentido exprime-se muito exatamente na lenda do cavaleiro que abre um caminho difícil, espinhoso para colher uma rosa nunca ainda respirada. Não somente ele a descobre como ainda lhe quebra o caule; é então que a conquista. A imagem é tão clara que, na linguagem popular, “colher a flor” de uma mulher significa destruir-lhe a virgindade, e essa expressão originou a palavra defloramento (Beauvoir, 1970, p. 196-197).

Como bem destaca as reflexões de Beauvoir, o mito da virgindade na sociedade patriarcal, e ainda hoje, naquelas que guardam seus reflexos e valores, é, em verdade, uma construção simbólica de gênero que tenta garantir o domínio do homem ao longo da história, tomando como garantia de superioridade a posse do corpo feminino não violado. A valorização desse bem reforça a posição masculina e edifica-se por meio de um discurso metafórico em que a natureza e mulher símiles, pois sofrem o mesmo processo de sujeição.

Exorcizada pelos ritos do defloramento ou purificada, ao contrário pela virgindade, pode a esposa apresentar-se como presa desejável. Unindo-se a ela, possui o amante todas as riquezas da vida que deseja possuir. Ela é toda a fauna, toda a flora terrestre: gazela, corça, lírios e rosas, pêssego sedoso, framboesa perfumada, pedras preciosas, madrepérolas, ágata, seda, azul do céu, frescor das nascentes, as, chama, terra e água. Todos os poetas do Oriente e do Ocidente metamorfosearam o corpo da mulher em flores, em frutos, em pássaros (Beauvoir, 1970, p.197).

O olhar analítico da autora procura a forma como o discurso poético sobre o corpo virgem da mulher constrói metaforicamente a sujeição do feminino em relação ao masculino. Da mesma forma como o homem dominou a natureza e reina soberano sobre ela, provendo-se de toda sua riqueza, assim também o faz com o corpo feminino. A virgindade é um dos principais mitos dessa dominação, garantia concreta do poder masculino. Nos dias atuais, embora a virgindade pareça ser um valor desmistificado, ainda assim gera muitas polêmicas e divergências de opiniões. Um simples olhar pelos sites de jovens e mulheres que tentam expressar problemáticas sobre as condições do feminino contemporâneo revelam que a virgindade, a primeira relação amorosa, a primeira vez, ainda é tabu, ainda é motivo de

conflitos e mal entendidos que envolvem a família, a religião, a medicina, a ética, a moral... É por isso que o texto de Beauvoir ainda responde, com muita propriedade, a questões colocadas no debate sobre o feminino no século 21. Entretanto novos desdobramentos sobre o tema apareceram desde que as sociedades ocidentais passaram a se preocupar mais com o corpo jovem, enquanto sujeito em estado de virgindade e menos com o mito do corpo virgem. Neste sentido, percebe-se que pais, educadores, psicólogos, médicos e outros implicados na orientação dos jovens estão muito mais preocupados com as condições em que se dá a primeira relação sexual, por isso buscam ajudá-los a ter uma iniciação cada vez mais segura, saudável e positiva.

Do ponto de vista da história da sexualidade, a virgindade é um tema intimamente relacionado à posição da mulher na sociedade e deriva das condições de poder e liberdade que usufrui. No artigo intitulado *A Sexualidade também tem História: Comportamentos e Atitudes através da História*, o autor Paulo Rennes Marçal Ribeiro, alerta sobreas diferentes formas de tratamento dado à sexualidade em momentos e lugares específicos e destaca como um exemplo positivo, o modo como no Egito Antigo, a virgindade foi tratada.

O Egito foi grande na visão positiva que tinha sobre o sexo e no destaque que dava a figura da mulher, que alcançou liberdade sem igual comparada às outras civilizações. No vocabulário egípcio não existia a palavra virgem, pois a virgindade não fazia sentido para eles. A mulher podia ter relações sexuais antes do casamento e isso não seria motivo para a sua desonra. Havia também contratos de casamento temporário, que poderia se tornar definitivo, ou o casal se separava (Ribeiro, 2005, p. 2).



Muitos estudos sobre a sexualidade, principalmente ao longo do século 20, buscaram as origens e as causas do nascimento do mito da virgindade, por meio da história dos povos desde as mais remotas eras: desde a Pré-história, passando pelas civilizações Antiga, Clássica, Medieval com seu legado judaico-cristão, Moderna e Contemporânea. E voltando, através de um movimento de reavaliação, aos interesses sobre a cultura e a sexualidade dos povos primitivos, impulsionados pelas pesquisas da Antropologia e da Etnologia mais recentemente. As origens e as causas da defesa ou da abominação da virgindade são hoje bastante conhecidas por esses trabalhos de pesquisa. Entretanto, ainda se discute as razões dessas motivações e de suas implicações nos dias atuais. Em sua obra *Desvendando a Sexualidade*, César A. Nunes apresenta de forma clara uma posição aceitável para a ressignificação do tema.

As regras de comportamento sexual são determinadas pelas sociedades, e seu corpo de valores, interesse e tradições. A virgindade é um tema que nos permite compreender isso. Em muitas sociedades exige-se a virgindade pré-nupcial para a mulher, em outras é exigida para ambos essa condição. Há outras sociedades onde a virgindade é abominada, pois não se confere valor a esta. O ocidente cristalizou a virgindade para a mulher a partir das concepções medievais que relacionavam o casamento à nobreza, propriedade e poder dos homens. Mas como compreender a Virgindade hoje? É uma questão muito importante a ser considerada. Antes de tudo é preciso compreender o significado desta para a mulher. Reduzir a mulher, sua pessoa, seu ser, suas potencialidades a um “selo” virginal não deixa de ser uma das formas que o machismo assumiu em nossa cultura (Nunes, 2003, p. 45).

Pesquisas realizadas, principalmente na área da antropologia, têm demonstrado que a virgindade na cultura de várias tribos indígenas em território brasileiro não se apresenta como um dado importante da sexualidade feminina. Como afirma Ribeiro (1996) sobre a liberdade de relações sexuais da mulher antes do casamento no Egito Antigo, assim também se dá na cultura indígena, embora alguns pesquisadores afirmem que entre as tribos tupis do sul, a virgindade fosse valorizada e as índias trouxessem na perna uma liga simbólica indicando essa situação. Em outros textos sobre o corpo da mulher índia se enfatiza o fato de que sua virgindade nada representa, e que ela dispõe dele como bem quiser antes do casamento. Entretanto os ritos ligados à puberdade são de grande importância. Quando a jovem índia menstrua pela primeira vez é apresentada à tribo por meio de um ritual próprio para a ocasião, após ter permanecido alguns dias afastada dos demais membros por ter sido flechada pela lua. Essas são questões recorrentes encontradas sob a forma de informações nos vários documentários sobre a cultura indígena. Conforme relato colhido por Mindlin em pesquisa sobre a tribo Paiterey Suruí, em artigo intitulado *Cenas do Amor Indígena*.

Como toda a menina, quando fiquei *akapeab*, menstruada pela primeira vez, fui morar alguns meses na oca pequenina, ao lado da oca maior de nossa família, onde viviam meu pai, seus irmãos, as mulheres de cada um deles. Só via minha mãe, os irmãos pequenos, alguns parentes, mas ouvia suas conversas. *Akapeab* pode traduzir-se com “sentada na esteira”, de resguardo. Nesses meses vamos ficando branquinhas, a pele clara, pois não devemos tomar sol, só saímos cobertas por palha (hoje em dia, cobertores), para fazer as necessidades diárias. O banho tomamos dentro, com água que nos trazem e esquentamos, fazendo um buraco para que se escoe. Nesse tempo isolado aprendemos com nossas mães e avós os trabalhos de uma mulher, fiamos, fazemos cestas, ouvimos como deve ser com os homens e

futuros maridos. Temos que ficar paradas, para formar o corpo, ir engordando. Não podemos comer qualquer comida, muitos alimentos são proibidos (Mindlin, 2012).

A juventude, a beleza e certamente a impossibilidade da posse efetiva do corpo desejado de Iracema tentam Martim, mas as condições de hóspede indesejado, não permitem que tome nenhuma atitude contra as leis da tribo tabajara. Assim como o guerreiro branco, a jovem virgem também sente os ardores do desejo proibido. O par amoroso contrariado em seus propósitos sofrem calados os impulsos que os aproximam e ao mesmo tempo os afastam.

Iracema recosta-se langue ao punho da rede; seus olhos negros e fúlgidos, ternos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro e lhe entram n'alma. O cristão sorri; a virgem palpita; como a saí, fascinado pela serpente, vai declinando o lascivo talhe, que se debruça enfim sobre o peito do guerreiro. Já o estrangeiro a preme ao seio; e o lábio ávido busca o lábio que o espera, para celebrar nesse ádito d'alma o himeneu do amor. No recanto escuro o velho Pajé, imerso em funda contemplação e alheio às coisas deste mundo, soltou um gemido doloroso. Presentira o coração o que não viram os olhos? (...) O cristão repeliu do seio a virgem indiana. Ele não deixará o rasto da desgraça na cabana hospitaleira (Alencar, 1970, p.57).

Os corpos desejosos são reprimidos pelos compromissos e deveres de honra; Martim não pode ir além do beijo e chegar ao himeneu, à consumação do desejo. Cabe a ele o respeito às leis da tribo e a cabana hospitaleira de Araquém, que também sofre as ciladas do destino e geme em seu canto escuro, impossibilitado perante duas forças esmagadoras: os valores sagrados de seu povo e o arrebatamento da paixão amorosa do par romântico. O

confronto entre esses dois polos atormenta os corpos e a mente dos heróis e se expande. O Pajé sofre, e uma parte da tribo liderada por Irapuã se revolta e ruge vingança contra o estrangeiro, enquanto Caubi se esforça para proteger a irmã e o estrangeiro. Em síntese, a paixão proibida como labaredas incendeia não só os corpos dos amantes, mas o humor da tribo inteira. Os corpos desejosos dos heróis românticos são controlados, vigiados e mantidos presos na cabana do Pajé, pois são alvos da fúria dos guerreiros tabajaras, liderados por Irapuã, contrariado em suas intenções de possuir Iracema como esposa. Sobre a vigilância dos corpos, Michel Foucault, na obra *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* reflete sobre os dispositivos usados para tornar os corpos dóceis.

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. (...) Não é a primeira, entretanto, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (...) Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas (Foucault, 1987, p.118).

A romance Iracema, embora trate de uma cultura primitiva em confronto com a cultura do colonizar, priorizando o universo e os costumes do índio, ainda assim é válido ressaltar as leis tribais que regulam o corpo de Iracema, cuja função está subordinada aos rituais sagrados do povo tabajara, liderado pela autoridade do Pajé. O conflito provado no seio da tribo contra a presença do homem branco e do perigo que ela representa, provoca entre os guerreiros uma mobilização bélica, o que pretendem é eliminar o inimigo. Por outro

lado, a lei da hospitalidade não permite o confronto, e assim se instala o conflito que somente a insubordinação idealista romântica pode contornar. Forma-se o triângulo romântico: os heróis contra o vilão, que no caso, em última instância, são as leis tribais em defesa da virgem conhecedora do segredo de Jurema, e por isso submetida a uma disciplina e as leis que a regulam. A docilidade do corpo da jovem índia encontra o limite de sua sujeição, quando este mesmo corpo transforma-se em corpo desejoso, movido pelos impulsos da paixão. A solução encontrada por Martim foi viver em sonho, o que não podia experimentar na dimensão real.

Tupã não perderia sua virgem na terra dos tabajaras se apenas o desejo de Martim fosse satisfeito, possuindo a virgem somente em sonho propiciado pelo verde licor preparado por Iracema. “O sono é o descanso do guerreiro, disse Martim; e o sonho, a alegria d’alma. O estrangeiro não quer levar a tristeza da terra hospedeira, nem deixa-la no coração de Iracema. (...) Vai e torna com o vinho de Tupã” (Alencar, 1970, p.58). Mas Iracema não obedece nem as leis da tribo nem a vontade honrosa do guerreiro branco; busca a bebida, oferece ao apaixonado “Agora podia viver com Iracema e colher em seus lábios o beijo que ali viçava entre sorrisos como o fruto na corola da flor. Podia amá-la e sugar desse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem” (Alencar, 1970, p.58). A virgem se afasta, pensando que o estrangeiro sonha com a noiva branca distante, mas quando ouve seu nome ressoar docemente nos lábios do amado aninha-se em seus braços. Estava consumada a ventura amorosa dos corpos desejosos. No nascer do dia Iracema ainda se encontrava entre os braços de Martim. “Em seu lindo semblante acendia o pejo vivos rubores; (...) em suas faces incendidas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruído amor” (Alencar, 1970, p.58).

Iracema rompe com as leis da tribo em nome do amor romântico, mesmo sabendo que essa atitude poderia ocasionar-lhe a morte, pois, dias antes, quando Irapuã denuncia que “O estrangeiro foi quem ofendeu a Tupã, roubando a sua virgem, que guarda os sonhos de

Jurema” (Alencar, 1970, P.45), o Pajé vaticina “Se a virgem abandonou ao guerreiro branco a flor de seu corpo, ela morrerá; mas o hóspede de Tupã é sagrado: ninguém o ofenderá, Araquém o protege” (Alencar, 1970, p.45-46). A desobediência em nome da liberdade de dispor do corpo em função dos desígnios da paixão amorosa, mesmo correndo o risco da punição máxima, é uma forma de enfrentar o poder da nação tabajara, uma atitude de não-assujeitamento. Na economia das relações de poder, segundo Foucault, trata-se de uma brecha encontrada para enfrentar os excessos do poder, que se aplica sobre o sujeito de forma concreta. Perante a tribo, o corpo de Iracema não lhe pertencia, assim como tantos outros corpos, na sociedade contemporânea, não se pertencem, por exemplo, o corpo do soldado, do religioso celibatário, do preso..., cuja indisciplina pode gerar punições.

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõem-lhe uma lei de verdade, que todos devemos reconhecer e que os outros tem que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Geralmente, pode-se dizer que existem três tipos de lutas: contra formas de dominação (ética, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmos e o submete, deste modo, aos outros (luta contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão). Acredito que na história podemos encontrar muitos exemplos destes três tipos de lutas sociais isoladas umas das outras ou misturadas entre si. Porém, mesmo quando estão misturadas, uma delas, na maior parte do tempo, prevalece (Foucault, 2009, p.235).

A submissão e as subjetivações dos corpos dóceis, como se em Foucault, é fruto do processo de dominação e da aplicação de dispositivos de controle, entretanto não existem formas de controle sem a resistência. Iracema tem sobre seu corpo, a vigilância e a força masculina das tradições culturais da tribo, entretanto têm também, como sujeito da estrutura tribal, conhecimentos que lhe dão poderes de resistir e lutar em defesa de si mesma e de seus desejos. Nesse sentido, a posição que ocupa como virgem consagrada aos segredos de jurema lhe dão condições para burlar o interdito. Há, portanto uma brecha pela qual ela pode esgueirar-se, uma maneira mágica e sutil de transpor os limites da sujeição. Assim como as grandes sacerdotisas do mundo greco-romano, ou as mulheres do matriarcado do povo celta de Avalon, na figura de Morgana, a jovem Iracema domina um saber que a distingue. Beauvoir ao tratar da mulher não respeitada em sua alteridade sugere que esta poderá usar esse saber para defender-se, e assim reage na defensiva.

O vocabulário puído dos romances-folhetins em que a mulher é descrita como feiticeira, uma sedutora que fascina o homem, que o submete aos seus encantos, reflete o mais universal dos mitos. A mulher é votada à magia. A magia, diz Alain, é o espírito solto nas coisas; uma ação é mágica quando, em lugar de ser produzida por um agente, emana de uma passividade. Nas sociedades em que o homem adora esses mistérios, a mulher é, por causa dessas virtudes, associada ao culto e venerada como sacerdotisa; mas quando ele luta para fazer a sociedade triunfar sobre a Natureza, a razão sobre a vida, a vontade sobre o inerte, então a mulher é encarada como feiticeira. Conhece-se a diferença entre o sacerdote e o mágico: o primeiro domina e dirige as forças de que se assenhorou de acordo com os deuses e as leis, para o bem da comunidade e em nome de todos os seus membros; o mágico opera à margem da

sociedade contra os deuses e as leis, segundo suas próprias paixões (Beauvoir, 1970, p. 206-207).

As leis tribais exercem um poder de governamentalidade sobre toda a nação tabajara, um macropoder disciplinar que gerencia as relações entre seus membros, entretanto, no nível dos micropoderes, o índio como sujeito de si mesmo pode se rebelar. Como Irapuã se rebelou contra a lei da hospitalidade que protegia o guerreiro branco, Iracema também se rebela ao decidir entregar seu corpo virgem ao estrangeiro, contando para isso com os conhecimentos sobre o preparo do licor mágico indutor aos sonhos realizadores dos desejos. Da mesma forma que a virgem dos lábios de mel preparava a bebida que Araquém distribuía aos guerreiros para que em sonho realizassem seus desejos, conforme os rituais sagrados, assim também ela preparou a poção mágica que induziu Martim a possuí-la. Por outro lado das relações de poder, mais uma vez, Iracema desestabiliza a posição masculina quando ao acompanhar o colonizador branco em sua fuga dos campos tabajaras, leva-o a decidir tomá-la por esposa, assim como a gravidez predispõe-no a aceitar os rituais indígenas, comprometendo-o com a formação de uma família miscigenada. O parto e a amamentação levam a jovem tabajara à morte precoce, entretanto seus atos propiciam a consolidação de uma nova identidade.

À revelia das leis de seu povo Iracema se entrega ao guerreiro branco, perde a virgindade, desafiando a lei da morte e opta a seguir as leis do amor como uma autêntica heroína romântica. E desse amor vivido em terras dos tabajaras, inimigos de seu povo, engravida conforme a narrativa do capítulo 28 do romance: altiva como uma garça à beira da lagoa, enfeitada com uma cintura e um colar de flores de maniva que lhe enfeitava o colo e os seios já rígidos, a jovem mãe anuncia a Martim que traz no seio o sangue do guerreiro porque ela será mãe. Assim como hoje, os jovens casais vivenciam a gravidez por meio de um



conjunto de rituais, no romance também eles acontecem iniciando-se com cena em que o pai ajoelha-se para beijar o ventre da esposa. O guerreiro branco adotando a pátria da esposa passa por uma cerimônia em que se torna guerreiro vermelho filho de Tupã e recebeu como presente o arco, o tacape, o cocar, a aração. Danças, comidas, cantos, pinturas e ornamentos dos corpos são referências importantes desse ritual consagrado à gravidez da esposa, e a honra dos esposos.

A ocorrência da gravidez atualmente se reveste de novos aspectos, muito mais complexos, envolvendo um aparato sofisticado que passa por ser desejada ou não até chegar aos cuidados médicos com ênfase na saúde e beleza dos corpos das mães, no acompanhamento do desenvolvimento do feto; a preocupação com o enxoval do bebê, com a decoração do seu futuro quarto, com o nome que lhe será dado, com o tipo de alimentação que lhe será oferecida enfim com uma multiplicidade de quesitos que nem de longe se comparam com aqueles contidos nos dois capítulos do romance em que o tema se esgota, pontuando a revelação de que o corpo de Iracema está grávido, e a comemoração do fato por meio de um ritual singelo, mas simbolicamente muito significativo. Mas uma grande questão para a discussão sobre a gravidez na atualidade inicia-se, sobretudo na identificação desse corpo grávido, isto é, de quem é o corpo que engravida ou quem é o sujeito do corpo grávido. A partir dessa identidade, outros desdobramentos surgem ampliando as dimensões da gravidez como um acontecimento existencial, cultural, religioso, médico, político-social... Sobre o qual se debruçam, portanto, inúmeras áreas do conhecimento e sobre o qual se levantam questões polêmicas e inconciliáveis. Pois o feminismo mais combativo afirma que feto não é bebê, e grávida não é mãe, contrariando a posição do cristianismo mais fervoroso. Entre as diversas possibilidades discursivas sobre a gravidez na atualidade percebe-se que o corpo grávido se situa como alvo de uma disputa em que entram em choque interesses de diversas ordens e categorias. Trata-se de um acontecimento, em lugar do qual se deve dizer

sempre algo para protegê-lo, e na maioria das vezes sacralizá-lo e na pior das hipóteses, também liquidá-lo, como se liquida os demais corpos, em meio a violência mais cruel da selvageria urbana, como as mídias noticiam, as frequentes mortes das mulheres grávidas. Na atualidade, o corpo grávido, assim como todos os corpos, está sujeito ao biopoder, ou a biopolítica como afirma Foucault. Esse poder não se aplica somente à disciplina dos corpos, como no caso de Iracema, que se não fugisse seria morta por descumprir as leis tribais; o Pajé como soberano poderia decretar a sua morte e estaria apenas executando um poder disciplinar sobre o corpo de um membro da tribo.

O biopoder que se aplica ao corpo grávido na atualidade é uma teia de micropoderes, com autoridade própria, discurso reconhecido e linguagem específica, que de forma prismática incide sobre seu objeto de interesse, regulamentando e normatizando a gravidez e os corpos grávidos. Segundo Foucault esse tipo de poder tem origem com a modernidade (a partir do século 18) e vai se tornando mais complexo com o desenvolvimento do capitalismo e das sociedades mais complexas e medicalizadas. O cientificismo do século 19 ajudou a fortalecer a preocupação com a saúde e a higienização das populações urbanas e os novos campos do conhecimento expandiram o desejo de saber e conseqüentemente de controlar os corpos e por meio deles o controle do nascimento e morte das populações ocidentais. Em seus cursos no College de France, na década de 1970, mais precisamente na Aula de 17 de março de 1976, Foucault enfatiza o conceito de biopoder e biopolítica como dispositivos de tecnologias de controle e poder sobre os corpos nas novas sociedades de massa.

E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige a multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrario, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a

doença, etc. Logo, depois de urna primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização tem uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante, mas que é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie. Depois da anatomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anatomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de urna "biopolítica" da espécie humana. De que se trata essa nova tecnologia do poder, nessa biopolítica, nesse biopoder que se está instalando? Eu lhes dizia em duas palavras agora a pouco: trata-se de um conjunto de processos como a proporção de nascimento, e de óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população etc. (Foucault, 2005, p.289-290).

A disciplinarização e a regulamentação dos corpos, assim como o desenvolvimento de novas tecnologias paraviabilizá-las faz parte da história da humanidade desde os seus primórdios, mas apresentam-se em cada época de uma forma nova dependendo inúmeros fatores. A passagem da disciplina dos corpos para a regulamentação da população se deu de forma gradual e evolutiva assim como se deu a forma de condução das formas de conhecimento, do nascimento de novos campos das ciências e das novas tecnologias derivadas desses avanços. Desde a década de 1970 aos dias atuais, principalmente no campo das tecnologias da comunicação muitas outras variantes entram na condução do poder exercido sobre os corpos. Em se tratando das tecnologias de poder sobre os corpos grávidos alguns se mantêm ainda atuantes como destacou Foucault desde o século 18 como o poder da medicina, da saúde, do discurso religioso. Até mesmo certos mitos e crendices sobre a gravidez ainda estão presentes na cultura ocidental, entretanto novas estratégias de poder se

consolidaram principalmente no campo das tecnologias da imagem. Hoje o corpo grávido é interpelado por outros e vários discursos do poder.

A imagética do corpo grávido aparece de forma externa e interna; do facebook aos aparelhos de ultrassonografia, das fotos às filmagens, a imagem da mãe e do feto são apresentados, vistos e analisados através de um processo ativo e intervencionista. Tudo se pode ver e mostrar em nome da medicina que protege, cuida e controla o desenvolvimento saudável dos corpos em nome dos afetos e da felicidade da família e dos amigos e da prosperidade. A biopolítica se constitui hoje numa rede de saberes que incluem os testes de gravidez comprados a preços populares, os planos de saúde, a obstetrícia, a enfermagem, as academias e fisioterapias, a nutrição, a psicologia, a psicanálise, a religião, a economia, o direito, a arquitetura, a decoração; tudo em conformidade com o padrão econômico e a classe social a que pertence o corpo grávido. Deve-se destacar no campo da saúde pública e privada, juntamente com os interesses do Estado, a preocupação em otimizar o Pré-Natal cujos cuidados com as vidas que se configuram no corpo grávido é uma forma de poder, uma economia da saúde por meio da qual se exerce a regulamentação dos corpos. Já na década de 1950 os Postos de Puericultura se apresentavam como um dispositivo para cuidar dos corpos grávidos e das crianças por isso podem ser considerados os ancestrais dos novos métodos e práticas da expansão dos cuidados e controles do corpo grávido. Em 1899, Moncorvo Filho fundou o Instituto de Proteção e Assistência à Criança no Rio de Janeiro, e em 1940, Gustavo Capanema criou o DNC, Departamento Nacional da Criança. Pode constatar, portanto que mesmo no Brasil, em sua fase colonial e republicana, seguindo as tendências europeias, já instalava seus mecanismos de proteção e controle sobre os corpos das mães e de seus bebês, evidenciando uma preocupação de ordem político-econômica em relação à população.

Esse pressuposto de que a riqueza dos Estados-nações se mede pela saúde dos corpos de seus habitantes é um princípio que se aplica a todos os corpos, independente de classe, idade, gênero, raça. Entendo que esse pressuposto afetou e afeta, de modo particular, as mulheres por sua relação com a capacidade de gestar e parir. As mulheres e seus corpos, a partir da modernidade, são revestidos de um novo simbolismo político; seus corpos não estão mais a disposição de interesses particulares, como transmissão de sangue e de nome de família, mas também de valores coletivos mais complexos, como o vigor de um povo e o “crescimento/riqueza” de uma nação (Foucault, 1999, p.130, apud Schwengber, 2006, p. 20).

As novas tecnologias midiáticas refletem o biopoder e a biopolítica sobre o corpo grávido, categorias genialmente construídas e altamente produtivas em termos de análise crítica, introduzidas por Foucault nos seus estudos sobre os poderes exercidos sobre o corpo na década de 1970. Os corpos grávidos são objeto de inúmeras formações discursivas que se apresentam com a finalidade de esclarecer, orientar, sugerir, possibilitar às mulheres grávidas a conviver melhor e plenamente com seu corpo durante a gravidez. Em síntese, o corpo grávido tornou-se um produto cultural por meio do qual uma rede de saberes se manifesta; uma economia da saúde, incluindo de imediato a medicalização e a psicologização, se propõe garantir segurança e conforto à gestante e ao habitante de seu ventre. Uma simples pesquisa na internet e nas suas páginas sobre sexualidade, gravidez, parto e maternidade confirma a presença desses conteúdos em suas mais variadas formas e procedências, são informações que vão de conteúdos científicos a frivolidades e supérfluos que correm soltos iludindo os sentidos e afastando as dores, as dificuldades, os incômodos e os desprazeres que o real corpo

grávido experimenta ao longo dos nove meses de gestação e enfrentará durante o parto e a amamentação.

Exercitar o poder na contemporaneidade não apenas a vigilância do corpo, mas também fazer circular “informações” que advertem os indivíduos a cerca “dos riscos, dado o que fazer e o que trazem como herança” (Vaz, 2004, p.8). Assim podemos dizer a pós-modernidade monitora os corpos através de uma rede informações, dentro daquilo que Alex Fraga (2005, p.28) chamou de política informacional “(...) uma forma de governo que não depende [apenas] da relação corpo a corpo para fazer valer um poder sobre a vida da espécie, mas um conjunto de técnicas e procedimentos e saberes que regulam a vida” por meio das informações; pode-se dizer de um grande volume de informações (Schwengber, 2006, p. 35).

Um aspecto muito importante nas mudanças ocorridas na forma de conceber e apresentar o corpo grávido diz respeito às possibilidades desse corpo sentir-se saudável, produtivo e belo. Uma nova estética do corpo da grávida que pode ser exposto sem constrangimento, pelo menos no Brasil, tem data bem marcada, é quando Leila Diniz depois de escolher ser mãe fora do casamento, durante o ano de 1971, passou a exibir-se nas parias do Rio de Janeiro, de biquíni, expondo publicamente sua gravidez. Fotos, reportagens em jornais e revistas exploraram a ousadia de Leila, que revelava, numa revolução simbólica, aspectos da sexualidade feminina que sempre foram sacralizados pela ocultação; como Iracema, Leila viveu sua gravidez de forma livre apresentado sua barriga grávida ao sol. A partir das décadas de 1960 e 1970 muitas transformações aconteceram a respeito da sexualidade da mulher em todo o Ocidente, repercutindo em certos lugares do Oriente,

entretanto é com as novas mídias e suas redes sociais que também o corpo grávido vai adquirir uma maior visibilidade por fora e por dentro. Leila mostrou seu corpo grávido por fora, mas hoje as mulheres grávidas além seus corpos apresentam seu útero, a vida intrauterina, seus bebês nas várias fases de seu desenvolvimento e depois filmam o parto, a primeira mamada, a chegada ao quarto do recém-nascido, as primeiras visitas. Mas antes fazem looks da barriguinha, do barrigão, do chá de bebê e tudo mais, sem desconfiar, muitas delas, que há um histórico de conquistas e uma percussora nessa prática de desocultação dos mistérios da maternidade.

Não é à toa que ela é apontada como uma percussora do feminismo no Brasil: uma feminista intuitiva que influenciou, decisivamente, as novas gerações. Leila Diniz, ao afirmar publicamente seus comportamentos e ideais a respeito de liberdade sexual, ao recusar os modelos tradicionais de casamento e de família, ao contestar a lógica da dominação masculina, passou a personificar as radicais transformações da condição feminina que ocorreram no Brasil. Sua morte precoce em 1972, aos 27 anos, consolidou a imagem libertária que permanece até os dias de hoje. Leila Diniz inventou seu lugar no mundo, tornou-se autorizada na música de Erasmo Carlos (“Como diz Leila Diniz”), eternizou seu nome no poema de Drummond (“Leila para sempre Diniz”), e passou a ser adjetivo na música de Rita Lee (“Toda mulher é meio Leila Diniz”). Afinal, era ela quem dizia “sou uma pessoa livre e em paz com o mundo. Conquistei minha liberdade à duras penas, rompendo com convenções que tolhiam meus passos. Por isso fui muitas vezes censurada, mas nunca vacilei, sempre fui em frente. Tudo o que fiz me garantiu a paz e a tranquilidade que tenho hoje. Sou Leila Diniz, qual é o problema?” (Goldemberg, 2015).

A atitude de Leila Diniz, tendo como pressuposto os movimentos da contracultura dos anos 1960 e 1970, certamente avançou o sinal, pois na medida em que as gerações do sexo ,drogas e rock'n roll era marcada pela presença ativa da juventude, Leila vai além e toca em questões mais polêmicas como a produção independente de filhos e a exposição da intimidade do corpo grávido até então considerado algo que não devia ser profanado. Nesse sentido, sua imagem reproduz e concretiza o pensamento e as lutas dos movimentos feministas americanos e europeus. O corpo seminu da mulher grávida escandaliza e perturba a sociedade brasileira, se opondo aos poderes disciplinadores que agiam sobre o corpo da mulher mãe em estado de gravidez e, portanto, considerado sagrado, assexuado, inviolável, que deveria manter-se oculto aos perigos dos olhares indiscretos e até desejosos. Leira Diniz inaugura o erotismo do corpo grávido, desmistificando cresças e tabus sobre a sexualidade feminina durante o período da gestação. A partir dessa ruptura e, coincidentemente com o avanço das novas tecnologias de comunicação, cada vez mais o corpo grávido vai sendo mais visível e também mais explorado pelo mercado de produção e consumo. Trata-se também de um processo de apropriação desse corpo a fim de submetê-lo aos cuidados e controle de outras áreas como a da economia, da política, da medicina, do direito e tantas outras, mas de forma midiática, massiva, até a saturação como se pode perceber pesquisando o tema nas páginas da internet. A imprensa sensacionalista não se constrange em explorar até o limite da crueldade as tragédias que ocorrem com o corpo grávido; mulheres mortas em situações inadmissíveis pela violenta selvageria urbana.

Se durante muitos séculos, o corpo grávido foi protegido dos olhares indiscretos por meio de roupas e adereços, hoje ele é exposto sem nenhum constrangimento. As grávidas são estimuladas a mostrarem-se, pois seus corpos são naturalmente belos e mais que apresentá-los deve-se cuidar deles em várias dimensões. E em sua defesa e proteção, como diz Foucault em seu controle, novas ramificações da biopolítica aparecem reivindicando o controle sobre



esses corpos. Desde as redes de saúde públicas ou privadas, até às indústrias de alimentos, roupas, cosméticos, bancos e suas formas de poupança, redes de ensino, academias, laboratórios, estudos fotográficos; em nome das mais fidedignas áreas do conhecimento, em cujos discursos se sustentam, estão à disposição dos corpos grávidos e de sua família para torná-los mais seguros, felizes e protegidos, ou para vigiá-los e governá-los.

O parto e a amamentação, subtemas que aparecem no final do romance *Iracema*, se enquadram dentro desses dispositivos e dessas novas tecnologias de poder de governar o corpo feminino, sua sexualidade e reprodução. Diferentemente dos aparatos que protegem e aliviam a mulher contemporânea, na obra, Iracema, a bela virgem dos lábios de mel, que andava livre e feliz pelos campos da nação Tabajara, é apresentada nos capítulos finais como um corpo que sofre e luta ao dar à luz Moacir, o filho nascido da dor. O parto é solitário, o início do processo de aleitamento é sofrido. A ambiência romanesca é triste, a índia que pari sozinha, o que parece ser comum na cultura indígena, mas sente-se abandonada e esquecida e suas forças são escassas. Recebe a visita do irmão Caubi que tenta convencê-la a voltar para sua aldeia, mas Iracema ainda espera pelo guerreiro branco em lutas pela conquista das terras em favor da colonização portuguesa. Martim partira com os pitiguaras para combater a invasão dos franceses e a jovem mãe ficara só e melancólica, pois não acreditava mais no amor do guerreiro branco, tinha ciúmes da jovem branca de além-mar “Teu corpo está aqui; mas a tua alma voa á terra de teus pais e busca a virgem branca que te espera” (Alencar, 1972, p. 90). Já antes da partida de Martim, Iracema sentia que o guerreiro branco esfriara em seu amor, talvez por isso, o corpo materno de Iracema estivesse tão débil, tão desmotivado a reagir e a viver. A fragilidade da jovem mãe não era só física, provinha também da melancolia, da alma triste, pela falta de amor que já pressentira a partir das atitudes do esposo que também se encontra saudosos da pátria, cansado das lutas. Embora tenha vontade de partir

com Iracema para sua terra, sente a impossibilidade dessa solução, e assim como a esposa, ele também sofre.

No romance, o corpo materno se angustia pela dificuldade de amamentar o filho, “A jovem mãe suspendeu seu filho à teta; mas a boca infantil não emudeceu. O leite escasso não pojava o peito. O sangue da infeliz diluía-se todo nas lágrimas que lhe não estancavam nos olhos, pouco chegava aos seios” (Alencar, 1972, p. 98). A justificativa dada pela ausência do leite materno é a tristeza em que se encontra a mãe, que não se alimentava e passava os dias nos amargores à espera do guerreiro branco que tardava. A debilidade do corpo materno aumenta com o passar dos dias e quando finalmente Martim retorna encontra Iracema irrecuperável. Depois de entregar o filho ao pai, não se levante mais da rede e deixa de viver. Sua morte é um fato mítico e simbólico, amplamente discutido pelos analistas da obra. De forma geral é traduzido como uma estratégia romântica de sublimação: Eros e Tanatos são os polos de convergência do romance que tenta resgatar a imagem do índio tão denegrada pelos primeiros colonizadores; recuperar a dignidade de uma das etnias formadoras da identidade brasileira. Há, entretanto, nos escritos de Darcy Ribeiro uma referência a certa credice entre os indígenas de que, as índias não devem relacionar-se sexualmente com o homem branco, pois isso pode causar grandes danos, até a morte.

Mas há um nítido esforço dos homens para convencerem as mulheres de que as que têm relações com Karaiwas morrem em consequência disso. Baseiam a suposição no fato de algumas terem morrido no parto de filhos gerados por brancos e em doenças venéreas apanhadas durante as andanças, que também tem causado dores fortes e mortes. Porém, as mulheres não parecem lá muito convencidas disso; contudo devem temer (Ribeiro, 1996).

Do ponto de vista dos estudos sobre as formas como os povos indígenas foram dizimados no contato com o branco, não há dúvida de que no processo de ocupação das terras e da colonização, os índios foram condenados a morrer em virtude das guerras, doenças, epidemias, novos hábitos de alimentação, sistema de aprisionamento e trabalhos forçados, em fim de uma constante crítica a sua cultura, hábitos e costumes. Por isso convencer as mulheres indígenas a ficarem longe dos homens brancos é uma forma de proteção, um mecanismo de defesa, um contra-ataque cujo sentido é claro e objetivo. Entretanto, pode ser que Alencar não esteja encaminhando seus argumentos diretamente nesta direção, mas como estudioso da cultura indígena e do processo colonizador estava ciente da fragilidade do índio perante a força do branco. A lenda de Iracema, a virgem índia que morre por amar demais o guerreiro branco, que não suportando a solidão e o abandono só sobrevive até entregar ao pai o fruto de seu amor, é uma narrativa oral que o próprio autor revela ter ouvido muitas vezes, contada nos serões de sua terra natal. Essa matéria prima passa pelo crivo sofisticado dos padrões românticos e, por isso a obra está impregnada dos valores estéticos desse estilo, que refletem a ideologia da classe patriarcal burguesa do século 19, com seus valores, tabus e preconceitos sobre o feminino. Esteticamente romântica, a morte de Iracema é uma solução para um conflito, para um trauma cultural, uma espécie de sublimação do inconsciente coletivo. A produção literária encontra um lugar sagrado para colocar o dominado, resgatando sua existência e identidade histórica; uma estratégia ficcional pela qual se redime a culpa coletiva de um processo violento de invasão e ocupação da pátria dos povos indígenas.

No romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade, Mãe do Mato, a amazona mulher do “herói sem nenhum caráter”, após a morte do filho sobe ao céu agarrada a um cipó passa também a ser matéria mítica ao ser transformado na estrela Beta do Centauro. Iracema sofre metamorfose semelhante, pois após parir o primeiro filho da raça brasileira, a morte

transforma-a num mito fundador do povoamento do Ceará. Simbolicamente Iracema e Ci representam, no processo civilizatório, a natureza brasileira e a cultura do autóctone destroçada pela força bruta do colonizador; ambas fazem parte de narrativas que revisitam e redimensionam o legado formador da identidade nacional, ou da entidade nacional como queria Mário de Andrade. As construções dessas figuras míticas, tanto pela metodologia romântica como pela modernista, partem de uma mesma fonte e visam o mesmo objetivo, isto é, apropriam-se de conteúdos mítico-lendários, interpretam e atualizam essa matéria à luz de uma estética literária, e questionam a ideologia no sentido de criticar o apagamento do sujeito histórico vencido pelo dominador no processo da construção da identidade brasileira. O índio como objeto de relatos e estudos, desde os primórdios da colonização até produções mais recentes, tem sido visto como alvo da catequese, da tentativa de transformá-lo em mão-de-obra e como selvagem exótico que muito inspirou o imaginário europeu. Nunca foi tratado como sujeito histórico, embora a literatura apresente os índios como personagens principais, heróis de uma saga esquecida, são construídos a partir do olhar do escritor, homem branco, representante da cultura da cultura branca. José de Alencar imaginou e idealizou e imortalizou figuras míticas e transformou-os em representantes de um gênero: romance romântico indianista. Mário de Andrade retomando a questão da identidade brasileira, também retoma os mitos indígenas e rerepresenta-os na forma de uma rapsódia irônica, paródica, demolidora, atacando o cinismo da cultura branca da burguesia brasileira que sempre tentou apagar os vestígios do índio e do negro como elementos fundantes da identidade brasileira. De maneira geral, a literatura se adianta e põe o índio em cena, mas estudos recentes sobre a cultura e vida sexual dos indígenas brasileiros ainda se recente da presença efetiva do índio como construtor da identidade nacional.

A tese da miscigenação foi associada à ideia de indolência e negação ao trabalho. Essa visão criada pelos colonizadores acabou por delinear o olhar de grande parte dos pesquisadores em relação aos envolvidos no processo de colonização sacralizando algumas representações- o colonizador como condutor do processo e o índio como objeto de tal processo civilizatório. Podemos considerar que em virtude desse fato, os historiadores encontrem certa dificuldade de discutir a história indígena, em primeiro lugar por observar-se um grande silêncio da historiografia em relação à história indígena. Em segundo lugar por ser esta calcada nos vestígios materiais afeitos ao campo da arqueologia, ou da antropologia e, ou, ainda, em tradições orais com as quais os pesquisadores ainda encontram certa dificuldade. Somando-se a essas dificuldades temos ainda a questão do enfoque, pois há certa perspectiva em se trabalhar o indígena como objeto do processo civilizatório dentro do espectro da força de trabalho ou da evangelização. (...) Ao se desconsiderar o indígena como sujeito histórico e como protagonista em suas relações com o europeu, a história ficou restrita ao campo laboral e religioso e negligenciou, sobretudo, a sexualidade (Gomes, 2013, p. 46).

Ainda que a cultura dos povos indígenas brasileiros tenha sofrido o processo de apagamento no bojo de um projeto maior de embranquecimento da população brasileira, iniciado com as novas ondas imigratórias no final do século 19, ainda assim, o texto literário, com suas inúmeras possibilidades de significação e ressignificação oportuniza a discussão de aspectos fundantes da sexualidade e da identidade feminina no âmbito do indianismo. Categorias referentes ao corpo da mulher como a beleza, o desejo, a virgindade, a gravidez, a maternidade, o parto, a amamentação e até a morte da mãe em decorrência do parto transformam-se em temáticas interessantes ao leitor jovem do romance *Iracema*, nos dias

atuais, principalmente se outras obras, como é o caso de *Macunaíma*, forem chamadas para que sejam construídos exercícios de intertextualidade, ou dialogismo entre as leituras realizadas. Um desses aspectos que aproximam as duas obras, já citado acima, é a questão do aleitamento materno e da morte da mãe após o parto. Nas duas obras esses dois episódios são análogos e cumprem uma função simbólica fundamental, mas além dessa dimensão mítico-poética trata-se ainda de uma problemática atual importantíssima para o feminino contemporâneo, envolvendo toda a cultura ocidental. O corpo materno, a amamentação, os riscos e perigos da gravidez e os desdobramentos em subtemas como o aborto, as mães contaminadas com o HIV, a infertilidade, a barriga de aluguel, a inseminação artificial, o congelamentos de óvulos, a clonagem e tantos outros, tem produzido uma literatura imensa que se realimenta ininterruptamente por meio das produções científicas, e de todos os tipos de informação que alimentam as mais variadas mídias.

A gravidez de Iracema é fruto uma história de amor romântico com seus altos e baixos; porém no momento do parto se encontra sozinha, pois o pai ausente combate os franceses invasores, cumprindo o dever de fidelidade à Coroa com auxílio do pitiguaras aliados dos portugueses. Neste sentido, a solidão da esposa é justificada pelo compromisso do esposo. A criança nasce sob uma palmeira à qual a mãe se agarra com força para expulsá-la do seu seio; embora a dor tenha lacerado suas entranhas, “o choro da infantil inundou sua alma de júbilo” (Alencar, 1972, p. 94). Depois banhou o filho nas águas do rio, deu-lhe o seio e descansou com ele na rede, tendo apenas a companhia de sua fiel ará. Tentou procurar pelo esposo, que há três sois tinha partido, mas percebeu pelos seus passos na areia da praia que ele se encaminhara para a guerra, voltou para sua cabana. Assim tem início as desventuras da mãe no pós-parto, uma vez que seus seios entumecem, não consegue amamentar o filho, tenta alimentá-lo com mingau de mandioca e por fim usa os filhotes de irara que conseguem puxar seu leite que vem tingido de sangue. Entretanto a amamentação não se normaliza, pois a mãe

não se alimenta e também o filho padece. A narrativa apresenta, portanto um quadro infeliz do processo de amamentação, ao que tudo indica consequência da profunda depressão em que se encontra a mãe e que a levará a morte.

A gravidez de Ci, Mãe do Mato, se dá em circunstância um pouco diferente, mas que, ainda assim, possibilita algumas comparações com a de Iracema. Macunaíma encontra a amazona quando após deixar sua aldeia juntamente com seus dois irmãos Maanape e Jiguê, perambulam pela selva. Topou com a cunhã que dormia e a reconheceu. “Logo viu pelo peito destro seco dela, que a moça fazia parte dessa tribo de mulheres sozinhas (...) a cunha era linda com o corpo chupado pelos vícios, colorido com jenipapo” (Andrade, 2013, p.25). O herói logo se atirou por cima dela, tentando possuí-la, mas Ci não queria e travou-se uma violenta luta.

O herói se atirou por cima dela pra brincar. Ci não queria. Fez lança de flecha tridente enquanto Macunaíma puxava sua pajeú. Foi um pega tremendo e por debaixo da copada reboavam os berros dos briguentos diminuindo de medo os corpos dos passarinhos. O herói apanhava. Recebeu já um murro de fazer sangue no nariz e um lapo fundo de txara no rabo. A icamiaba não tinha nem um arranhãozinho e cada gesto que fazia era mais sangue no corpo do herói soltando berros formidandos que diminuía de medo os corpos dos passarinhos. Afinal se vendo nas amarelas porque não podia mesmo com a icamiaba, o herói deitou fugindo chamando pelos manos (...). Os manos vieram e agarraram Ci. Maanape os braços dela por detrás enquanto Jiguê com a murucu lhe dava uma porrada no coco. E a icamiaba caiu sem auxílio entre as samambaias da serapilheira. Quando ficou bem imóvel, Macunaíma se aproximou e brincou com a Mãe do Mato. Vieram então

muitas jandaias, muitas araras vermelhas, tuins coricas, periquitos, muitos papagaios saudar Macunaíma, o novo Imperador do Mato virgem (Andrade, 2013, p. 25).

No livro encontro de Macunaíma com Ci se configura num estupro, relatado de forma banal e leviana como se fosse aceitável, não reprovável violar uma índia. É evidente que o autor está se referindo como os corpos das mulheres indígenas foram atacados e violentados, ao longo da história brasileira, sem preocupações éticas ou morais. O “casamento” entre as personagens se inicia, portanto de forma violenta e isso não causa nenhum constrangimento, uma vez que foi comemorado pelas aves que saúdam o herói, agora na posição de novo imperador do Mato Virgem. Depois de alguns meses, fruto de um intenso desregramento erótico-sexual, nasce um filho dessa relação, construída pelo tecido de vários mitos indígenas e populares, tendo como pano de fundo ou base cultural as preguiças e bebedeiras do pai e a vida guerreiro-aventureira e luxuriosa da mãe. Após alguns dias de nascido, o menino morre por culpa da Cobra Preta que veio chupar o único peito da Mãe do Mato, envenenando-o seu leite. Seguindo os rituais indígenas, a criança foi enterrada numa igaçaba, com forma de jaboti, no centro da taba; terminada a cerimônia, a companheira de Macunaíma tira do seu colar, uma muiraquitã famosa, presenteia o herói e sobe ao céu, transformando-se em estrela. A profusão dos mitos que aparecem nesse episódio é matéria de rica interpretação, entretanto o que se deve destacar neste contexto, é a condição cultural do feminino indígena, na qual estão inseridas, assim como no romance *Iracema*, questões relativas à amamentação e à morte materna.

As duas personagens femininas sofrem em seus corpos as consequências do pós-parto, enfrentando complicações decorrentes do aleitamento que ainda hoje é matéria de uma vasta produção científica. Não só no campo da medicina, mas também de muitas outras áreas do conhecimento as informações se cruzam numa polifonia de vozes que falam às mulheres



informando, questionando, orientando, em síntese, se ocupando de seus corpos para assegurar-lhes saúde, conforto, bem-estar, sucesso e satisfação em ser mãe cumprindo suas tarefas com disposição e alegria. O que mais se percebe nessa massa poliforme de informações é a preocupação em orientar e prevenir sobre os inúmeros problemas que ocorrem frequentemente na experiência da maternidade e que podem resultar em dor e sofrimento se não for objeto de atenção e prevenção. Entretanto todos os perigos são passíveis de serem evitados desde que as grávidas, as mães e seus familiares assimilem e cumpram as orientações propostas.

As pesquisas com a finalidade de produzir novos conhecimentos e novas tecnologias sobre a temática da maternidade e seus subtemas vêm se propagando cada vez mais por meio da produção científica destacando-se os trabalhos acadêmicos como artigos, monografias, dissertações, teses e livros, divulgados pelas diversas mídias e acessíveis a grande parte da população. Uma rápida busca nas páginas disponíveis por meio da internet corrobora esta afirmação. Revistas e reportagens jornalísticas também se debruçam sobre o corpo materno produzindo informações e orientações, assim como programas televisivos no formato de depoimentos e entrevistas com autoridades e especialistas no assunto, sem contar com o volume crescente das páginas eletrônicas de consultorias que se especializam em áreas cada vez mais específicas do grande tema da maternidade.

A maternidade é o tema mais amplo que abriga em seu espectro muitos outros, entre eles, o da amamentação que sempre foi uma questão muito séria e importante para a humanidade, pois envolve além do aspecto biológico, que toda fêmea possui de nutrir sua cria, é também um fato cultural complexo cujas representações sociais variam ao longo da história da humanidade. A mulher está equipada biologicamente para a função da amamentação, mas esta ocorre dentro de padrões e variantes culturais específicos aos quais o corpo feminino está submetido. A mãe amamenta não somente porque é uma fêmea, mas

porque é um sujeito, cujo corpo está submetido a um conjunto de princípios e valores que prescrevem uma forma de se comportar e de agir. A mulher, assim como o homem, não nasce sujeito, mas aprendem a sê-lo em seu tempo e em seu espaço conforme as regularidades e dispositivos de sua cultura. Pode-se dizer que nos dias atuais a preocupação com a amamentação tornou-se uma questão de saúde pública, no site oficial do Ministério da Saúde, em suas diversas páginas dedicadas ao aleitamento materno estão às bases das políticas públicas implementadas para que todos os órgãos desse ministério se comprometam e desenvolvam ações efetivas em defesa do aleitamento materno, inclusive material de orientação, como cadernos didáticos, para permanecerem em posse das Equipes da Saúde da Família.

Além dos sites oficiais estaduais e municipais, aparecem os da iniciativa privada, como das cooperativas e convênios médicos particulares e as páginas das indústrias farmacêuticas e as de produtos de alimentos, roupas, higiene para as mães e seus bebês. A profusão de material de orientação, esclarecimento, aconselhamento, propaganda e campanhas em defesa da amamentação natural, com leite materno centram seus argumentos na importância do aleitamento materno arrolando itens como: evita morte infantil, evita diarreias, evita infecções respiratórias, diminui riscos de alergias, diminui riscos de hipertensão, colesterol, diabetes, reduz a chance de obesidade, melhor nutrição, efeito positivo na inteligência, melhor desenvolvimento da cavidade bucal, proteção contra câncer de mama, evita nova gravidez, menores custos financeiros, promoção de melhor vínculo afetivo entre mãe e filho, enfim melhor qualidade de vida. Segundo relatório da OMS, divulgado no dia 1º de agosto de 2017, quando teve início a Semana do Aleitamento Materno, somente 40% das crianças do mundo com menos de seis meses são exclusivamente amamentadas com leite materno. No Brasil, o estudo afirma que a taxa é de 39%. Dentre os 194 países analisados, somente 23 apresentam taxas de amamentação exclusiva acima de

60% entre eles estão o Peru e a Bolívia. Nenhum país do mundo alcançou todos os padrões estabelecidos pela OMS, que recomenda a amamentação exclusiva até os seis meses, depois juntamente com a complementar até os dois anos de vida. Segundo a OMS e a UNICEF se a prática da amamentação até os dois anos fosse adotada em todos os países do mundo, mais de 800 mil vidas seriam salvas por ano.

A ONU quer que os países criem as condições necessárias para que todas as mães possam amamentar seus bebês em qualquer hora e em qualquer lugar. A declaração foi feita pela Organização Mundial da Saúde, OMS e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNICEF, para marcar a Semana Mundial de Amamentação, que ocorre entre 1 e 7 de agosto. A campanha global pretende incentivar a amamentação e melhorar a saúde dos bebês em todo o mundo. A OMS recomenda que o aleitamento materno exclusivo ocorra desde o nascimento até os bebês completarem seis meses de idade. Depois desse período, podem ser adicionados alimentos complementares nutritivos à amamentação até que a criança complete pelo menos dois anos. As agências da ONU afirmam que toda a sociedade tem um papel a desempenhar para tornar as comunidades mais amigas da amamentação. Os Estados Membros da OMS se comprometeram a aumentar a taxa de aleitamento materno exclusivo até 50% até 2030 como parte dos objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Guevane, 2016).

O Ministério da Saúde publicou em sete de outubro de 2009, a Portaria número 22394, que instituiu as comemorações da Semana Mundial da Amamentação Materna no Brasil de 1 a 7 de agosto, seguindo o calendário internacional. A Portaria também delegou a coordenação da SMAM à Coordenadoria Geral de Saúde da Criança e Aleitamento Materno,

do Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, da Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde, e oficializou pareceria do Ministério da Saúde com a SBP. A Semana Mundial de Amamentação Materna é uma estratégia de mobilização que visa conscientizar a população e os profissionais da saúde, no âmbito mundial, sobre a importância do aleitamento materno e de seus benefícios para a sociedade dos países envolvidos. A SMAM com suas ações abrangentes, multiculturais e intercontinentais torna visível o quanto à amamentação é uma temática fundamental à sociedade mundial contemporânea como medida de proteção à saúde da mulher e da infância. A rede de interligações que esse evento promove entre organismos internacionais e nacionais da esfera pública e privada, inclusive envolvendo as mais diversas entidades representativas das variadas áreas do conhecimento é muito complexa, mas eficiente. A quantidade de participações, de manifestações e produção de conteúdos em formato de distintos gêneros textuais, ocorridos por ocasião da Semana da Amamentação, é uma demonstração incontestável de que se está tratando de uma das problematizações de grande impacto para a sociedade ocidental, de um dos grandes temas da atualidade.

E assim se justifica a abordagem do processo de ressignificação decorrente da atividade de leitura e análise do romance *Iracema*, no qual se destacou a presença do corpo grávido e do corpo materno, além das dificuldades em relação à amamentação. A jovem mãe indígena desejava alimentar o filho com seu leite, por isso sofreu muito e não foi totalmente exitosa, assim como ainda hoje acontece com mães que se queixam dos incômodos e dores causados pela amamentação que pode ser complicada em alguns casos. A morte de Iracema no pós-parto decorrente de sua fragilidade e esgotamento físico emocional é outro conflito apresentado na obra de Alencar. Na obra, a morte da heroína pode ser interpretada como um recurso de sublimação e mitificação da figura indígena, plasmada pelo idealismo romântico com a finalidade de resgatar a sua importante participação na construção da identidade

brasileira. Entende-se assim uma vez que a jovem mãe deixou-se abater melancolicamente devido à saudade do esposo em guerras contra os franceses e à desconfiança de que ele não era mais feliz ao seu lado, talvez sonhando em voltar para a terra natal. Tratando-se de um romance romântico é justo afirmar que foi o amor, ou a possibilidade do afastamento do ser amado, a causa, o motivo mais profundo da morte de Iracema. Mas pelo fato da personagem encontrar-se no período do pós-parto, com um filho para amamentar, vivenciando uma situação que ainda hoje é enfrentada pelas mulheres, o corpo morto da índia tabajara leva o leitor atento à ressignificação do tema da morte materna durante a gravidez, no parto e no pós-parto; uma situação que tem deixado milhares de crianças órfãs em todo o mundo.

A ocorrência da morte materna por complicações durante a gravidez, no parto e no pós-parto é um problema grave e os dados das estatísticas preocupam as autoridades e os profissionais da área da saúde, embora o número tenha diminuído significativamente em relação ao século 19, e à primeira metade do século 20. Apesar dos avanços e conquistas na área da obstetrícia, da farmacologia e das tecnologias voltadas à medicina, ainda assim não se atingiu um patamar considerado satisfatório pela Organização Mundial da Saúde. A OMS, que tem monitorado mundialmente as condições da maternidade e da morte materna vem alertando para a baixa porcentagem de diminuição dos óbitos das parturientes. As principais causas desse tipo de morte são bem conhecidas e circulam de forma acessível para grande parte da população em forma de informações e orientações oferecidas pelas redes de saúde, incluindo os postos de atendimento, ambulatórios, consultórios, cartilhas e folhetos além da grande quantidade páginas que se encontram circulando por meio da internet. A pressão alta durante a gravidez, as hemorragias durante o parto e o pós-parto, as infecções e os abortos clandestinos são as principais causas da morte materna no mundo. Se durante muito tempo, essas mortes eram atribuídas à fatalidade, hoje elas ocorrem não pelo desconhecimento das causas, mas principalmente pela má qualidade da assistência no pré-natal, no parto e pós-

parto, isto é, os óbitos são consequência da má qualidade assistencial oferecida às grávidas, principalmente àquelas pertencentes às classes sociais mais carentes. No Brasil a situação já foi pior, mas continua apresentando índices muito altos de mortalidade materna.

Hipertensão e hemorragias estão entre as principais causas da mortalidade materna no Brasil e no mundo, e ocorrem principalmente pela má qualidade da assistência no pré-natal, e no parto. Hoje (28), no Dia Nacional da Redução da Mortalidade Materna, os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) revelam que 800 mulheres morrem de complicações com a gravidez ou relacionadas com o parto todos os dias no mundo. O vice-reitor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e professor associado-livre docente do Departamento de Obstetrícia da Escola Paulista de Medicina, Nelson Sass, disse que o Brasil fez muitos progressos nos últimos anos na redução da mortalidade materna, mas ainda está longe do ideal. Segundo o Ministério da Saúde, a mortalidade materna no Brasil caiu 58% entre 1990 e 2015, de 143 para 60 óbitos maternos por mil nascidos vivos. Levando-se em consideração os dados de 2010 e 2015, sendo o último ano ainda com dados preliminares, a proporção da mortalidade materna diminuiu 12%, saindo de 67,9 para 60 óbitos por 100 mil nascidos. Sass explica, entretanto, que a proporção, no Japão, por exemplo, é de 6 óbitos de mulheres por 100 mil nascidos vivos. No Brasil, segundo ele, os números são bastante heterogêneos e podem variar conforme a região do país, de 44 até 110 óbitos por 100 mil nascidos vivos (Verdêlio, 2017).

Os riscos de morte durante e após o parto sempre acompanharam a vida da mulher em sua trajetória da maternidade e tem originado muitas crenças e superstições ao longo da história humana. Muitos mitos e divindades foram criados, nas mais variadas culturas, com a

finalidade dar segurança e proteção às mulheres na hora do nascimento dos filhos. Na tradição cristã católica, a devoção a Nossa Senhora do Bom Parto remonta a Idade Média. Seu dia é oito de outubro, a virgem considerada a protetora das parturientes é também designada como Nossa Senhora do Bom Sucesso e Nossa Senhora do Divino Parto. A veneração surgiu no século 11, em Paris, na igreja de Saint-Etienne-des-Grés, expandindo-se por toda a França, Espanha e Portugal, atualmente há devotos em diversos países, inclusive no Brasil, com paróquias em São Paulo e Rio de Janeiro. Na mitologia grega, Ilitia, ou Eileithyia, filha de Hera e Zeus, era a deusa do parto e da obstetrícia, com santuários em cidades e grutas; os romanos a chamavam de Lucina. Como Artêmis e Perséfone, as deusas protetoras da maternidade eram representadas carregando uma tocha que significava trazer as crianças à luz e proteger parturientes. Na mitologia nórdica, Gavasíe são as deusas protetoras do parto. No Antigo Egito, entre outras deusas que podiam ser invocadas como protetoras da maternidade, se destaca Isis, deusa da medicina, da espécie humana, da magia, dos encantamentos, da fecundidade, da maternidade e protetora das mulheres em todos os problemas relacionados ao sexo. Hathor, agente de cura sobrenatural, senhora do céu, era invocada para proteger as mulheres na hora do parto, principalmente nos difíceis.

Nos dias atuais, as dificuldades que possam ocorrer durante a gestação e o parto faz com que proliferem discursos em variados tipos de mídia e áreas do conhecimento, oferecendo informações, orientações, consultorias sobre os cuidados e a atenção que merecem. A ênfase recai sempre na prevenção de problemas que possam por em perigo a vida da mãe e do seu filho. A fé em que tudo vai dar certo, a confiança em que as condições médico-hospitalares são capazes de assegurar um parto feliz e bem sucedido são modulações desse discurso, entretanto, um alerta paira implícita ou explicitamente: tudo depende da observância às orientações oferecidas e das condições em que as mulheres são atendidas. Não se pode negar o que as estatísticas provam, a medicalização do parto tem diminuído a morte

materna, mas ela ainda ronda as mulheres das classes sociais mais pobres, que não conseguem usufruir dos avanços da obstetrícia e das novas tecnologias hospitalares: nem todo corpo grávido e nem toda parturiente são cuidados com a mesma eficiência. Por outro lado, os partidários do parto humanizado fustigam a medicina praticada nos hospitais, acusando-a por seus excessos de cirurgias cesarianas e usos de substâncias que estimulam e aceleram o parto. Todas essas questões complexas e polêmicas que envolvem a maternidade, o corpo e a identidade feminina são matéria que emergem no processo de ressignificação, quando se realiza a leitura de uma obra literária de forma integral e crítica; quando o leitor se permite refletir e analisar o texto como um produto cultural que não se esgota e se fecha em si mesmo, mas oferece sempre novas possibilidades de abordagens significativas.



## 7. CAPÍTULO IV

### **IRACEMA: A RESSIGNIFICAÇÃO NA VOZ DO JOVEM LEITOR**

Dar oportunidade ao jovem leitor, no caso desta pesquisa ao leitor vestibulando, de apresentar o resultado de sua leitura de uma obra literária é um fato raro. Em geral, os alunos que se preparam para os exames vestibulares são abastecidos com quantidades enormes de informações sobre os conteúdos de literatura em língua portuguesa, incluindo escritores africanos, brasileiros e portugueses. As obras são objeto de aulas ricas em informações, detalhes, estrutura, estilo, contexto e intertextualidades com outras linguagens como a música, a pintura, o teatro, a dança o cinema. Mas aos alunos não há tempo para apresentação de suas experiências de leitura; muitas vezes, o ritmo acelerado para cumprir o programa não possibilita condições para a leitura reflexiva das obras. E o aluno não as lê, o contato com as obras quase sempre é indireto por meio de resenhas, resumos, sites e/ou apenas ouve falar delas de forma exaustiva e cansativa em sala de aula, principalmente em se tratando das obras canônicas que não são de leitura fácil, exigindo tempo e o acompanhamento de um instrutor de leitura; um orientador que facilite a formação de um verdadeiro leitor competente e crítico, que entenda a linguagem em que o texto se apresenta e depois realize análises críticas sobre seu conteúdo.

Ouvir as vozes dos jovens leitores vestibulandos, como já se afirmou nos objetivos deste trabalho de pesquisa, foi uma das metas propostas. Perceber como eles receberam o texto, e como o ressignificaram a partir dos elementos de construção da personagem feminina Iracema. Para tanto foram propostas 13 questões; quatro de múltipla escolha e nove discursivas, estas em número maior para oportunizar a expressão mais individual e subjetiva do processo de leitura de cada participante/informante.

Nas quatro questões de múltipla escolha, buscou-se a posição dos jovens leitores, primeiramente, no que diz respeito ao processo de leitura objetivando a ressignificação, isto é, se eles consideram esse processo importante para a sua formação, se é significativo refletir sobre valores e crenças do passado à luz do presente. A questão é relevante porque esclarece sobre a metodologia que está sendo adotada, apresenta ao jovem o tema principal da pesquisa e o leva a refletir se essa proposta tem valor para ele.

A segunda questão apresenta as principais temáticas da obra a partir do corpo de Iracema, pergunta-se se a beleza do corpo jovem, a virgindade, o amor, o desejo, a gravidez, a maternidade e a morte estão presentes no texto. É um ponto de partida para perceber se o aluno leu a obra e consegue identificar seus temas mais significativos, uma vez que o romance trata das principais fases do corpo jovem feminino, num encaminhamento para se chegar ao processo de miscigenação que ocorreu na formação da identidade brasileira.

A terceira e quarta questões referem-se à beleza do corpo jovem de Iracema e a sua idealização; esse valor desperta no leitor reflexões sobre a beleza dos corpos jovens de hoje e se há diferenças entre o ideal do passado e do presente. Estas questões buscam destacar uma temática relevante aos jovens, a beleza física, provocando uma comparação estética.

A quinta questão é uma proposta de justificativa para a resposta dada anteriormente (quarta questão) que perguntou ao aluno participante/informante se há diferenças fundamentais entre a idealização romântica do corpo de Iracema, e as idealizações dos corpos jovens nos dias atuais. Essa justificativa oportuniza dois movimentos de análise ao leitor. Primeiro refletir sobre em que consiste o ideal de beleza romântica: perfeição, conjunto de atributos elevado ao superlativo. Em seguida olhar para o presente observar os elementos que constituem o corpo feminino idealizado. Pretende-se com essa proposta levar o aluno a estabelecer comparações entre os elementos que constituíram o corpo jovem feminino ideal

no romantismo do século 19 e como a idealização ocorre na atualidade; perceber se há semelhanças e diferenças nesse processo.

A sexta e a sétima questões também são complementares e possibilitam refletir sobre a virgindade, um dos temas mais problemáticos no romance e que move de forma conflituosa a ação. Iracema perdeu a virgindade ao deitar-se com o guerreiro branco, cometeu uma falta grave e sua pena pode ser a morte. Por isso pergunta-se ao leitor, se a virgindade não é mais um tabu para os jovens de hoje, ou ainda é motivo de apreensões e conflito. E se a virgindade não é mais tabu, quais seriam as preocupações que podem afetar o jovem no momento de sua iniciação sexual. Por se tratar de uma pesquisa com jovens, as duas perguntas são importantes, pois possibilitam momentos de reflexão sobre situações que talvez eles estejam vivenciando.

O oitavo questionamento proposto refere-se aos vínculos com a tribo rompidos por Iracema para poder realizar seu desejo amoroso. Neste sentido, o corpo desejoso é um dispositivo de resistência em defesa da sua subjetividade. Pergunta-se, então, se é possível comparar a atitude da personagem com algum aspecto da luta pela liberdade afetiva e sexual vivenciada nos dias atuais, e também se o jovem ainda enfrenta questões desse tipo. Trata-se, portanto de uma realidade que muitos jovens enfrentam, pois nem sempre seus desejos e suas atitudes em relação a eles são compreendidos e respeitados pelos adultos, principalmente pelos pais. A liberdade amorosa do jovem é até incentivada na sociedade pós-moderna ocidental, mas também pode gerar muitos conflitos, principalmente se as escolhas dos jovens não correspondem às expectativas familiares. Nesse sentido, a questão proposta a partir da leitura literária é importante porque viabiliza momentos de avaliação sobre a liberdade do corpo jovem e seus limites.

A nona e a décima questões propõe à reflexão a ocorrência da gravidez sob o aspecto da comemoração; na obra ela é ritualizada conforme os costumes tribais. Iracema se

prepara para revelar a Martim que já carrega em seu ventre um filho. Depois o guerreiro branco passa por um ritual que o introduz na cultura indígena como pai. Pergunta-se, então, se existem hoje rituais para se comemorar a gravidez e em que situações a gravidez é considerada como um bem, na vida do jovem. Essas duas questões sinalizam ao jovem leitor que o desejo amoroso pode levar à gravidez e que esta pode ser motivo de comemoração, de rituais de alegria dependendo das condições em que ela ocorre. De forma sutil, o jovem é levado a pensar nas consequências de uma gravidez que não se comemora: na gravidez não desejada.

No sentido de ressignificar a idealização das dores e sofrimento enfrentados por Iracema na experiência da maternidade, descritos conforme a tradição cristã e a moral burguesa do século 19; o parto e a amamentação são os principais temas das questões 11 e 12. Pergunta-se, por meio de seus enunciados, se ainda hoje existe a idealização do sofrimento materno no parto e na amamentação, e quais outros valores são lhe são atribuídos na contemporaneidade. Enfim se faz sentido hoje repetir a frase “Ser mãe é sofrer no paraíso”. O corpo da personagem Iracema é apresentado em diversas fases, mas a que mais emociona o leitor é do o parto e a do processo de aleitamento. Os capítulos finais da obra que narram esses momentos sugerem uma oportunidade valiosa para a reflexão sobre as condições da maternidade na atualidade, por isso se justifica a proposição dessas duas perguntas aos jovens leitores de hoje.

A décima terceira questão finaliza o questionário aplicado, abordando o tema da morte materna. A morte de Iracema tem levado muitos críticos e estudiosos da obra, a considerá-la representação do aniquilamento dos povos indígenas na luta com o branco colonizador, e que o saldo positivo talvez tenha sido o processo de miscigenação, simbolizado por Moacir, o filho das duas dores, do parto e da impossibilidade de amamentação. A lenda da morte da jovem indígena em decorrência de sua debilidade pós-

parto, motivada pela solidão, saudade do esposo, inapetência e dificuldades com a amamentação, era matéria folclórica da cultura cearense, da qual o autor se valeu para produzir sua obra. As duas questões propostas são válidas quando, a partir da leitura de uma obra literária do século 19, pretende-se abordar a identidade feminina em seus subtemas como o parto e a amamentação.

As treze questões apresentadas inserem-se dentro de uma pesquisa mais ampla realizada por três discentes do ensino médio técnico, advindas de pesquisas de Iniciação Científica PIBIC/Jr, as quais fazem parte das atividades desenvolvidas dentro do projeto de pesquisa “Educação Sexual: A Literatura e as Mídias como tecnologias de si na construção de modos de existência”. Este projeto faz parte das atividades do grupo de pesquisa GESTELD, da FEB-CTI-UNESP, Bauru-SP, certificado pelo CNPq, que visa contribuir com o campo da Educação Escolar e o campo da Educação Sexual. Formar pesquisadores a partir das produções científicas no nível da Iniciação Científica PIBIC/Jr, com alunos do Ensino Médio, e pesquisas no nível de Mestrado e Doutorado UNESP de Araraquara é um dos principais objetivos do projeto. Portanto, deve-se entender que a aplicação das treze questões, aqui expostas, faz parte de um questionário mais amplo constituído de 26 questões, das quais as 13 últimas questões são as acima descritas.

A aplicação do questionário foi realizada pelos alunos da Iniciação Científica, cujo resultado também fará parte de suas monografias. Por uma questão de ética e de cientificidade na pesquisa o processo de aplicação do questionário foi realizado de forma online, por meio do Google Forms, sem identificação pessoal do pesquisado. No alto do cabeçalho deste questionário, seguiu o seguinte texto de esclarecimento: “Para não identificação pessoal do entrevistado no formulário, após responder o mesmo, tire uma foto ou dê *printscreen* da tela de confirmação do envio com um *sticky note* (disponível em <https://chrome.google.com/webstore/detail/stickynotes/nbjdhgkkehfpifbifjflpaajchdkhpg>)

contendo a turma, o seu número de chamada e nome e entregar a imagem impressa para o representante de sala até o dia 17/11/2017. Caso não seja possível o download do *sticky note*, um simples editor de texto basta. O questionário não deve levar mais de 10 (dez) minutos, contudo sinta-se livre para usar o tempo necessário e responder as questões com seriedade e sinceridade.”

Dessa forma, houve o controle de quantos responderam, pois o questionário geral fez parte das atividades das aulas de Língua Portuguesa e Literatura de quatro salas de segundo ano do Ensino Médio-Técnico de uma escola pública da cidade de Bauru, SP, para os quais o livro *Iracema* fazia parte do conteúdo programático do ano letivo de 2017. Sabemos quem respondeu, mas sem identificação da autoria das respostas. A intenção foi deixar os sujeitos pesquisados a vontade, sentindo-se livres para responder o que realmente pensavam sobre os assuntos ali retratados.

Esclarecemos ainda que, por uma questão de tempo fizemos um recorte para análise discursiva desse questionário geral, a primeira parte – composta de treze questões - será utilizada para as pesquisas de Iniciação Científica PIBIC/Jr e para esta dissertação apenas a segunda parte – constituída também das treze últimas questões explicitadas acima e presentes nos anexos dessa dissertação.

Cabe destacar ainda, a interligação dessas duas pesquisas dentro das propostas do grupo GESTELD, uma vez que ambas tem como ponto de partida a leitura e análise do romance *Iracema* e as possibilidades de ressignificação de temas e subtemas dentro do grande espectro da identidade e da sexualidade feminina.

Aos dois grupos de questões responderam 102 alunos de uma escola de ensino médio técnico, dos cursos de Informática, Eletrônica e Mecânica, do sexo masculino e feminino, na faixa etária de 14, 15, 16, 17 e 20 anos; os quais cursavam no ano de 2017 o segundo ano. Conforme demonstram os gráficos, abaixo:

Gráfico 1

## Idade

102 respostas

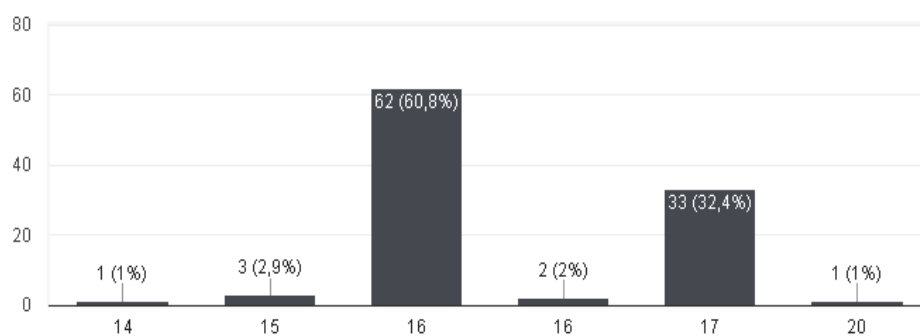


Gráfico 2

## Assinale seu curso

102 respostas

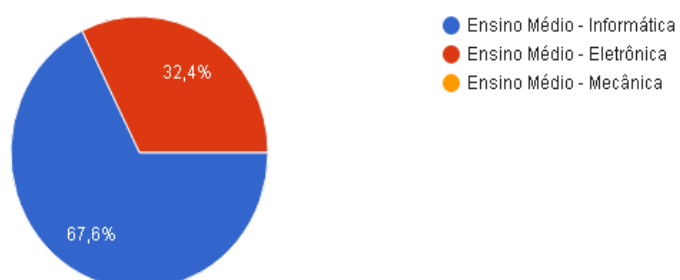
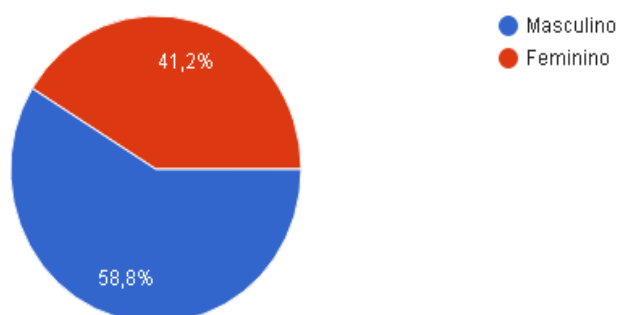


Gráfico 3

## Sexo

102 respostas



Os gráficos demonstram a identificação, não pessoal, dos sujeitos pesquisados: faixa-etária entre 14 e 20 anos, tendo maior expressividade 16 anos com 60,8% e 17 anos com 33%. Dos cursos que responderam ao questionário tivemos 67,6% do Ensino Médio/Técnico de Informática e 32,4% de Eletrônica, os discentes do curso de Mecânica não participaram. Na informação quanto ao Sexo, foram colocadas as seguintes opções ( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Outro\_\_\_\_\_. Das 102 respostas obtivemos o resultado de 58,8% do sexo masculino e 41,2% do sexo feminino. Interessante notar que o universo pesquisado tem um número maior de sujeitos do sexo masculino. Não houve nenhuma resposta quanto à opção Outro.

Na sequência inicia-se a primeira parte do questionário, composta de 13 questões relativas a um dos projetos de Iniciação Científica-Pibic/Jr que investiga “O corpo transformado – O corpo mulher-mãe em "Iracema", cujas questões apenas citaremos para conhecimento do questionário geral: 1) Qual a importância da amamentação na relação mãe-filho; mãe-filho-sociedade? 2) O fato de não poder amamentar, na sua opinião, é um fator agravante na depressão pós-parto? 3) As responsabilidades de se ter um filho, para serem assumidas por uma jovem mãe, necessitam do apoio familiar. Caso a família, não a apoie, como será a situação dessa jovem? 4) Você conhece algum caso próximo da sua escola, família ou amigos em que houve gravidez na adolescência? 5) Do(s) caso(s) que você conheceu/ soube quais os principais problemas enfrentados pela jovem mãe? 6) Você considera a gravidez na adolescência como uma antecipação nas etapas da vida de uma mulher? 7) Diante do exposto, você já pensou no nascimento do corpo maternal e de seus efeitos? 8) Você considera que o corpo materno pode também ser desejoso para o parceiro(a)? 9) Defina o corpo materno em uma única palavra. 10) Imagine que você tivesse passado por uma gravidez, estivesse com 16 anos e depois do nascimento do filho, precisasse voltar à escola, à academia, ou seja, aos mesmos lugares anteriores. Como você acha que seu



corpo seria percebido? 11) Qual sua reação a essa percepção? 12) Se considerássemos esta morte de Iracema simbólica, em qual viés a mulher/mãe morreria? 13) Existe a máxima de que ser mãe é padecer no paraíso. Como a mulher/mãe é percebida e tratada pela sociedade após o nascimento de seu filho?

## 8. ANÁLISE DISCURSIVA DOS RESULTADOS

É importante ressaltar a questão teórico-metodológica aqui utilizada. Os dados nesta pesquisa são tratados não como dados empíricos nos quais os sentidos estão fixados e o trabalho de análise é apenas conteudístico e reflete a realidade imediata que é o objeto de análise, portanto, os dados são dados de evidências.

Na perspectiva da análise de discurso francesa advindas de Michel Pêuchex e Foucault, os dados não são apenas empíricos, mas dados de linguagem. Sendo dados de linguagem e considerando a linguagem como não-transparente, pois o texto seria a materialização de um discurso que reflete modos de dizer que remetem aos modos de pensar de um dado grupo social em dado momento histórico, o método seria o da leitura analítico-interpretativa que leva em consideração a opacidade da linguagem, a subjetividade, a historicidade, a ideologia, a cultura, o simbólico, o social, ou seja, leva em consideração também o que está fora do texto.

As treze questões sobre as leituras resignificativas do romance *Iracema*, respondidas pelos alunos informantes, estão subdivididas, como já foi apontado, em dois blocos: as quatro primeiras no formato de múltipla escolha e as outras nove discursivas ou de construção de enunciado. As de múltipla escolha oferecem três possibilidades de resposta: sim, não, e não consigo avaliar. À primeira pergunta: “*A resignificação de aspectos de uma obra como o romance Iracema é um tipo de leitura literária que oportuniza ao leitor estabelecer comparações entre crenças e valores do passado à luz do presente. Você considera esse exercício significativo para a sua formação?*”, 89,2% responderam sim, 6,9% responderam não e 3,9% responderam não consigo avaliar. Do ponto de vista quantitativo e qualitativo a questão foi bem sucedida, a maioria demonstrou compreender o sentido do conceito de resignificação, e a importância de estabelecer relações significativas entre as

crenças e valores do passado e do presente a partir de um romance como *Iracema*. A leitura literária, devido ao seu caráter plurissignificativo, é um tipo de atividade intelectual que prepara o jovem leitor para o exercício dialético da ressignificação, fundamental à formação do sujeito analítico e crítico.



Figura 1. Pergunta 01

A segunda questão de múltipla escolha: “*A beleza do corpo jovem, a virgindade, o amor, o desejo, a gravidez, a maternidade e a morte são temas que estão presentes no romance Iracema?*”, apresentou o seguinte resultado: 98% dos informantes assinalaram sim e 2% assinalaram não consigo avaliar. Como a pergunta tem como objetivos averiguar se os informantes leram integralmente a obra e se conseguiram abstrair da narrativa elementos temáticos, as respostas demonstram o bom desempenho da maioria dos alunos em relação ao

exercício da leitura e à capacidade de análise crítica. Toda narrativa apresenta um tema subjacente à fábula, perceber elementos da estrutura profunda do texto já é indícios de que o leitor não foi uma mera vítima da ficção, mas conseguiu estabelecer relações de sentido entre o texto e o seu contexto. A sequência linear e cronológica dos temas apresentados na questão acompanha o desenvolvimento da narrativa romanesca; cada tema representa um aspecto relativo ao corpo da personagem e uma fase de sua história. O aluno que leu a obra facilmente reconhece o conjunto temático e concorda com a proposição apresentada.

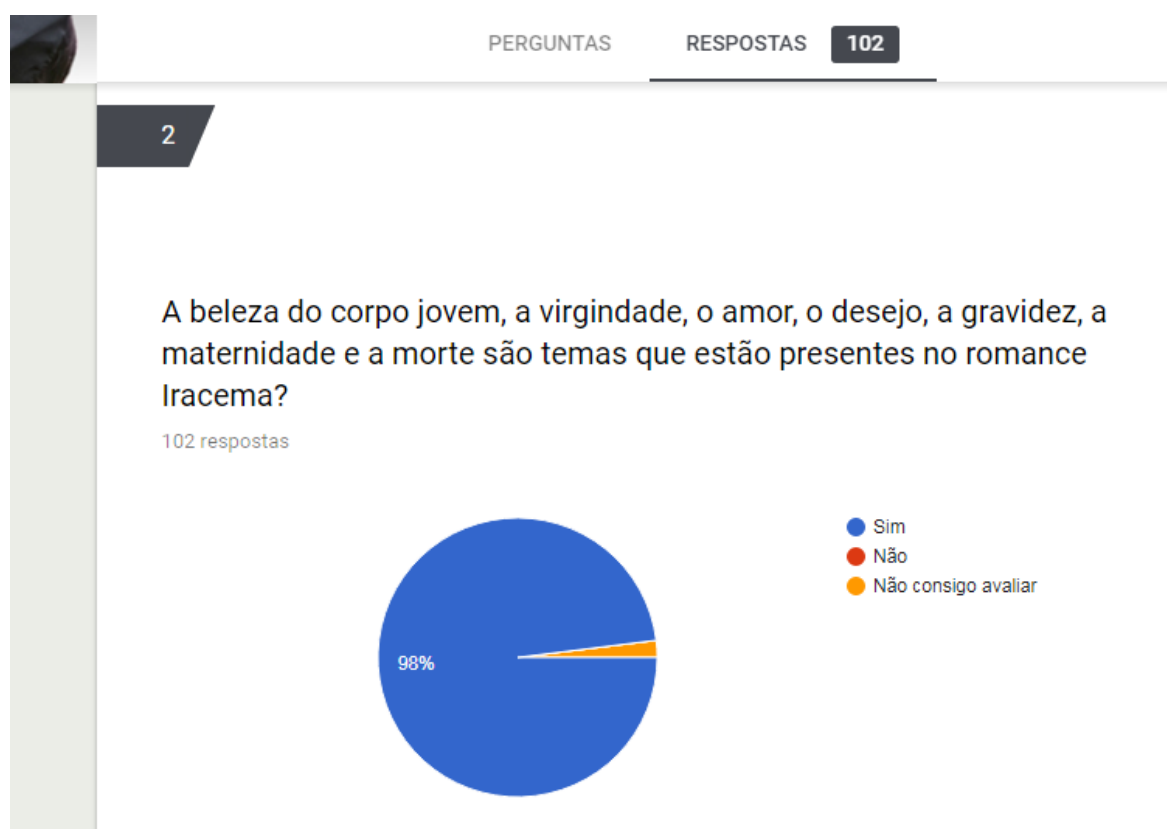


Figura 2. Pergunta 02

O primeiro tema apresentado na questão anterior é objeto da terceira pergunta: “A beleza do corpo jovem de Iracema é um valor que desperta no leitor reflexões sobre a idealização dos corpos jovens na sociedade contemporânea?”. A essa questão 93,1%

disseram sim, 2,9% disseram não, 3,9% disseram não conseguir avaliar. A maioria dos alunos informantes considerou que a descrição realizada sobre a beleza de Iracema desperta nos leitores reflexões comparativas com a idealização que ocorre em relação aos corpos jovens nos dias atuais. Percebe-se pelo número de alunos que concordaram com a proposição que a idealização do corpo jovem é um tema que faz parte das experiências de vida desses jovens e que eles o reconhecem ao encontra-lo em outros contextos, como no caso do romance romântico. Além do fato de perceberem que atualmente se idealiza o corpo jovem, esses alunos já receberam informações de que uma das principais características do estilo romântico é a idealização, cuja origem se encontra na fuga do real por meio da imaginação, do sonho e do devaneio. A positividade das respostas demonstra que os informantes dispõem de experiência e conhecimento suficientes sobre o tema para responder com segurança a proposição apresentada.



Figura 3. Pergunta 03

A quarta questão: “Há diferenças fundamentais entre a idealização romântica do corpo de Iracema e a idealização dos corpos jovens nos dias atuais?”. Obteve as seguintes configurações: 46,1% responderam sim, 40,2% responderam não, 13,7% responderam não conseguir avaliar. A divergência de opiniões leva crer que faltam elementos de análise mais bem definidos e seguros para que se obtenha uma construção responsiva mais consensual como aconteceu com as questões anteriores. Reconhecer que o corpo de Iracema é idealizado é mais fácil para o aluno informante do que identificar quais categorias ou valores compõem a idealização. O mesmo raciocínio é válido para a idealização do corpo jovem hoje. Idealizar pode significar considerar muito bonito, apreciado e desejado, servir como modelo a ser imitado, mas que elementos se entrelaçam para que assim sejam considerados? Quais categorias de valor constituem a idealização? A questão é mais complexa que as anteriores e por isso gera mais dúvidas e divergências. Requer reflexão, questionamentos, enfim uma resposta também mais elaborada.

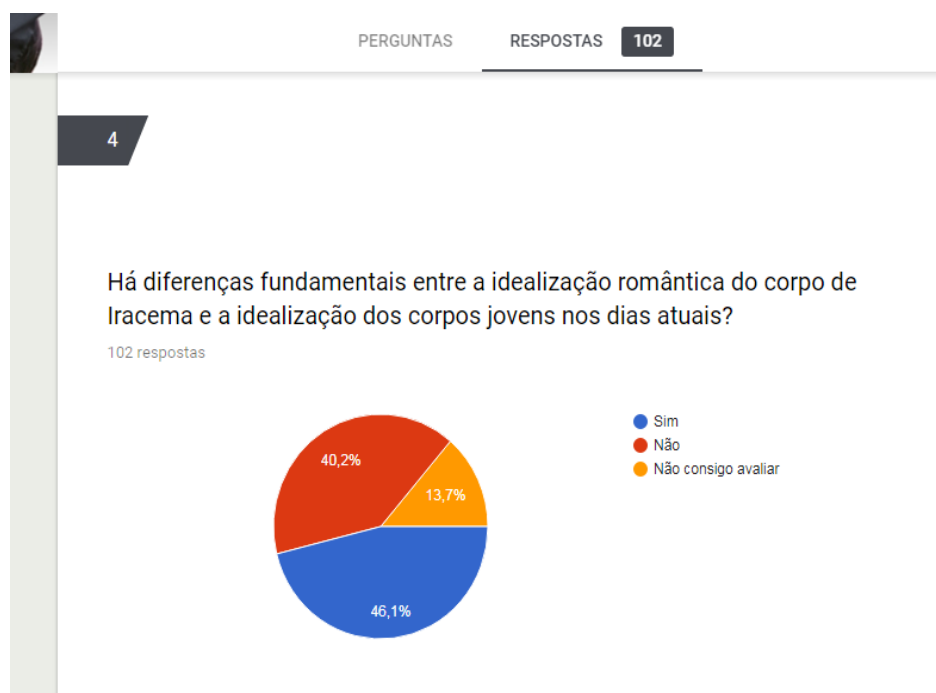


Figura 4. Pergunta 04

Conforme demonstrado nos gráficos acima, o resultado das respostas referente às quatro primeiras questões propostas foi apresentado de forma quantitativa, revelando concordância, discordância ou incapacidade de avaliação para responder a proposição.

As nove questões discursivas versando sobre a beleza do corpo jovem, a virgindade, a gravidez, o corpo materno, o parto, a amamentação e a morte materna; pela complexidade dos temas, multiplicidade dos discursos, e a posição do sujeito discursivo exigiram uma metodologia mais adequada a esse tipo de resposta. Deve-se ressaltar que o questionário aplicado para esta pesquisa é um gênero textual, cujo objetivo é a interpelação do sujeito informante para que se manifeste sobre uma proposição, e que os resultados serão interpretados à luz da análise discursiva.

O objetivo da análise dos discursos responsivos é saber como os jovens leitores do romance *Iracema* ressignificaram um conjunto de temas presentes na obra, isto é, como sujeitos discursivos: jovens leitores vestibulandos; na faixa de 14 a 20 anos; de cursos profissionalizantes do Ensino Médio; de uma escola pública estadual, considerada de bom nível; representantes da classe média brasileira estabelecem relações de sentido, comparando temas abordados no século 19, à luz de suas experiências no século 21. Evidentemente tratando-se de temas relacionados aos valores e crenças da sociedade burguesa em dois momentos históricos diferentes, as questões circunscrevem-se no nível da ideologia, que interpela os sujeitos discursivos.

Na questão número 5, a análise comparativa proposta sobre a idealização do corpo jovem de Iracema e a dos corpos jovens nos dias atuais, resultou unânime numa primeira dimensão: os alunos informantes concordaram que a idealização existiu na obra e ainda hoje existe de forma superlativa. Entretanto, na sequência dos argumentos, a forma, o motivo, e os elementos constitutivos da construção idealizada se repartem em três posicionamentos: a idealização realiza-se igual; com poucas diferenças e diferentes. Algumas respostas

corroboram o exposto: 1- *“Os padrões de antigamente não mudaram nos dias atuais, ainda se procura por corpos jovens e naturalmente bonitos, mesmo que agora essa naturalidade não seja tão natural assim, por conta do uso de roupas modeladoras, dietas saudáveis, academias etc.”* 2- *“A idealização do corpo jovem, principalmente do corpo feminino, apresenta muitas semelhanças à Iracema em relação ao seu formato. Porém, as características como tom da pele, tipo de cabelo, olhos e lábios já possuem diferentes padrões dos de Iracema, ou não pertencem a nenhum.”* 3- *“Vejo a idealização do corpo de Iracema como algo romântico, que remete paixão à perfeição da moça, além de ser uma representação do indígena. Nos dias atuais, a visão ronda conceitos de perfeição inatingíveis e deturpados, que sexualizam abertamente o corpo humano, sem se importar com os efeitos que isso pode causar no público que visualiza tal idealização.”* Há, entretanto uma resposta bastante sintética, mas bem elaborada do ponto de vista da análise crítica que demonstra competência para operar com a ressignificação: *“Não podemos negar a presença de diferenças na idealização do livro com o estereótipo atual, visto que o livro é relativamente antigo, mas a essência é praticamente equivalente.”*

As respostas dos informantes constituem uma polifonia de vozes que dialogam entre si, dentro de uma mesma formação discursiva. Em alguns aspectos, como a idealização do corpo jovem na obra e nos dias atuais, os sujeitos discursivos concordam, as respostas não divergem, constroem um mesmo sentido. Em relação á comparação da forma como a idealização é realizada na obra com a forma como ela ocorre nos dias atuais, há divergências, alguns acreditam que a formas são compatíveis, outros que são parecidas, enquanto outros dizem tratar-se de formas diferentes. A posição dos sujeitos discursivos sofre variações e se em um aspecto eles são concordantes, em outros são discordantes.

Na questão número 6,a virgindade, tabu de caráter mítico-religioso na obra, ressignificada na contemporaneidade pelos sujeitos discursivos informantes apresenta



divergências significativas. Quatro posições podem ser percebidas: a virgindade não é mais um tabu, mas é motivo de conflitos e apreensões; a virgindade ainda é um tabu; o tabu da virgindade existe ou não dependendo do meio em que se vive; a virgindade não é mais um tabu. Algumas respostas correspondem ao exposto: 1- *“Para alguns ainda é motivo de conflitos e apreensões, mas para a maioria não é mais um tabu, relações sexuais na juventude estão muito mais presentes atualmente.”* 2- *“A virgindade ainda é um tabu nos dias de hoje, pois ainda se tem o pensamento de que as mulheres devem se manter virgem até o casamento”* 3- *“Depende da sociedade. Algumas ainda têm a virgindade como algo a ser perdido somente no casamento. Outras não.”* 4- *“A virgindade deixou de ser tabu faz tempo.”* Deve-se informar que a posição majoritária dos informantes é a de que a virgindade não é mais um tabu como no passado, mas ainda continua provocando conflitos, apreensões e muitos problemas aos jovens, principalmente em relação às famílias consideradas conservadoras e ou religiosas. Um número bem reduzido de alunos respondeu que o tabu não mais existe. Portanto, a maioria das respostas revela que a virgindade é uma questão ainda problemática, embora seja tratada com menos rigor pelos adultos, e mais abertamente, entre os jovens. O conjunto discursivo sobre o tabu da virgindade revela que a posição discursiva dos informantes, embora apresente em alguns momentos um teor mais crítico sobre o seu valor moral, retoma formações discursivas conservadoras. Poucas respostas aludiram ao fato da discriminação que sofrem os que são ainda virgens e os que não são mais virgens, evitando um lugar discursivo mais comprometedor.

À questão número 7, em que se pergunta quais as preocupações que afetam os jovens no momento de sua iniciação sexual, ainda tratando do tabu da virgindade, os informantes elaboraram respostas muito semelhantes, em que se destacam repetidamente palavras como: medo, insegurança, preocupação, desconforto, receio, inexperiência, despreparo emocional e psicológico, risco, incerteza. O campo semântico destacado

demonstra a posição de fragilidade dos informantes em relação ao momento da iniciação sexual, visto que a palavra mais repetida é medo. Entre todos os tipos de medo, (mau desempenho, que os pais saibam, das críticas dos colegas, da dor, de não fazer bonito, de não saber como fazer) os dois mais citados foram o de uma gravidez indesejada e das *contaminações por doenças sexualmente transmissíveis*. Algumas citações das respostas: 1- *“Bom, caso o jovem esteja inserido em um meio no qual não existam tabus as preocupações devem girar em torno de uma gravidez não desejada e também o cuidado com as DST's”* 2- *“A responsabilidade que um indivíduo precisa possuir, para prevenir gravidez indesejada ou até doenças sexualmente transmissíveis.”* 3- *“Receio e medo por falta de orientação, além da preocupação com doenças sexualmente transmissíveis e uma indesejada gravidez precoce.”* 4- *“Medo de engravidar/doenças/desempenho”* 5- *“Insegurança com o próprio corpo, medo do parceiro não ser confiável, medo do risco de gravidez, falta de informação.”* 6- *“Todo tipo de problema que pode vir por parte de uma falta de responsabilidade, seja doença ou gravidez indesejada, talvez haja alguns conflitos morais, porém é cômico como essa preocupação só aparece depois do que já foi feito.”*

As respostas demonstram que embora não se sentam seguros quanto ao momento da iniciação sexual, os jovens são bem informados sobre o assunto. Conseguem dimensionar um conjunto complexo de questões sobre essa etapa desafiante da vida; reconhecem seus principais medos e preocupações, identificam diferentes valores e crenças sobre o tema, e apesar das inseguranças e receios colocam-se como sujeitos discursivos competentes para expor suas opiniões. O conjunto de vozes responsivas dialoga evidentemente com outras vozes pertencentes a formações discursivas de cunho formativo e informativo, pois se percebe nas respostas ecos de orientações e informações recebidas e incorporadas que se manifestam no discurso dos informantes. Os riscos e os perigos a que estão sujeitos os jovens no momento da iniciação sexual são as principais preocupações apontadas, revelando não só

o medo e a insegurança do jovem, mas também a dos pais e educadores, que se manifestam por meio dos discursos do jovem informante.

A questão número 8 propõe uma comparação entre a atitude de Iracema, que rompe com a sua tribo para viver seu sonho de amor, e situações semelhantes que possam ocorrer com jovens na atualidade. A maior parte dos informantes respondeu que a ruptura com a tribo, corresponde atualmente à ruptura com a família, fato que pode ser constatado não somente devido a relações amorosas, mas impulsos e desejos de outra ordem como as ligadas à liberdade sexual e à opção sexual. A rejeição familiar atinge principalmente àqueles, cujo perfil foge aos padrões estabelecidos: vida sexual livre, homossexualidade, gravidez precoce, namoro entre jovens de classes sociais muito diferentes. Conforme as respostas, hoje poucos jovens rompem com a família devido a problemas amorosos, mais ainda acontece. Os principais conflitos geradores de rupturas são os ligados a sexualidade, como se pode constatar pelas respostas: 1- *“Sim, com a comunidade LGBTQ. Infelizmente, é comum um jovem sair de casa e ter seu contato extremamente afetado com seus familiares devido a sua orientação sexual, no momento que ele começa a namorar e forma um casal fora dos padrões heteronormativos.”* 2- *“Sim, infelizmente, jovens homossexuais que não encontram apoio familiar para suas relações, acabam por distanciarem-se da família ou dos amigos, para poder ter essa liberdade”* 3- *“Sim, além de todo preconceito sofrido pelos homossexuais, há um preconceito de castas que afeta toda sociedade, por exemplo, quando uma jovem de classe média se envolve com um jovem de renda mais baixa, não só a família da garota não apoiará (na maior parte dos casos), quanto a família do garoto também terá (na maior parte dos casos) certo receio.”* 4- *“Sim. Principalmente na questão da visão sobre os pais sobre isso, como se “quebrar os vínculos com a sua tribo” e “fazer de seu corpo um meio de resistência” fossem algo em paralelo a fazer algo de que se tem vontade mas que muitas vezes não é aceito pelos pais e, por isso, é repreendido.”* 5- *“ Sim, uma vez que a*

*sexualidade dos jovens ainda é fortemente reprimida por uma sociedade embasada em preconceitos. É muito comum famílias reprimirem ou até mesmo abandonarem jovens que não sigam o que estes acreditam ser verdade.*”. Como se pode perceber pelas respostas, os jovens informantes consideram que o corpo e a sexualidade é uma forma de resistência e pode causar rupturas familiares, ainda que não da mesma forma que ocorreu no romance.

A questão número 9, solicita que se comparem os rituais ocorridos no romance para comemorar a gravidez de Iracema com os que são realizados na atualidade. A maioria respondeu de forma bastante concisa e breve, sugerindo interpretar que se trata de um tema pouco relevante para o jovem. Entretanto foram unânimes em apontar que as comemorações existem, mas são rituais que envolvem apenas os familiares e amigos como os “Chás-de-Bebês”, as visitas às mães durante a gravidez e após o parto, com destaque para os presentes ofertados aos recém-nascidos. 1- *“Sim, como chás de bebe, os mesmos são uma forma de prestar auxílio aos futuros pais e comemorar o nascimento da criança.”* 2- *“De modo geral a aldeia foi substituída pelo ambiente familiar e social, apesar de seus costumes e crenças serem muito variados, de maneira geral a gravidez é motivo de comemoração.”* 3- *“Sim. Um exemplo de ritual que acontece quando a mulher está grávida é o chá de bebê, em que se comemora a gravidez e são oferecidos presentes às mães grávidas e aos bebês que estão por nascer.”*

A questão número 10 complementa a anterior, perguntando em que circunstâncias a gravidez é comemorada, e considerada um bem na vida dos jovens hoje. O campo semântico identificado nas respostas apresenta uma recorrência muito significativa das seguintes expressões: relacionamento sério, relacionamento estável, casamento, estabilidade financeira, estabilidade familiar, planejamento, gravidez desejada. Essas expressões demonstram que, a maioria dos jovens informantes considera que a gravidez só é um bem e deve ser comemorada quando o relacionamento é sério e estável e há uma estabilidade financeira

estável, e é desejada pelo casal. O conteúdo das respostas é semelhante e se repete com variação mínima, portanto o posicionamento discursivo é consensual, demonstrando conceitos padronizados que exclui a gravidez como algo positivo na vida do jovem que ainda não conquistou estabilidade financeira e não construiu uma relação estável. A materialidade sólida e consistente da relação e da condição financeira é, portanto a base para se desejar e comemorar a gravidez. A ausência desses requisitos é um problema sério que se deve evitar. Algumas respostas exemplificam essa posição discursiva: 1- *“Geralmente depois que esses jovens já estão com uma situação financeira resolvida e dentro de um relacionamento estável (casamento)”* 2- *“A gravidez é comemorada quando a jovem já atinge certo nível de estabilidade financeira e matrimonial, podendo assim, lidar com custos de uma maternidade ao lado de uma figura paterna presente em tese”* 3- *“Quando ela é desejada e planejada, não só pelos pais como pela família dos jovens. Em outros casos, essa comemoração é mais constante quando já se atingiu a vida adulta e a fase da juventude (estudos e formação acadêmica) já foi concluída.”* 4- *“Quando o casal está bem financeiramente, casado e com a vida resolvida.”* 5- *“Quando se trata de algo intencional e existe uma boa base para que tudo ocorra bem, sem complicações em termos futuros, dos pais e da própria criança”.*

A questão número 11 refere-se ao corpo materno de Iracema idealizado a partir dos sofrimentos causados pelo parto e amamentação. Pergunta-se se ainda hoje essa valorização do sofrimento ocorre ou se houve mudanças. As respostas dadas pelos informantes dividem-se em dois conjuntos. Um afirma que a idealização do sofrimento materno, tendo como destaque o parto e a amamentação ainda existe e é motivo de reverências às mães. O outro afirma que essa forma de idealizar o corpo materno já não ocorre mais, pois outros valores surgiram com o passar do tempo, substituindo a dor e o sofrimento por formas mais positivas de conceber a maternidade. Os argumentos para justificar as duas posições se sustentam nas dimensões e aspectos físicos, psicológicos, afetivos e sociais. O grupo de informantes que

afirma que a idealização do sofrimento ainda existe, destaca as dores e sofrimentos físicos que acometem o corpo da mãe, tanto na hora do parto quanto no processo de amamentação; as dores e sofrimentos psicológicos em relação às inúmeras mudanças que ocorrem na vida e no corpo da mulher; as dores e sofrimentos motivados pelos afetos, em forma de sentimentos e emoções negativas; e as dores e sofrimentos sociais advindos de fatores materiais como trabalho, condição financeira, acesso aos cuidados médicos. Os sofrimentos existem, fazem parte da vida do corpo materno e por isso são valorizados e idealizados.

O grupo de informantes que considera a idealização dos sofrimentos não existente também sustenta seus argumentos nos aspectos físicos, psicológicos, afetivos e sociais, mas numa perspectiva oposta, aos do sofrimento, isto é, a das positivities. Sobre as dores físicas destacam que os recursos médicos e tecnológicos tornaram o parto e a amamentação em momentos menos tensos e dolorosos e até mais gratificantes. Assim como os sentimentos e as emoções negativas foram substituídos devido aos cuidados e atenções com a maternidade que viabilizam condições para que o corpo materno se sinta mais seguro e psicologicamente feliz, realizado, propenso à ternura e ao carinho. As duas posições, retomam evidentemente vozes pertencentes a formações discursivas diferentes, mas que convivem intercruzando-se a partir do posicionamento das diferentes áreas da produção do conhecimento, da cultura, da religião e da política. Evidencia-se o dualismo dos posicionamentos e uma certa variedade de argumentos nas respostas dos informantes: 1- *“Sim, a insegurança com o corpo, a dor da amamentação ainda são questões pensadas no dia de hoje”. Um corpo "cicatrizado" e "fora de forma".* 2- *“Sim, a gravidez é e sempre será uma luta entre o filho e a mãe, onde um quer crescer o mais rápido possível, absorvendo ao máximo os nutrientes providos, é outro quer sobreviver.”* 3- *“Acredito que sim, ainda existe a associação da dor e do sofrimento a gravidez, já que mesmo com avanços notáveis da medicina, ainda é um processo que envolve uma mudança no corpo da mulher e conseqüentemente pode ser doloroso.”* 4- *“Sim. A figura*

*materna ainda é associada ao sofrimento e sacrifício, ainda que também a amor incondicional” 5- “Não, hoje há leites específicos para cada criança, diversos métodos para se realizar o parto, cremes e tratamentos. A maternidade não é mais ligada à dor e sofrimento, mas sim aos cuidados e vida saudável.” 6- “Atualmente é mais comum ver a maternidade pelo lado positivo, esquecendo o lado da mãe e das partes negativas de um parto. Os valores são mais ligados à felicidade de se ter um filho, mas a visão sobre a diferença do corpo no antes e depois permanecem e já não são tão positivas assim.” 7- “Hoje se tem o olhar científico relativo à essa questão. A tecnologia e os avanços na área de saúde suplantou essas dificuldades iniciais.” 8- “Hoje em dia, com o desenvolvimento das tecnologias, o parto vem sendo cada vez mais seguro e tranquilo, sem trazer muitos riscos à mulher.”*

Na questão número 12, a proposição se relaciona com as duas questões anteriores que trataram das dores e sofrimentos da maternidade; pergunta-se, então, se a frase “*Ser mãe é padecer no paraíso*”, ainda faz sentido hoje. A maioria dos informantes respondeu que sim; um grupo de quatro dezenas afirmou que não, e uma dezena de respostas demonstrou uma posição de *dúvida e ou incerteza*. As respostas dadas confirmam os três tipos de posição: 1- “*Sim, a maternidade é uma fase na vida da mulher envolto de misticismos e beleza, mas o sofrimento e dificuldades sofridas pela mãe em nossa sociedade é uma realidade.*” 2- “*Sim, pois mesmo que ser mãe signifique sofrer pelos medos, é um sentimento de felicidade e uma retribuição de amor e afeto.*” 3- “*Sim. Ao mesmo tempo em que ser mãe é uma dádiva de criar e pôr uma nova pessoa no mundo, muito sofrimento está relacionado à essa criação (ter seu corpo transformado, a dor ao amamentar, ter de acordar à noite para cuidar do bebê, tec.).*” 4- “*Atualmente a frase é um pouco forte. No sentido fisiológico as dores foram reduzidas drasticamente devido a medicina, e psicologicamente, atendimentos que prezam bem estar mental estão cada vez mais disponíveis. O sentido de padecer, sofrer, já é*

*ultrapassado nos dias atuais.” 5- “Não, atualmente podemos ver com a queda da taxa de natalidade e o aumento do número de mulheres que não desejam ser mães, que essa ideia de que ser mãe é a melhor coisa que poderia acontecer com uma mulher é deixada de lado.” 6- “Não, pois apesar de alguns virem em condições favoráveis, a vinda de uma criança acarreta milhares de mudanças em torno e dentro da mãe” 7- “Em parte. Pois tornar-se mãe não é mais considerada uma fase imprescindível na vida de uma mulher é existem movimentos idealistas, em prol da feminilidade, que afirmam que a gravidez não é uma maravilha (do mesmo modo que existe o pensamento resiliente e igualmente forte, em prol da família, que diz que constituir uma família é um esforço que vale a pena e não é mais tão desgastante e exaustivo)” 8- “Essa questão é relativa, dependendo de vários fatores, dentre eles idade, família, situação financeira, casamento, apoio, etc.” 9- “Para alguns ainda sim. Para mim não faz sentido.”*

O conteúdo proposto à reflexão para os jovens informante é um dito popular, portanto de autoria não identificada, uma frase chavão, que revela dados do inconsciente coletivo de uma dada ideologia, que tem sido usado, valorizado, criticado e manipulado pelas mais diversas formações discursivas devido ao alto teor polissêmico que condensa. A tradição oral popular cristã explica sua origem nas palavras proferidas por Nossa Senhora Mãe de Jesus, no momento em que recebe em seus braços o corpo ensanguentado do filho morto. O poeta Coelho Neto, retomando a tradição do enaltecimento do sofrimento materno, sintetizou de forma positiva as contradições inerentes ao dever sagrado das mães, em seu soneto “Ser Mãe”. O conjunto de antíteses e paradoxos apresentados nos versos da composição finaliza-se com a frase chavão “Ser mãe é sofrer no Paraíso”, sintetizando o raciocínio poético do autor. As três formas de respostas dadas pelos jovens informantes retomam vozes de uma longa tradição discursiva da cultura ocidental em que pesa muito os valores cristãos com ênfase na dor e sofrimentos humanos como positividade. Ou em face de



novas formações discursivas refletindo principalmente um viés crítico das posições feministas sobre a condição da mulher nas últimas décadas do século 20 e do século 21, considera que a condição da mulher sofredora é um idealismo ultrapassado. Ou se colocando numa terceira posição demonstra que as duas situações se cruzam na contemporaneidade, em alguns um lado valorizando o sofrimento, mas por outros não. Portanto, as respostas representam formações discursivas que estão presentes na cultura contemporânea, ensejando discursos que são retomados pelos jovens informantes.

A última questão proposta, número 13, refere-se ao corpo morto, ou transfigurado de Iracema como representação da crueldade exercida pelo colonizador branco sobre os povos indígenas. Pergunta-se se a morte do corpo da jovem índia pode ser atualizada ou ressignificada na atualidade. Uma porcentagem significativa, mais de 11% dos informantes não souberam responder a questão. Todos os outros informantes concordaram que a morte da personagem simbolizou o processo de aniquilamento da cultura dos povos indígenas pelo colonizador branco, mas sobre o processo de ressignificação, as respostas variaram muito. Portanto, pode-se dizer que a questão ofereceu muitas possibilidades de interpretação, ou que o assunto realmente é polêmico e gera muitas opiniões diferentes. Ainda assim, os discursos dos alunos informantes retomam formações discursivas de várias áreas do conhecimento, da cultura e da religião, com demonstram as seguintes respostas: 1- *“Interpreto pelo lado de uma sociedade patriarcal impondo regras à mulher e abandonando-a ao mesmo tempo, assim causando seu falecimento.”* 2- *“Os índios morreram graças à vinda dos portugueses. Hoje muitas mulheres morrem devido a falta de segurança no parto.”* 3- *“No universo maternal contemporâneo, a mãe está sujeita à dor e sofrimento provindos de maneira direta ou indiretamente da sociedade como um todo. A morte de Iracema pode servir como uma crítica do autor ao futuro desenhado pela nossa civilização patriarcal onde as mulheres são “assassinadas” pelo homem e pela sua condição gestacional.”* 4- *“No romance, é um caso*

*de amor, mas no processo civilizatório, houve muita violência sexual contra as índias e as escravas. Nos dias atuais, podemos fazer uma analogia com homens ricos e mulheres pobres; empregadas e patrões, por exemplo.” 5- “A morte do corpo da mulher índia pode ser interpretado como a derrota de todo um povo perante a colonização branca. Uma atualização cabível seria comparar esse embate com atuais discussões referentes a ideologia de gênero e sexualidade.” 6- “O sofrimento e a morte de Iracema, faz referência as consequências do processo civilizatório nos povos indígenas. Uma atualização desse tema poderia ser a exploração das populações menos favorecidas de países subdesenvolvidos, por empresas multinacionais presentes no capitalismo predatório.” 7- “o corpo morto da índia seria a civilização indígena e seu fruto com o branco, o mulato. Para mim nos dias de hoje, Iracema seria a mulher pobre que foi abandonada pelo pai do seu futuro filho e morreu ao ter o filho por não ter um hospital decente ou então, por não conseguir sustentar seu filho.”*

A primeira parte das respostas, em geral, concorda com a posição da historiografia contemporânea que apresenta uma análise crítica, baseada nas teses marxistas da luta de classes, a partir das categorias de dominados e dominadores, quando se trata da História da Colonização no Brasil. A extinção de grande número de povos e nações indígenas causada, por fatores de várias ordens, pelo colonizador branco e os vários tipos de mortes ocorridas devido a essa ação civilizatória europeia é certa e consensual, e os alunos encontram essa interpretação nos livros didáticos desde o Ensino Fundamental. Portanto a primeira parte da questão recebeu uma resposta de conteúdo pedagógico-educacional. A ressignificação da morte indígena é que recebe dos informantes um tratamento bastante variado conforme as citações das respostas.

## 9. SUGESTÕES PARA TRABALHOS COM EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DA RESSIGNIFICAÇÃO DE OBRA IRACEMA NO ÂMBITO ESCOLAR.

As obras literárias, principalmente as realistas e naturalistas, que estão mais próximas da realidade devido à verossimilhança são textos muito apropriados aos estudos multidisciplinares. A vizinhança muito próxima da arte com a realidade já era destacada na filosofia clássica, teve seu momento mais intenso no século 19, e hoje com as metodologias interdisciplinares ganhou novo alento e expansão. Por isso se estuda cada vez mais a literatura confrontando-a com outras linguagens e com outras áreas do conhecimento e do saber. Os estudos da sexualidade humana, nos domínios da Educação Sexual, têm também nos textos literários um aliado altamente produtivo.

A verossimilhança, a plurissignificação, a imagética, a metaforização, a simbologia, a variedade de temas e linguagens faz da literatura um saber complexo e fecundo, possibilitando um diálogo constante com o real, uma ressignificação constante de temas, valores, crenças e ideologias. Em vista dessas possibilidades significativas, esta pesquisa propõe uma sugestão de trabalho entre o romance Iracema e conteúdos para a Educação Sexual, no âmbito escolar, contemplando alunos do Ensino Médio e Técnico, já que são eles que têm como disciplina curricular a Literatura em Língua Portuguesa.

### Quadro 1

Pontos para um Projeto de Leitura Literária e Educação Sexual – Ensino Médio

TEMAS	HABILIDADES COMPETÊNCIAS	ATIVIDADES
1-Romance Iracema	- Leitura textual.	- Realizar leitura integral da obra.
2-Romantismo no Brasil	- Compreensão textual.	
3-Romance Indianista	- Interpretação textual.	- Realizar pesquisa sobre as

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificação de gênero e de estilo literário.</li> <li>- Caracterização da obra e de seus elementos estruturais.</li> <li>- Comunicação oral de resultados.</li> </ul>	<p>origens do Romantismo europeu e brasileiro em grupo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar a obra a partir das características românticas e dos elementos estruturais da narrativa em grupo.</li> <li>- Apresentação oral dos resultados em grupo.</li> </ul>
<p>4-Sexualidade 5-Erotismo 6-Identidade feminina no romance Iracema</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificação de temas e subtemas.</li> <li>- Classificação de temas e subtemas.</li> <li>- Análise de temas e subtemas.</li> <li>- Interpretação de temas e subtemas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar trechos da obra em que aparecem os temas da sexualidade, erotismo e identidade feminina na obra.</li> <li>- Realizar a classificação desses temas.</li> <li>- Produzir cartazes com o resultado dos temas.</li> <li>- Produzir um texto dissertativo sobre um tema ou subtema da obra.</li> <li>-Realizar a interpretação de um tema por meio de desenhos ou imagens.</li> <li>- Expor os trabalhos na sala de aula.</li> </ul>
<p>7- Os corpos de Iracema: virgem, desejoso, grávido, materno e morto.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Adaptação do verbal escrito para outros tipos de linguagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realizar leituras sobre os corpos de Iracema por meio de oficinas de criação, usando outras linguagens além da verbal.</li> <li>- Produzir adaptações; encenações; esculturas; pinturas; filmagens; músicas; quadrinhos;</li> </ul>

		vídeos; peças artesanais com penas, cipós, bambu, sementes; figurinos; Entre outras modalidades possíveis de reconstrução.
8- A ressignificação temática à luz da contemporaneidade: virgindade, desejo, gravidez, maternidade, parto, amamentação e morte.	-Realização de reflexões críticas, por meio da ressignificação temática. - Produção de formas interdisciplinares para atualizar temáticas, crenças, valores e ideologias.	-Pesquisar como se apresentam nos dias atuais os temas que se destacaram na leitura da obra. - Realizar análises críticas de comparação por meio de debates, discussões em grupo, entrevistas e palestras com especialistas da área. Participação da comunidade escolar incluindo pais e parentes dos alunos

A proposta apresentada tem como objetivos principais o desenvolvimento da competência da leitura literária; a compreensão crítica, a interpretação textual, e a ressignificação de conteúdos por meio do processo da ressignificação de temas, crenças e valores presentes no romance *Iracema*. A primeira parte do Projeto de Leitura e Educação Sexual visa à leitura integral da obra, compreensão textual, interpretação de conteúdos à luz do movimento romântico e da estilística do autor, assim como a realização de atividades que corroborem esses objetivos. Em um segundo momento, as atividades propostas são mais específicas em relação ao tema da sexualidade, erotismo e identidade feminina com propostas reflexivas e atividades práticas sobre esses temas presentes no romance, inclusive com a realização de oficinas criativas utilizando outros tipos de linguagem além da verbal escrita.

Num terceiro momento acontece o processo de ressignificação de conteúdos temáticos e ideológicos, com de atividades de pesquisas, debates, discussões, entrevistas e

palestras envolvendo os alunos, especialistas da área da sexualidade, comunidade escolar, pais, parentes. Os três momentos privilegiam primeiramente a leitura e a compreensão da obra; em um segundo momento as atividades de expansão dos conteúdos relacionados à sexualidade humana presentes no romance; e finalmente a ressignificação desses conteúdos à luz dos valores, crenças, e ideologia na contemporaneidade.

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as várias contribuições que uma dissertação de mestrado na área da sexualidade humana pode oferecer à Educação Sexual no Brasil destacam-se as pesquisas sobre novas propostas, conteúdos e metodologias que sejam aplicáveis ao trabalho didático-pedagógico com os alunos em sala de aula. A investigação científica nesse campo precisa ser incentivada; estimulada com clareza e objetividade para que a educação no Ensino Fundamental e Médio e os educadores disponham de material criterioso, seguro e adequado às demandas da produção de conhecimento e à formação integral dos alunos.

A realização desta pesquisa justifica-se e é importante por esse motivo, isto é, apresenta o resultado de estudos sobre a sexualidade humana, e a educação sexual com aplicação de uma metodologia interdisciplinar que contempla a literatura como corpus, e através da análise interpretativa do romance *Iracema*, destaca desse texto fragmentos discursivos referentes à sexualidade em seus desdobramentos como o erotismo e a identidade feminina. O trabalho firma-se por isso mesmo no propósito e realização de uma contribuição que possa subsidiar educadores e professores na discussão de temas relativos à sexualidade junto aos seus alunos, tomando como ponto de partida a leitura e análise de uma obra pertencente ao cânone literário brasileiro.

Aplicou-se e analisou-se discursivamente um questionário, por meio do Google Forms, em alunos vestibulandos do segundo ano do Ensino Médio com o objetivo de verificar se os mesmos, na leitura da obra, conseguiam ressignificar os temas propostos para a análise do romance. E o resultado foi muito positivo, pois os informantes muito contribuíram com suas respostas, no sentido de apresentar aos leitores dessa pesquisa, o posicionamento dos jovens leitores em processo de atualização de temas como: a virgindade, a relação amorosa, a gravidez, o parto, a amamentação, enfim sobre o corpo materno.

Desta forma, pode se afirmar que todos os objetivos propostos à realização da pesquisa foram alcançados: leitura e análise da obra *Iracema* em seu processo de produção e circulação; análise dos fragmentos relativos à sexualidade, ao erotismo e a identidade feminina; ressignificação dos temas mais relevantes como o corpo virgem, o corpo desejoso, o corpo grávido, o parto, a amamentação, e o corpo materno morto; aplicação do questionário aos alunos e análise das respostas dos informantes, assim como a elaboração de uma proposta de trabalho a partir dos resultados desta pesquisa.



## REFERÊNCIAS

- Alencar, J. de. (1972). *Iracema*. In J. de Alencar. *Obras imortais da nossa literatura*. São Paulo: Editora Três.
- Andrade, M. de. (2013). *Macunaíma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70-77. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-08932002000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-08932002000200009)
- Assis, M. de. (2006). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Beauvoir, S. (1970). *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Milliet. (4. Ed.). São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Cândido, A. (1971). *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: MartinsFontes.
- Cândido, A. (1995). *O direito a literatura*. In A. Cândido. *Vários escritos*. (3. ed.). São Paulo: Duas Cidades.
- Charaudeau, P. & Maingueneau, D. (2004). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.
- Curtis, S. (2016). *O livro de receitas da beleza natural*. (2a. ed.) São Paulo: Publifolha. Recuperado de <http://publifolha.folha.uol.com.br/catalogo/livros/137157>
- Del Priore, M. (2011). *História do amor no Brasil*. (2a. ed.). São Paulo: Contexto.
- Fonseca, P. C. L. (2011). *Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil*. Bauru: EDUSC.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: movimento da prisão*. (20a. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2002). *A ordem do discurso*. (8a. ed.). São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2005). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.

- Foucault, M. (2009). O sujeito e o poder. In: H. L. Dreyfus & P. Rabinow. *Michel Foucault uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. (2a.ed.). Rio de Janeiro: Forense.
- Freyre, Gilberto. (1997). *Casa grande e senzala*. In G. Freyre. *Obra Escolhida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Guevane, E. (2016). *ONU quer encorajar amamentação em todo o mundo*. Recuperado de <http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2016/08/onu-quer-encorajar-amamentacao-em-todo-o-mundo/#.WiHIpzTJ0dU>
- Mindlin, Betty. (2012). Cenas do amor indígena. *Ciência e Cultura* 64(1), 38-41. Recuperado de [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252012000100015](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252012000100015).
- Moisés, M. (1972). *A literatura portuguesa*. (27a. ed.) São Paulo: Cultrix.
- Nunes, C. A. (2003). *Desvendando a sexualidade*. Campinas: Papyrus.
- Pereira, E. S. R. (1996). Um fabulador da nacionalidade: José de Alencar. *Sitientibus*, (14), 95-122. Recuperado de [http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/14/um\\_fabulador\\_da\\_nacionalidade\\_jose\\_de\\_alencar.pdf](http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/14/um_fabulador_da_nacionalidade_jose_de_alencar.pdf)
- Ribeiro, P. R. M. (2005). A sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: A. C. Bortolozzi & A. F. Maia (Org). *Sexualidade e infância*. (pp.17-32). Bauru: FC/MCA; Brasília: MEC/SEF.
- Ribeiro, D. (1996). *Diários Índios: os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras. Recuperado de <http://eumatil.vilabol.uol.com.br/licoes.htm>.
- Roncari, L. (1995). *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. (2. ed.). São Paulo: EDUSP.
- Schwengber, M. S. V. (2006), *Donas de Si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado de <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp027024.pdf>

Suplicy, M. (1983). *Conversando sobre sexo*. São Paulo: Círculo do Livro.

Verdélío, A. (2017). *Brasil reduz mortalidade materna, mas continua longe do ideal, diz especialista*. Agência Brasil: Brasília. Recuperado de <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-05/brasil-reduz-mortalidade-materna-mas-continua-longo-do-ideal-diz-especialista>

**APÊNDICE A****ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA**QUESTÕES SOBRE A LEITURA RESSIGNIFICATIVA DO ROMANCE *IRACEMA*

1- A RESSIGNIFICAÇÃO DE ASPECTOS DE UMA OBRA COMO O ROMANCE *IRACEMA* É UM TIPO DE LEITURA LITERÁRIA QUE OPORTUNIZA AO LEITOR ESTABELECEER COMPARAÇÕES ENTRE CRENÇAS E VALORES DO PASSADO À LUZ DO PRESENTE. VOCE CONSIDERA ESSE EXERCÍCIO SIGNIFICATIVO PARA A SUA FORMAÇÃO?

( ) SIM            ( ) NÃO            ( ) NÃO CONSIGO AVALIAR

2- A BELEZA DO CORPO JOVEM, A VIRGINDADE, O AMOR, O DESEJO, A GRAVIDEZ, A MATERNIDADE E A MORTE SÃO TEMAS QUE ESTÃO PRESENTES NO ROMANCE *IRACEMA*?

( ) SIM            ( ) NÃO            ( ) NÃO CONSIGO AVALIAR

3- A BELEZA DO CORPO JOVEM DE *IRACEMA* É UM VALOR QUE DESPERTA NO LEITOR REFLEXÕES SOBRE A IDEALIZAÇÃO DOS CORPOS JOVENS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA?

( ) SIM            ( ) NÃO            ( ) NÃO CONSIGO AVALIAR

4- HÁ DIFERENÇAS FUNDAMENTAIS ENTRE A IDEALIZAÇÃO ROMÂNTICA DO CORPO DE *IRACEMA* E A IDEALIZAÇÃO DOS CORPOS JOVENS NOS DIAS ATUAIS?

( ) SIM                    ( ) NÃO                    ( ) NÃO CONSIGO AVALIAR

5- JUSTIFIQUE A SUA RESPOSTA À QUESTÃO ANTERIOR.

6- A VIRGINDADE NÃO É MAIS UM TABU PARA OS JOVENS DE HOJE, OU AINDA É MOTIVO DE CONFLITOS E APREENSÕES?

7- SE A VIRGINDADE NÃO É MAIS UM TABU PARA OS JOVENS NA SOCIEDADE ATUAL, QUE PREOCUPAÇÕES O AFETAM NO MOMENTO DE SUA INICIAÇÃO SEXUAL?

8- IRACEMA QUEBRA OS VÍNCULOS COM A SUA TRIBO PARA REALIZAR SEU DESEJO DE AMOR, FAZ DE SEU CORPO DESEJOSO UM MEIO DE RESISTÊNCIA. ESSA ATITUDE PODE SER COMPARADA COM ALGUM ASPECTO DA LIBERDADE AFETIVA E SEXUAL NO DIAS ATUAIS? O JOVEM AINDA ENFRENTA QUESTÕES DESSE TIPO?

9- A GRAVIDEZ NO ROMANCE *IRACEMA* É COMEMORADA E RITUALIZADA. EXISTEM FORMAS DE COMPORTAMENTO NA SOCIEDADE ATUAL QUE POSSAM SER COMPARADAS COM A DOS INDÍGENAS? COMO ACONTESESSEM ESSES NOVOS RITUAIS?

10- EM QUE CIRCUNSTÂNCIAS A GRAVIDEZ É COMEMORADA, E CONSIDERADA UM BEM NA VIDA DOS JOVENS HOJE?

11- O CORPO MATERNO DE IRACEMA É IDEALIZADO A PARTIR DOS SOFRIMENTOS DO PARTO E DA AMAMENTAÇÃO CONFORME O PENSAMENTO BURGUEZ DO SÉCULO 19, EM QUE A MATERNIDADE IMPLICAVA EM DOR E SOFRIMENTO. EXISTE AINDA ESSE TIPO DE RELAÇÃO? QUE VALORES SÃO ATRIBUÍDOS AO CORPO MATERNO HOJE?

12- A FRASE “SER MÃE É PADECER NO PARAÍSO” AINDA FAZ SENTIDO?

13- O CORPO MORTO DE IRACEMA, CORPO TRANSFIGURADO, PODE SER ENTENDIDO COMO A REPRESENTAÇÃO CRUEL DO EMBATE ENTRE O COLONIZADOR BRANCO E O ÍNDIO. DESSE CONFRONTO CIVILIZATÓRIO TERIA VENCIDO O BRANCO. COMO VOCE INTERPRETA O SOFRIMENTO E A MORTE DO CORPO DA MULHER ÍNDIA NO ROMANCE E COMO SERIA UMA ATUALIZAÇÃO DESSE TEMA NOS DIAS ATUAIS?

**ANEXO A****BLOG GESTELD COM RESULTADOS DA PESQUISA**

Endereço online com os resultados da pesquisa, gráficos, questões e etc, recuperar de

<http://gesteld.blogspot.com.br/2017/12/formulario-de-questoes.html?m=1>